GEOPOLÍTICA DO MUNDO MULTIPOLAR

Alexander Dugin



Alexander Dugin

GEOPOLÍTICA DO MUNDO MULTIPOLAR

1ª Edição

Curitiba-PR

Editora Austral

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dugin, Alexander

Geopolítica do mundo multipolar / Alexander Dugin ; [tradução Álvaro Körbes Hauschild, João Paulo Arrais e Sérgio Lopes]. -- 1. ed. -- Curitiba : Editora Austral, 2012.

Título original: Geopolitics of multipolar world.
ISBN 978-85-65820-02-8

1. Geopolítica 2. Política mundial I. Título.

12-09790 CDD-320.12

Índices para catálogo sistemático:
1. Mundo Multipolar : Geopolítica 320.12

Tradução por: Álvaro Körbes Hauschild, João Paulo Arrais e Sérgio Lopes.

Revisão por: Luana Rege e Tiago Pothin.

Ilustração por: Alessandra Oltramari.

1ª Edição -2012

Curitiba-PR

Esse livro está de acordo com a Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Sumário

Prefácio à edição brasileira de Geopolítica do Mundo Multipolar

A Importância do estudo da Geopolítica

A Geopolítica como foco de estudo foi desenvolvida pelo sueco Rudolf Kjellén, em seu livro "*Staten som livsform*", influenciado pela obra de Ratzel, especialmente pela obra "*Politische Geographie*", onde o Estado assume a forma de um organismo territorial e suas ações perante o mundo e outros Estados delineiam o cerne do estudo em Geopolítica.

Tal ciência veio à emergir na cultura ocidental, como ocorreu com as Relações Internacionais nos anos 20, pois a internacionalização dos problemas estatais ganharam tamanha proporção, junto com os conflitos mundiais, com o desenvolvimento de uma economia de capital global e surgimento de redes de comunicações extranacionais, que buscou-se uma forma de garantir, através do estudo de Geopolítica, a previsão de conflitos internacionais e/ou a estruturação do cenário mundial. Mas tal formação científica não foi totalmente uniforme e linear, pois como podemos constatar nas obras de Haushofer e de Ratzel, o estudo da Geopolítica não tinha como pretensão a geração de uma forma de conhecimentos científicos *stricto sensu*, mas um conjunto de técnicas de aplicação do que era produzido pela Geografia na problemática da conjuntura internacional. Por isto, a Geopolítica foi duramente criticada (principalmente pelos acadêmicos americanos e franceses) como um estudo pseudo-científico que usava de pretensões estatais, aliadas de um "enciclopedismo" de mitos nacionais, em prol de expansão territorial ou através da diplomacia ou através da guerra, pois, como constatou Ratzel, apenas grandes Estados com dimensões continentais, que possuiam a capacidade de impor a sua vontade, continham a tendência de tratar a Geopolítica como assunto de segurança estatal.

Porém, a Geopolítica tomou um escopo mais abrangente e de maior credibilidade, fazendo com que a comunidade acadêmica se interagisse com as cúpulas de Estado, exatamente com dois fatos: o primeiro foi a prestigiada alocução de Halford Mackinder para a Royal Geographical Society, em 1904, onde suas defesas em torno da teoria de que a Zona Central, espaço terrestre que ocupa o centro do continente

Eurasiano, possui a posição cartográfica e as ricas reservas naturais, mais importante na história da civilização mundial, onde: "*quem domina a Europa Oriental controla a Zona Central; quem domina a Zona Central controla a World Island; quem domina a World Island controla o mundo"*[2]; o segundo é a criação da *Revista de Geopolítica*, por Karl Haushofer, em 1924, onde a produção acadêmica nos círculos de Munique e de Berlim, em torno da questão do Estado Alemão e do estudo Geopolítico, foram tão abundantes que a Geopolítica acabou por ser taxada, principalmente no pós-guerra, de ciência bélica alemã, ciência nazista, ciência fascista, etc[3].

Com este esteriótipo criado no pós-guerra, a Geopolítica ficou sob total esquecimento, quando não era criticada, como ocorreu nas análises da corrente da Geopolítica Crítica, que acusava a Geopolítica de ser um instrumento de aplicação do imperialismo das potências hegemônicas, como podemos constatar na leitura de "*Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer guerra*"[4], de Lacoste, principal expoente a Geopolítica Crítica.

Mas o esquecimento do estudo da Geopolítica e as severas refutações da Geopolítica Crítica não foram totalmente negativas, pois reativaram a importância de se discutir a origem dos discursos geopolíticos e as verdadeiras intenções dos Estados, investigando as "eminências pardas" com uma espécie de *Conspirologia*[5], termo cunhado por Dugin, onde a Geopolítica é novamente o centro das atenções internacionais, além, é claro, de abandonar o estigma de "pseudo-ciência". Ou seja, para o homem filosoficamente independente e politicamente dissidente, é de extrema valia tal reativação do discurso geopolítico, pois salva, em parte, a Geopolítica da profanação cientificista, como ocorreu no início do Século 20, deixando-a mais perto da tradicional Geografia Sacra e acusando e agindo contra os agentes do imperialismo da globalização unipolar.

---

[2] *The Round World and the Winning of the Peace*, H. J. Mackinder, Foreign Affairs, 21, 1943.

[3] HAUSHOFER, K. *De la Géopolitique,* op.cit (Apologie de la "géopolitique" allemande), p. 162, Paris, Fayard, 1986.

[4] *Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer guerra*. LACOSTE. Y. 19ª Ed. Papirus, 2011.

[5]- *La Grande Guerre des Continents.* DUGIN. A. Avatar Editions, França, 2006.

Em um debate com o filósofo brasileiro, radicado nos Estados Unidos, Olavo de Carvalho, Dugin disse que está *"convencido que a análise geopolítica clássica ainda é relevante e de fato nos ajuda a entender a situação presente*"[7], reforçando o que foi sustentado anteriormente e sendo validado quando se analisa a influência de geopolíticos como Mackinder, Kissinger, Spykmann, Mahan, Cohen, Brzezinski, etc, na política externa da maior potência geopolítica mundial: Os Estados Unidos da América. É válido lembrar também que a Geopolítica, além da sua função de análise das relações de poder entre os Estados, possui uma estruturação mitológica e simbólica da escatologia e espiritualidade (que são inerentes à todos os países) que regem as relações internacionais, aproximando-se à Geografia Sacra, acendendo o farol dos estudos pertinentes à interação entre o macro e micro-cosmo e entre as influências que o *homo religiosus*[8] pode ter sob a realidade e as ações internacionais.

Podemos verificar isto, por mais que tal teoria seja desacreditada, na estratégia norte-americana de ocupação ao Rimland, espaço que cerca a Zona Central, com suas ações de invasão no Iraque, Iugoslávia, Afeganistão, Kuwait, Libâno, Vietnã, Coreia, etc e fomento de antagonismo de estados-tampão em direção à Rússia e à China, como no caso ucraniano, paquistanês, tibetano, coreano, afegão, etc, além de constatar nos discursos de líderes mundiais um conteúdo espiritual e escatológico que recorrem aos seus mitos nacionais e ao mais profundo antagonismo espiritual da humanidade, como no caso de Bush declarar uma "nova cruzada" contra o "eixo do mal" ou como no caso mais clássico em que Osama Bin Laden acusava o Ocidente de ser um grande demônio e os Estados Unidos como a força maior dos "cruzados".

Assim, podemos analisar a Geopolítica como um dos maiores e mais importantes meios para se compreender a realidade internacional, tal como quando Nietzsche afirma que a filosofia serve como força de libertação, de transmutar e criar valores, não à morrer, a Geopolítica também serve para a libertação, para a transmutação de valores, mas em nível estatal e internacional.

---

[7] *- The USA and the New World Order, primeria réplica, DUGIN, A. 2011. Acesso em: 09/07/2012 http://debateolavodugin.blogspot.com.br/2011/03/alexandre-duguin-primeira-replica.html*

[8] *- O Sagrado e o Profano, A essência das religiões*. ELIADE, M. Martins Fontes, 2008.

O novo Nomos *da Terra*

A. Dugin, em sua análise geopolítica, remete ao conceito schmittiano de *Nomos* da Terra, onde vê este conceito como forma de delinear a divisão de poder na esfera mundial e a estruturação de uma nova distribuição de poder, de um novo *Nomos*.

O geopolítico alemão Karl Haushofer, em sua obra *Grenzen in ihrer geographischen und politischen Bedeutung*[9], explica que as fronteira não são apenas linhas de divisão política, mas simbolizam um combate para a sobrevivência e a existência em um mundo finito que não possui mais capacidade territorial de expansão. Com tal elucidação, podemos refletir sobre a divisão de poder mundial e a relação com o *Nomos*. O filósofo e jurista alemão Carl Schmitt diz em sua obra *O Nomos da Terra*[10], que no direito mítico, a terra é denominada mãe do direito, onde as relações jurídicas entre Estados se estabelece através da tomada e disputa pela terra, sendo um conceito anterior ao Direito Privado e ao Direito Público.

Tal controle sobre a terra, em referências gregas e bíblicas (as divisões e administração das províncias nas civilizações egípcia e grega se denominavam *Nomos*), nos dão referência ao conceito de : *"o aceito e o reconhecido; usos e costumes; lei estabelecida pelo costume ou pela assembleia; princípio ou fundamento.* Hoi nómoi *faz referência, na Atenas Clássica, antes de tudo, às leis de Sólon; ou seja, ao ato constituinte e fundamentador, na* polis, *de uma ordem jurídica, política e econômica, a partir de uma fixação de limites à propriedade agrágria e remissão das dívidas. Nos mesmos dicionários [gregos] encontramos* Nomos *com o sentido de pasto, forragem, prado ou pasto. No conceito de* Nomos *schmittiano se reúnem ambos jogos de concepções."*[12]

De acordo com Carl Schmitt, todo *Nomos* possui antes um *Nemein*, ou seja, uma tomada, uma ocupação ou apropriação, no princípio da terra, mas que pode se extender à qualquer espaço físico do

---

9 *Grenzen: In ihrer geographischen und politischen Bedeutung.* HAUSHOFER, K. *International Affairs (Royal Institute of International Affairs) 1931-1939.*

10 *El Nomos de la tierra, En el Derecho de Gentes del "Jus publicum europaeum"*, SCHMITT, C. Editoral Struhart & Cía, Argentina, 2005.

12 Luis María Bandieri in Prólogo de *El Nomos de la tierra, En el Derecho de Gentes del "Jus publicum europaeum"*, SCHMITT, C. Editoral Struhart & Cía, Argentina, 2005

planeta. Em segundo lugar há um *Telein,* isto é, um dividir ou repartir o tomado, onde cada um recebe sua parte. E em terceiro e último lugar, um *Weiden*, um cultivar ou pastorear, no sentido de produção do espaço tomado. Estes três conceitos são correspondentes, respectivamente, aos aspectos político, jurídico e econômico da ordenação humana, que resultam na formação do *Nomos* da Terra[13].

Nesta mesma obra, Carl Schmitt faz uma análise histórica do *Nomos* da Terra, da divisão de poder da Terra ao longo da história, encontrando três *Nomos*, onde Dugin cita a análise do filósofo francês Alain de Benoist, sobre a formação histórica do *Nomos* da Terra: "*Se referir à teoria do "*Nomos *da Terra" de Carl Schmitt, é possível noticiar a seguinte regularidade. Alain de Benoist escreve sobre isto:*

*'Schmitt estabeleceu que tem tido três "*Nomos*" da Terra antes de hoje. O "Primeiro* Nomos*" é o* Nomos *da antiguidade e da Idade Média, onde as civilizações viveram isoladas umas das outras. Algumas vezes houve tentativas de união imperial como, por exemplo, os impérios romano, germânico e bizantino. Esse* Nomos *desaparece com o início da Idade Moderna, em que os Estados e nações modernos aparecem no período que começa em 1648 com o Tratado de Vestfália e termina com duas guerras mundiais – um* Nomos *de Estados-nação. O Terceiro* Nomos *da Terra corresponde à regulação bipolar durante a "Guerra Fria", quando o mundo foi dividido entre o Ocidente e o Oriente; este* Nomos *terminou com a derrubada do Muro de Berlin e quando a União Soviética foi destruída" e diz mais: A questão é o que será o novo* Nomos *da Terra, o quarto? E aqui, chegamos ao sujeito da quarta teoria política, que deve nascer. Isso é precisamente "O Quarto* Nomos *da Terra" que está tentando nascer. Eu penso e profundamente espero que esse Quarto* Nomos *da Terra seja um* Nomos *de grande lógica continental da Eurásia, o continente eurasiano." Primeiro como farsa, depois como tragédia; ou o Ocidente contra o Resto*

Em 1991 considerou-se que outra Ordem Mundial estava sendo criada, com a queda da União Soviética e a imposição da política externa norte-americana em todo o mundo, pois o vácuo do Bloco

---

[13] *El Nomos de la tierra, En el Derecho de Gentes del "Jus publicum europaeum"*, SCHMITT, C. Editoral Struhart & Cía, Argentina, 2005.

Oriental foi preenchido em pouco tempo pelos Estados Unidos. Muitos analistas norte-americanos de tendência neoconservadora liberal firmaram em suas análises de que uma Nova Ordem Mundial havia sido implantanda, o *Nomos* mundial havia sido transmutado para o controle internacional norte-americano, chegando a afirmar, como no caso de Francys Fukuyama, que o ciclo de desenvolvimento histórico tinha se encerrado15, remetendo à tradição Hegeliana e à estacatologia judaico-cristã, onde a "*Pax Americana*" iria garantir, com seu domínio hegemônico, a tão sonhada Paz Perpétua Kantiana, a Idade do Bezerro de Ouro, a *Golden Age* do Leviatã judaico-cristão. Mas tal análise foi precipitada, pois não considerou a ascenção dos países não-alinhados (como Líbia, Iugoslávia, Brasil, Venezuela, Egito, etc, só para citar alguns) e não previu que o contexto interno dos países do ex-bloco comunista poderia ser muito mais complexo e conflituoso do que na Guerra Fria.

Dentro desta instabilidade, vários outros polos surgiram reinvindicando seus direitos e combatendo seus inimigos, inclusive os Estados Unidos. Com isto, é clara a situação de que os Estados Unidos não garantiram o Fim da História e nem a Paz Perpétua, optando por lutar pela garantia da Nova Ordem Mundial Americana, que já se ruía sem se instalar mundialmente. Este período foi um dos períodos mais assombrosos da história, apesar da grande parte da população mundial não concordar, pois estavam entretidos com seus equipamentos eletrônicos e digitais, entretidos em fazer compras e viajar, pois a economia norte-americana havia investido seu capital em vários países facilitando o consumo e o crédito, consequentemente alastrando todos os países e homens à sua sombra de poder.

Entre os anos 80 e 90 iniciou-se o que Dugin chama de a Transição Global[16], período em que a grande maioria dos países estavam em sérias crises econômicas (o Brasil, por exemplo, enfrentou os "anos

---

[15] - *O Fim da história e o último homem*. FUKUYAMA, Francis. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

[16]- *The USA and the New World Order, Introdução, A transição global e seus inimigos, DUGIN, A. 2011. Acessado dia 09/07/2012 http://debateolavodugin.blogspot.com.br/2011/03/alexandre-duguin-introducao.html*

perdidos" na década de 80), ou em sérias crises políticas (como o caso da Sérvia), onde os Estados Unidos e seus aliados em busca de modificar o *Nomos* da Terra, em implantar a Nova Ordem Mundial, usaram de todos os artifícios possíveis de hegemonia global. Guerras, genocídios, fomentação de separatismos, intromissão na política interna dos Estados, invasões ilegais, perseguições por motivos políticos e religiosos, censura, infiltrações na política de outros Estados, foram só alguns dos meios usados pelo *mainstream yankee*.

Essas táticas, em grande parte, se devem à influência de geopolíticos e pensadores neoconservadores liberais na cúpula de poder norte-americana, como no caso de Samuel P. Huntington, que grosseiramente arquitetou uma ótima argumentação em prol da ofensiva norte-americana na tentativa de implantar uma Nova Ordem Mundial, com a célebre afirmação de "O Ocidente contra o Resto", criando um cenário em que um mundo repleto de caos, fundamentalismos e tiranias iria se voltar contra o último defensor (sic) da liberdade do Ocidente, os Estados Unidos da América.[18]

Mas, o que foi visto é totalmente diferente. O filósofo esloveno Slavoj *Žižek, remetendo à máxima marxista contida no livro O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte19, escreveu um livro chamado Primeiro como tragédia*, *depois como farsa 20; onde ele sustenta de que o mundo em que vivemos é totalmente controlado por um novo estágio do capitalismo e uma nova forma de democracia liberal, adaptada à "pós-modernidade", garantindo o argumento da ofensiva geopolítica depois do 11 de setembro, mas possuindo extrema dificuldade em sustentar tais argumentos com a crise econômica de 2008 e os novos atores econômicos mundiais.* Assim, a tragédia só trouxe mais violações do direito internacional e dos direitos humanos, da *Perestrioka*, passando pelo bombardeio da Sérvia, pela invasão do Iraque até o 11 de setembro e a farsa só trouxe mais revolta com o conformismo dos países em não fazer nada para interromper as ações da grande criança armada que é os Estados Unidos, como ocorreu com a eleição de Barack Obama e a triste e animalesca derrubada de Gadaffi. Dugin, em sua nova análise

---

[18] *O Ocidente e o Resto: Questões Intercivilizacionais*, in *O Choque das Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial*, p. 227,Ed. Objetiva, 1997.

[19]-*O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte*, MARX, K. Ed. Centauro, 2006.

[20]-*Primeiro como tragédia, depois como farsa*. *Žižek, S. Boitempo Editorial, 2011.*

geopolítica dá um único parecer: apenas a Geopolítica Multilateralista pode evitar que o ciclo de tragédia e farsa continue sendo alimentado pelo capitalismo da hegemonia norte-americana.

O Surgimento dos polos antagônicos ao unilateralismo ou o Resto contra o Ocidente

Fidel Castro sempre diz em seus longos e tediosos discursos que: *Un otro mundo és posible*. Já o poeta alemão Goethe disse: *Tudo no mundo pode durar para sempre, exceto o sucesso contínuo.*

E de fato a história confirmou essas duas frases. A hegemonia unilateral norte-americana está começando a dar sintomas de que seus tempos chegam ao fim e reações à últimas ações unilaterais vêm sendo feitas em conjunto. Ao longo da última metade do Século 20 e início dos anos 90, quase nada foi feito em conjunto para garantir a liberdade dos povos em nível internacional. Dugin lembra que a maioria dos polos de poder anti-hegemônicos careciam de uma estratégia global alternativa à estratégia mundial norte-americana[22], mas os rumos da política mundial começaram a mudar em 1991 e sofreram grande transformações após o 11 de setembro. Muitos países que estavam em desenvolvimento no terceiro mundo na época da Guerra Fria, hoje possuem grande influência nas relações internacionais e reinvindicam a remodulação da estrutura de poder, pois quase nada foi mudado desde o fim da 2ª Grande Guerra Mundial.

A distribuição e desenvolvimento de poder bélico ficou restrita apenas aos países que possuiam tecnologia e armamentos bélicos antes dos anos 90 (os Estados Unidos criticam a produção bélica do Irã, mas possuem armamento nuclear suficiente para destruir o mundo totalmente e mais de uma vez) e as estruturas jurídicas e as organizações internacionais que foram criadas para que se evitassem demarramentos de sangue como o da 2ª Guerra, apenas reforçam a hegemonia geopolítica de alguns países que possuem todo o poder mundial em suas mãos (o Conselho de Segurança da ONU e o desenvolvimento de um sistema jurídico internacional baseando-se em leis do Ocidente são

---

22- *The USA and the New World Order, Introdução, A transição global e seus inimigos, DUGIN, A. 2011. Acessado dia 09/07/2012 http://debateolavodugin.blogspot.com.br/2011/03/alexandre-duguin-introducao.html*

os melhores exemplos).

Com isto, muitos estão se organizando e agindo em conjunto para quebrar esse paradigma atual e o exemplo mais clássico deles é o Estado russo, que, com a ascenção de Putin, vem defendendo de maneira firme a distribuição de poder e o reordenamento do *Nomos* internacional, em ação conjunta com países como Índia, China (que na verdade é uma das maiores afetadas com a coalização geopolítica norte-americana), o Brasil (representando da América Latina no cenário internacional e reinvindicando uma cadeira permanente no Conselho de Segurança da ONU, proposta que foi bem recebida pelo Estado russo), a África do Sul, a Venezuela (maior representante latino-americana da luta contra a hegemonia *yankee*), entre outros, dando um exemplo de que sua política interna anda em conjunto com sua política externa, pois um país com tão grande distribuição de poder interno como a Federação Russa não poderia agir de maneira contrária na sua política externa.

O eurasianismo, ideologia telúrica, multilateralista e anti-ocidental, vem sendo novamente redescoberto como meio de combustão para a implantação de um modelo multipolar no mundo, em alternativa à globalização unipolar, com alguns acadêmicos que de forma heroica divulgam tais ideias, que apesar de remeterem geograficamente ao continente eurasiano, encontram em todo o mundo, inclusive dentro do seio da sociedade norte-americana, ideias e movimentos compatíveis ao antagonismo pela decadência do Ocidente Moderno (representado primeiramente pela figura dos Estados Unidos) e favoráveis à distribuição de poder mundial.

O Eurasianismo ou a união ideológica global para a mudança de paradgima, ainda estão em caminho de serem realizados, mas a União Eurasiática, os BRIC's, a UNASUL e a Lusofonia, entre outros, já são realidades.[23]

---

[23] *A Lusofonia, o Pan-latinismo e a Eurásia como alternativas ao Atlantismo*, Gonçalves, F. In http://projectoeurasia.wordpress.com/2009/04/20/a-lusofonia-o-pan-latinismo-e-a-eurasia-como-alternativas-ao-atlantismo/, acesso em 09/07/2012.

Finis Mundi

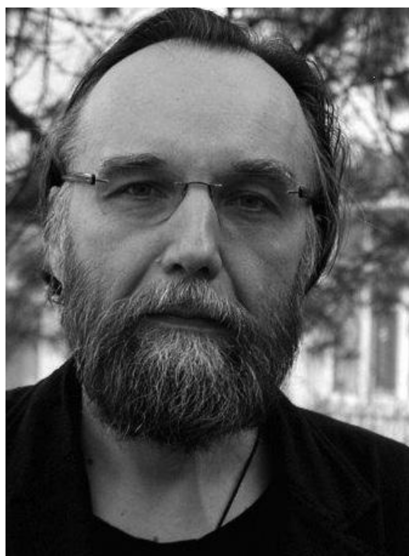
Concluimos aqui a análise acerca da obra de Alexander Dugin com uma previsão polêmica. A implantação do projeto multipolar consequentemente arrastará o mundo como tal ao *Finis Mundi*. O que isso quer dizer? Diferentemente do que muitos podem achar, o fim do mundo físico, como planeta do sistema solar, é uma alucinação para lunáticos de pseudo-teorias, mas o *Finis Mundi* simbólico é mais real do que se presume. Ernst Cassirer e Mircea Eliade desenvolveram teorias em que identificaram o homem como animal simbólico[24], no caso de Cassirer e como *homos religiosus*[25], onde a interação entre o sistema de mitos com a realidade ultrapassam as barreiras do simples folclore, influenciando-o em toda a sua visão de mundo[26]. E realmente isso pode ser levado em conta, pois a maioria das ações humanas possuem um fundo mitológico. Eliade, no mesmo livro, conta que o mundo para o homem simbólico só existe enquanto revelação, ou seja, só existe enquanto algo que revele um mistério do espírito humano faça com que tudo que esteja relacionado com ele se torne sagrado. Também afirma Eliade, que a revelação só considera a existência do mundo em que ela interage, o mundo sagrado, sendo o resto um "não-mundo", algo profano.

Spengler, Réne Guenón e Julius Evola nos deixaram bem claro qual é o futuro do Ocidente enquanto unidade profana e quais são os rumos à frente. A revelação já nos foi feita, pois, como dito antes, somos *homos religiosus* e a unipolaridade ocidental enfrentará o *Finis Mundi*, enfrentará a Espada da Justiça e a Luz da Verdade, desaparecerá enquanto unidade profana e dará lugar à um outro mundo, que é possível. Cabe à nós, contemplar e agir.

por João Paulo Arrais
Curitiba-PR

---

[24] *Antropología Filosófica*, Ernst Cassirer, FCE, México, 1945.
[25] *O Sagrado e o Profano, A essência das religiões*. ELIADE, M. Martins Fontes, 2008.
[26] *Mito e Realidade*, ELIADE, M. Perspectiva Editora, 2010.



Sobre o autor

Alexandr Gelyevich Dugin nasceu em 1962, em Moscou, capital russa, filho de um oficial da inteligência militar soviética e de uma médica. Filósofo, sociólogo, cientista político e ativista, destaca-se como o principal pensador do neoeurasianismo, com seu projeto geopolítico de congregar as nações europeias e asiáticas em uma União Eurasiana para fazer oposição à hegemonia internacional americana e estabelecer uma realidade global multipolar.

Diretor do Centro de Estudos Conservadores da Universidade de Moscou, Doutor em Ciências Políticas e Ciências Sociais, uma nota fundamental em sua trajetória, que o distancia dos meros acadêmicos, tem sido sua participação ativa desde o final da década de 80 em diversos movimentos nacionalistas e revolucionários visando salvaguardar a soberania e restaurar a glória de sua nação. Durante alguns anos em meados da década de 90, foi um dos principais ideólogos do Partido Nacional-Bolchevique, até que, em 1998 saiu do mesmo por discordâncias ideológicas e estratégicas. Em 2001, funda o Partido Eurasiano, posteriormente Movimento Eurasiano, o qual ele lidera até hoje.

Entre suas principais obras estão Conspirologia (1992), Revolução Conservadora (1994), Mistérios da Eurásia (1996), Os Cavaleiros Templários do Proletariado (1996), Fundamentos da Geopolítica (1997), A Filosofia da Guerra (2004), Geopolítica Pós-Moderna (2007), A Quarta Teoria Política (2009), entre outros.

Capítulo 1: Multipolaridade como um Projeto Aberto

§ 1 Multipolaridade e “Poder da Terra"

Geopolítica da Terra no Mundo Global

Na parte anterior, nós discutimos o assunto do globalismo, globalização e mundialismo em uma visão geralmente considerada como aceita e convencional. No entanto, uma análise geopolítica deste fenômeno mostrou que no globalismo moderno, nós lidamos com apenas dois poderes geopolíticos, ou seja, com a talassocracia, um “Poder Marítimo”, que, de agora em diante, clama por singularidade, totalidade e normatividade e que se esforça pra fingir ser a úníca condição civilizacional possível, sociológica e geopoliticamente, do mundo.

Com isso, nós vimos que a filosofia do globalismo é baseada na garantia interna do valor do universalismo do sistema europeu-ocidental pensado como sendo o resumo de todas as experiências das diversas culturas humanas em todos os estágios de sua história.

E finalmente, nós mostramos que nas suas raízes, a globalização possui uma ideologia ativa (mundialismo) e estruturas de poder que se extendem e fazem uso dessa ideologia. Se levarmos em conta que as últimas são os mais autoritários centros intelectuais estadunidenses (como o CFR e os neoconservadores), estruturas do Supremo Comando Militar estado-unidense e seus analistas (como George Soros), um número de organizações internacionais (o Clube Bilderberg, a Comissão Trilateral, etc) e inúmeros analistas, políticos, jornalistas, cientistas, economistas, pessoas envolvidas com cultura e arte e empregados do

setor de tecnologia da informação espalhados por todo o mundo, nós podemos entender a razão pela qual essa ideologia parece ser algo que dispensa comentários para nós. O motivo pelo qual tomamos a globalização como um "processo objetivo" é o resultado de uma imensa manipulação da opinião pública e o fruto de uma guerra total de informação.

Portanto, a imagem dos processos globais que mostramos é, só em parte, uma afirmação do verdadeiro estado das coisas. Em tal descrição, há uma parte significativa de desejo volitivo normativo e imperativo (ideológico) de que tudo deveria ser daquele modo, ou seja, está baseado em chaves e, em certa medida, esforçando-se para representar nosso desejo como realidade.

Nesta parte, nós descreveremos um ponto de vista absolutamente diferente sobre a globalização e o globalismo, que é impossível de dentro do "Poder Marítimo", ou seja, fora do ambiente do chamado "Mundo Global". Tal visão não leva em conta o antiglobalismo e nem o alterglobalismo, porque ela rejeita desde as bases ideológicas e filosóficas mais fundamentais do Eurocentrismo. Tal visão rejeita a fé em:

- Universalismo dos valores Ocidentais, que as sociedades Ocidentais, na sua história, passaram pela única via possível, supondo que todos os outros países devam passar pelo mesmo;

- Progresso como a inquestionável evolução do desenvolvimento histórico e social;

- Que o ilimitado desenvolvimento técnico, econômico e material é a resposta para as mais vitais necessidades de toda a humanidade;

- Que povos de todas as culturas, religiões, civilizações e etnias são fundamentalmente iguais aos povos do Ocidente e que eles são guiados pelas mesmas razões antropológicas;

- Absoluta superioridade do capitalismo sobre outras formações sociopolíticas;
- Ausência de qualquer alternativa à economia de mercado;
- Que a democracia liberal é a única forma aceitável de organização política da sociedade;
- Liberdade individual e identidade individual com os valores superiores do ser humano;
- Liberalismo como historicamente inevitável, alta prioridade e ideologia ideal.

Em outras palavras, nós partimos para a posição do "Poder da Terra" e consideramos o presente momento da história mundial do ponto de vista da Geopolítica-2, ou a geopolítica talassocrática como um episódio da "Grande Guerra Continental" e não como a sua conclusão.

Sem dúvidas, é difícil refutar que o presente momento do desenvolvimento histórico demonstra um número de características únicas que, se desejarem, podem ser interpretadas como a vitória definitiva do Mar sobre a Terra, Cartago sobre Roma e Leviatã sobre Behemoth. De fato, nunca na história o "Poder Marítimo" conseguiu um sucesso tão sério e estendeu o poder e a influência do seu paradigma em tal escala. Claro, a Geopolítica-2 conhece esse fato e as consequências que ele traz consigo. Mas ela percebe claramente que a globalização pode ser interpretada de outra maneira, isto é, como uma série de vitórias em combates e batalhas, não como a vitória final na guerra.

Uma analogia histórica explica a si mesma: Quando as tropas alemãs se aproximavam de Moscou em 1941, podia-se pensar que tudo estava perdido e que o fim da URSS estava previsto. A propaganda Nazista comentou o curso da guerra deste modo: a "Nova Ordem" está criada no território ocupado, as autoridades trabalham, a hierarquia econômica e política estão criadas e a vida social está organizada. Mas o

povo soviético continuou resistindo violentamente em todas as frentes, assim como pelas costas do inimigo, enquanto moviam-se sistematicamente para o seu objetivo e sua vitória.

Esse é precisamente o momento atual na plataforma geopolítica do Mar e da Terra. A política de informação dentro do "Poder Marítimo" está construída de tal forma que ninguém tem nenhuma dúvida sobre o globalismo ser um fato realizado e que a sociedade global se produziu nas suas características fundamentais, que todos os obstáculos de agora em diante são de caráter técnico. Mas de algumas posições conceituais, filosóficas, sociológicas e geopolíticas, tudo isso pode ser desafiado se sugerirmos uma visão absolutamente diferente da situação. É tudo uma questão de interpretação. Fatos históricos não fazem sentido sem interpretação. Assim como na geopolítica: qualquer situação no campo da geopolítica, apenas faz sentido a partir de uma ou outra interpretação. O globalismo é interpretado hoje, quase que exclusivamente, no significado Atlantista e, então, o sentido "marítimo" é colocado nele. Uma visão da posição da "Terra" não muda o estado das coisas, mas muda o seu sentido. E isso, em muitos casos, é de fundamental importância.

Em seguida, nós representaremos a visão sobre a globalização e o globalismo do ponto de vista da posição geopolítica, sociológica, filosófica e estratégica da "Terra".

Fundações para a existência da Geopolítica-2 no Mundo Global

Como poderíamos materializar a possibilidade de uma análise sobre a globalização do ponto de vista da "Terra", levando-se em conta que a estrutura do mundo global, como mostramos, pressupõe a marginalização e a fragmentação da "Terra"?

Há diversas possibilidades para isso:

1 - O espírito humano (consciência, vontade e fé) é sempre capaz de adequar sua atitude para qualquer fenômeno do ambiente,

mesmo se esse fenômeno é apresentado como invencível, integral e “objetivo”, é possível concebê-lo de uma maneira diferente, aceitar ou rejeitar, justificar ou condenar. Esta é a dignidade superior do homem e a sua diferença para com as espécies animais. E se o homem rejeita ou condena alguma coisa, ele possui o direito de construir estratégias para superá-la em qualquer situação e condição, por mais difícil e insuperável que seja. O avanço da sociedade global pode ser aceito e aprovado, mas pode também ser rejeitado e condenado. No primeiro caso, nós flutuamos à deriva da história, no segundo, nós buscamos um “sustentáculo” para conter este processo. A história é feita por pessoas e o espírito desempenha o papel principal aqui. Consequentemente, há uma possibilidade em potencial de se criar uma teoria radicalmente oposta às visões que são construídas na base do “Poder Marítimo” e aceitam paradigmas básicos da visão Ocidental das coisas, do curso da história e na lógica das mutáveis estruturas sociopolíticas.

2 - O método geopolítico nos permite identificar a globalização como um processo subjetivo, conectado ao sucesso de um dos dois poderes globais. Mesmo que a Terra esteja tão "marginalizada e fragmentada", ainda assim ela possui importância em seu passado histórico, nas suas tradições, experiências, acontecimentos sociológicos e civilizacionais. A geopolítica da Terra não é construída sobre o vácuo; esta é uma tradição que generaliza algumas tendências históricas, geográficas e estratégicas. Portanto, até no nível teórico, as considerações sobre a globalização por parte da Geopolítica-2 são absolutamente relevantes. Assim como o “assunto” da globalização está no centro (mundialismo e suas estruturas), o Poder da Terra pode e tem suas próprias personificações subjetivas. Apesar do grande número e de incontáveis formas dos conceitos civilizacionais históricos, nós, primeiramente, lidamos com uma porção de mentes, ideias, conceitos, teorias e apenas então, com as coisas materiais, dispositivos, tecnologias, finanças, armamentos, etc.

3 - O processo de dessoberanização de estados nacionais ainda

não se tornou irreversível e os elementos do Sistema da Vestfália ainda estão sendo parcialmente preservados. Isso significa que todo um grupo de estados nacionais, por virtude de uma determinada consideração, pode ainda bancar a realização de uma estratégia da Terra, ou seja, pode completa ou parcialmente rejeitar a globalização e o paradigma do Poder Marítimo. A China é um exemplo disso, ela balança entre a globalização e a sua própria identidade territorial, observando estritamente que o balanço geral é mantido e que apenas aquilo que consolida a China como formação geopolítica soberana é tomada das estratégias globais. O mesmo pode ser dito sobre os países que os Estados Unidos rotularam de "Eixo do Mal": Irã, Cuba, Coreia do Norte, Venezuela, Síria, etc.

Claramente, a ameaça de uma invasão direta por parte de tropas americanas paira sobre estes países como a espada de Dâmocles (no modelo de Iraque e Afeganistão) e eles estão continuamente sujeitos a mais ataques praticados por redes políticas internas. Contudo, no presente momento, as suas soberanias estão preservadas, o que faz deles áreas privilegiadas para o desenvolvimento do Poder da Terra. Também é possível citar um número de países exitantes, como a Índia, a Turquia e outros, que, estando significantemente envolvidos na órbita da globalização, preservam suas características sociológicas originais, saindo das ordens dos preceitos oficiais de seus regimes governantes. Tal situação é característica em muitas sociedades Asiáticas, Latino-Americanas e Africanas.

4 - E finalmente, a mais geral. O estado presente da Zona Central. O domínio mundial, como o conhecemos e, então, a realidade ou inconstância da globalização monopolar, depende disso. Nos anos de 1980 – 1990, a Zona Central reduziu fundamentalmente a sua área de influência. Dois cinturões geopolíticos, Europa Oriental (em que os países pertenciam ao "Bloco Socialista", ao "Pacto de Varsóvia", Comecon, etc) e as repúblicas federativas da URSS consistentemente saíram dela. Pelos meados dos Anos 90, inicio-se na Chechênia um teste

sangrento para a possibilidade de uma posterior quebra da Rússia em "repúblicas nacionais". Essa fragmentação da Zona Central em um mosaico de estados marionetes dependentes no lugar da Rússia se tornaria o acordo final para a construção do mundo global e o “fim da história”, após o que seria muito mais difícil falar da Terra e da Geopolítica-2.

A Zona Central é de importância primária para a possibilidade da consolidação estratégica de toda a Eurásia e, então, do “Poder da Terra”. Se os processos que tomaram lugar na Rússia nos Anos 90 tivessem continuado e se a sua desintegração tivesse seguido diante, seria muito mais difícil desafiar a globalização. Mas desde o final dos Anos 90 e começo dos Anos 2000, uma virada aconteceu na Rússia, a desintegração foi parada; além disso, as autoridades federais retomaram o poder sobre a rebelde Chechênia. Então Vladmir Putin implementou uma reforma legal das matérias da Federação (excisão do artigo sobre “soberania”, nomeação de governadores, etc) que consolidou a vertical de poder por toda a Rússia. Os processos de integração da CCI começaram a juntar fôlego. Em agosto de 2008, quando ocorria o conflito de cinco dias entre a Rússia e a Georgia, a Rússia tomou controle direto de territórios fora das fronteiras da Federação Russa (Ossetia do Sul, Abkhazia) e reconheceu as suas independências, apesar do imenso apoio à Georgia por parte dos Estados Unidos e dos países da OTAN e pressão da opinião pública internacional. De forma geral, desde o começo dos anos 2000, a Rússia, como Zona Central, cessou seus processos de autodesintegração, reforçou sua produção de energia, normalizou os problemas de fornecimento energético no exterior, recusou a prática de redução unilateral de armamentos, tendo preservado o seu potencial nuclear.

Deste modo, a influência da rede de agentes geopolíticos do Atlantismo e do Mundialismo na autoridade política e na tomada estratégica de decisões, diminui qualitativamente a consolidação da soberania, que tem sido entendida como o problema principal e a

integração da Rússia em um número de estruturas globalistas, ameaçando a sua independência, cessaram-se. Em uma palavra, a Zona Central continua sendo a fundação da Eurasia, seu “Núcleo”; debilitada, sofreu perdas muito sérias, mas continua existindo, independente, soberana e capaz de perseguir uma política, se não em escala global, então em escala regional. Na sua história, a Rússia, muitas vezes caiu mais para baixo: A fragmentação em domínios na virada do Século XIII, O Tempo das Atribuilações e os eventos de 1917-1918 nos mostram a Zona Central em uma condição ainda mais deplorável e enfraquecida. Mas toda vez, em algum período, a Rússia ressucitou e retornou para a órbita da sua história geopolítica. O atual estado da Rússia é difícil de ser reconhecido como brilhante ou mesmo satisfatório sob o ponto de vista geopolítico (eurasiano). Mas, em geral, a Zona Central existe, é relativamente independente e, portanto, temos uma base tanto teórica, como prática para consolidar e trazer à vida todas as pré-condições para o desenvolvimento de uma resposta ao fenômeno monopolar da globalização, por parte da Terra.

Tal resposta da Terra para afrontar a globalização (como triunfo do “Poder Marítimo”) é a Multipolaridade, como teoria, filosofia, estratégia, política e prática.

Multipolaridade como projeto da Ordem Mundial da Posição da Terra

A Multipolaridade representa um resumo da Geopolítica-2 em condições atuais da evolução dos processos globais. Este é um conceito extremamente amplo que exige uma análise completa. A Multipolaridade é uma verdadeira antítese da monopolaridade em todos os seus aspectos: duro (imperialismo, neoconservadores, dominação direta dos EUA), suave (multilateralismo) e crítico (alterglobalismo, pós-modernismo e neomarxismo).

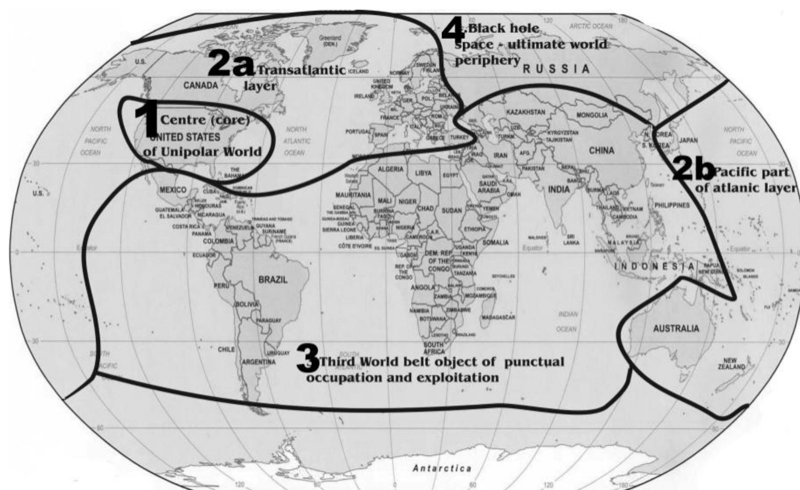
A versão da monopolaridade dura (imperialismo radical estadounidense) é baseada na ideia de que os Estados Unidos representam a última fortaleza da ordem mundial, prosperidade,

conforto, segurança e desenvolvimento rodeada de um caos de sociedades subdesenvolvidas. A Multipolaridade afirma exatamente o oposto: os EUA são um Estado-nação que existe entre muitos outros, seus valores são duvidosos (ou ao menos, relativos), suas reinvindicações são desproporcionais, seus desejos são excessivos, seus métodos de conduzir sua política externa são inaceitáveis e o seu messianismo tecnológico é desastroso para a cultura e a ecologia de todo o mundo. A esse respeito, o projeto multipolar é uma dura antítese aos EUA como exemplo que metodicamente constroi um mundo unipolar, e está direcionado para fortemente desaprovar, quebrar e prevenir essa construção.

A versão da monopolaridade suave não apenas age por interesse dos EUA, mas também pelo interesse da "humanidade", entendendo-a exclusivamente apenas como o Ocidente e como sociedades que concordam com o universalismo dos valores Ocidentais. A monopolaridade suave não clama pressionar pela força, mas persuadir, não compelir, mas explicar os lucros que pessoas e países ganharão se participarem na globalização. Aqui o polo não é um único Estado-nação (os EUA), mas a civilização Ocidental como um todo, como a quintessência de toda a humanidade.

Esta, como algumas vezes é chamada, monopolaridade "multilateral" (multilateralismo, multilateralização) é rejeitada pela Multipolaridade, que considera a cultura Ocidental e os valores Ocidentais, como meros representantes de uma composição axiológica entre muitas outras, uma cultura entre diferentes culturas, e que sistemas culturais e de valores que se baseiam em princípios absolutamente diferentes tenham o direito máximo de existir. Consequentemente, o Ocidente como um todo e aqueles que compartilham seus valores, não possuem legitimidade para insistir no universalismo da democracia, dos direitos humanos, do mercado, do individualismo, da liberdade individual, do secularismo, etc e de construir uma sociedade global baseada nessas diretrizes.

Contra o alterglobalismo e o antiglobalismo pós-moderno, o Multipolarismo defende a tese de que uma fase capitalista de desenvolvimento e construção de um capitalismo global não é uma fase necessária do desenvolvimento de uma sociedade, que é despótico e ambicioso ditar para sociedades diferentes um mesmo cenário histórico. No entanto, massificar a humanidade em um único proletariado global não é a via para um futuro melhor, mas um aspecto acidental e absolutamente negativo do capitalismo global, que não cria nenhum panorama novo e apenas leva à degradação de culturas, sociedades e tradições. Se os povos têm de fato uma chance de organizar uma resistência efetiva ao capitalismo global, é apenas combinando ideias Socialistas com elementos da sociedade tradicional (arcaica, agricultora, étnica, etc), como foi na história da URSS, China, Coreia do Norte, Vietnã e que ocorre atualmente em alguns países da América-Latina (Bolívia, Venezuela, Cuba, etc).

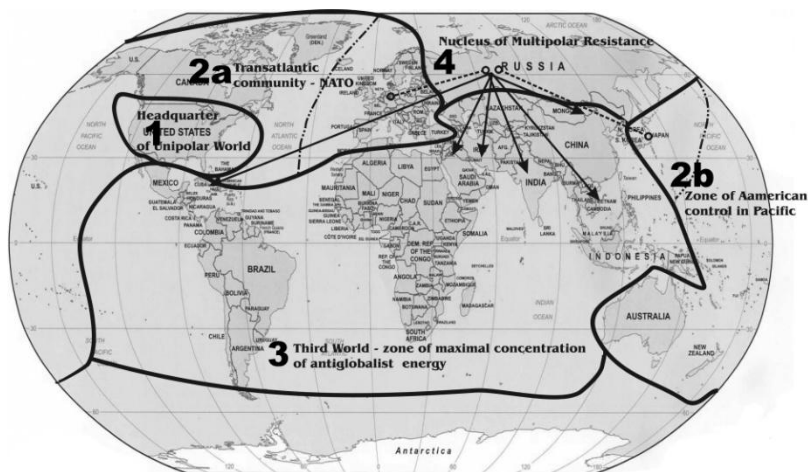


1. Centro (Núcleo) do Mundo Unipolar, **2a**. Camada Transatlântica, **2b**. Parte Pacífica da Camada Atlântica, **3**. Cinturão do Terceiro Mundo - Objeto de Ocupação Pontual e Exploração, **4.** Espaço de Buraco Negro - Periferia Mundial Final.

Além disso, o Multipolarismo é uma visão absolutamente diferente do espaço da terra do que a bipolaridade, um mundo bipolar.
A Multipolaridade representa uma visão imperativa e normativa da presente situação do mundo, por parte da Terra, e se diferencia qualitativamente do modelo predominante no Mundo de Yalta, no período da "Guerra Fria".

O Mundo Bipolar foi construído sob o princípio ideológico, onde duas ideologias, Capitalismo e Socialismo, agiam como polos. O Socialismo, como ideologia, não desafiou o universalismo da cutural Ocidental-Europeia e representou uma tradição sociocultural e política que remontava ao Iluminismo Europeu. De certo modo, Capitalismo e Socialismo competiram entre si como duas versões do Iluminismo, duas versões do progresso, duas versões do universalismo, duas versões da ideia sociopolítica Ocidental-Europeia. Socialismo e Marxismo entraram em ressonância com alguns parâmetros do "Poder da Terra" e, portanto, eles não obtiveram vitória onde Marx havia previsto, mas onde ele havia excluído a possibilidade – em um país agrícola, com o modo de vida predominantemente de uma sociedade tradicional e de organização imperial no campo político. Outro caso de uma vitória (independente) do Socialismo – a China -, também representando uma sociedade agrícola e tradicional.

O Multipolarismo não se opõe à monopolaridade da posição de uma ideologia única, que poderia pretender ser um segundo polo, mas ele o faz da posição de muitas ideologias, de uma plenitude de culturas, visões-de-mundo e religiões que (cada uma por suas próprias razões), não têm nada em comum com o capitalismo liberal do Ocidente. Numa situação onde o Mar possui um aspecto ideológico unificado (apesar de sempre se voltar para ideias implícitas, declarações não explícitas) e a Terra em si não o tem, representando em si mesma, várias visões-de-mundo e organizações civilizacionais, o Multipolarismo sugere a criação de uma frente unida da Terra contra o Mar.



1. Quartel-General do Mundo Unipolar, **2a**. Comunidade Transatlântica - OTAN, **2b.** Zona de Controle Americano no Pacífico, **3**. Terceiro Mundo - Zona de Máxima Concentração de Energia Antiglobalista, **4**. Núcleo de Resistência Multipolar.

A Multipolaridade é diferente dos projetos conservadores de manutenção e que buscam reforçar os estados nacionais. Por outro lado, estados nacionais tanto no período colonial e pós-colonial, refletem o entendimento Ocidental-Europeu de uma organização político-normativa (que ignora quaisquer características religiosas, sociais, étnicas e culturais de sociedades específicas) nas suas estruturas, ou seja, as próprias nações são produtos parciais da globalização. Na outra mão, apenas uma pequena parte dos duzentos e cinquenta e seis países relacionados na lista da ONU atualmente, podem, se necessário, defender sozinhos a sua soberania, sem entrar em blocos ou formar alianças com outros países. Isso significa que nem todo estado nominalmente soberano pode ser considerado um polo, já que o grau de liberdade estratégica da vasta maioria dos países reconhecidos é insignificante. Portanto, reforçar o Sistema da Vestfália que ainda existe mecanimente hoje, não é um problema do Multipolarismo.

Sendo o Multipolarismo, a oposição à monopolaridade, não significa uma reinvindicação para que o mundo retorne à bipolaridade baseada em ideologias, ou firmar a ordem dos estados nacionais, ou meramente preservar o *status quo*. Todas estas estratégias apenas cairão nas mãos dos centros da globalização e da monopolaridade, por terem um projeto, um plano, uma meta, e uma rota racional do movimento para o futuro; e todos os cenários enumerados são, na melhor das hipóteses, um apelo para retardar o processo de globalização, e na pior (restauração da bipolaridade com base ideológica) parece uma fantasia irresponsável e nostálgica.

O Multipolarismo é um vetor da gepolítica da Terra, direcionado para o futuro. Ele é baseado num paradigma sociológico do qual a consistência é historicamente provada no passado e que realisticamente leva em conta o estado de coisas que existem no mundo moderno, as tendências básicas e as linhas de força das suas prováveis transformações. Mas o Multipolarismo é construído na base de um projeto, de um plano para a ordem mundial que nós ainda apenas esperamos criar.

§ 2 Multipolaridade e sua Fundação Teórica

A ausência da Teoria do Multipolarismo

Apesar do fato do termo "Multipolarismo" ser frequentemente usado em discussões políticas e internacionais recentemente, o seu significado é bastante difuso e incerto. Diferentes círculos e analistas e políticos independentes inserem o seu próprio sentido no termo. Pesquisas bem fundamentadas e monografias científicas sólidas, dedicadas à Multipolaridade, podem ser contadas nos dedos[1]. Até

[1] *Murray D., Brown D.* (eds.) Multipolarity in the 21st Century. A New World Order. Abingdon, UK: Routledge, 2010; *Ambrosio Th.* Challenging America global Preeminence: Russian Quest for Multipolarity. Chippenheim, Wiltshire: Anthony Rose, 2005; *Peral L.* (ed.) Global Security in a Multipolar World. Chaillot Paper. Paris:

mesmo artigos sérios sobre o assunto são bastante raros[2]. A razão para isso é bem clara: Equanto os EUA e os países Ocidentais determinam os parâmetros das políticas normativas e do discurso ideológico em escala global atualmente, de acordo com essas regras, pode-se discutir o que você quiser, menos as mais agudas e doloridas questões. Mesmo aqueles que consideram a unipolaridade como tendo sido apenas um "momento"[3] nos Anos 90 e uma transição para algum novo modelo indefinido que tomaria lugar agora, estão prontos para discutir qualquer versão, a não ser a "multipolar".

Então, por exemplo, o atual chefe do CFR (Council of Foreign Relations), Richard Haass, fala sobre uma "Não-Polaridade", tratando de um estágio da globalização quando a necessidade da presença de um centro forte cairia por si só[4]. Tais ardis são explicados pelo fato de que uma das metas da globalização é, como vimos, a marginalização do "Poder da Terra". E podendo o Multipolarismo ser formado apenas como estratégia ativa do "Poder da Terra" sob as novaas condições, qualquer referência a ele não é bem-vinda pelo Ocidente, que determina a tendência na estrutura da análise política no contexto global geral.

Deve-se esperar ainda menos que as ideologias convencionais do Ocidente, tomem para si o desenvolvimento da Teoria da

---

European Institute for Security Studies, 2009; *Hiro D.* After Empire: The Birth of a Multipolar World. Yale: Nation Books , 2009.

[2] *Turner Susan.* Russia, Chine and the Multipolar World Order: the danger in the undefined// Asian Perspective. 2009. Vol. 33, No. 1. C. 159-184; *Higgott Richard* MultiPolarity and Trans-Atlantic Relations: Normative - Aspirations and Practical Limits of EU Foreign Policy. – www.garnet-eu.org. 2010. [Electronic resource] URL: http://www.garnet eu.org/fileadmin/documents/working_papers/7610.pdf (дата обращения 28.08.2010); *Katz M.* - Primakov Redux. Putin's Pursuit of «Multipolarism» in Asia//Demokratizatsya. 2006. vol.14 № 4. C.144-152.

[3] *Krauthammer Ch.* The Unipolar Moment// Foreign Affairs. 1990 / 1991 Winter. Vol. 70, No 1. C. 23-33.

[4] *Haass R.* The Age of Non-polarity: What will follow US Dominance?'//Foreign Affairs.2008. 87 (3). C. 44-56.

Multipolaridade.

Seria lógico presumir que a Teoria Multipolar se desenvolveria nos países que explicitamente, como vetor geral de sua política externa, declaram se orientar em direção a um mundo multipolar. Tais países incuem a Rússia, China, India e alguns outros. Ademais, referências á Multipolaridade podem ser encontradas em textos e documentos de alguns atores políticos europeus (vide o ex-ministro de relações exteriores da França, Hubert Vidrine[5]).

Mas, no momento, dificilmente pode-se achar algo além de alguns poucos materias de diversos simpósios e conferências com frases bastantes vagas sobre o assunto. Pode-se afirmar que o assunto "Multipolarismo" não é propriamente conceitualizado nem mesmo nos países que o colocam como meta estratégica, sem mencionar a ausência de uma teoria distinta e integral do Multipolarismo.

Não obstante, com base no método geopolítico da posição do "Poder da Terra", e com a explicação correta para a análise do fenômeno chamado globalismo, é bastante possível formular alguns princípios absolutos que devem sublinhar a Teoria da Multipolaridade quando o assunto chega ao seu desenvolvimento mais sistematizado e expandido.

Multipolarismo: Geopolítica e Meta-Ideologia

Vamos projetar algumas fontes teóricas, sobe as quais uma teoria valorosa do Multipolarismo deva ser construída.

Apenas a geopolítica pode ser a base desta teoria nas atuais condições. No momento, nenhuma ideologia religiosa, econômica,

---

[5] Déclaration de M. Hubert Védrine, ministre des affaires étrangères sur la reprise d'une dialogue approfondie entre la France et l'Hinde: les enjeux de la resistance a l'uniformisation culturelle et aux exces du monde unipolaire. New Delhi -- 1 lesdiscours.vie-publique.fr. 7.02.2000. [Electronic resource] URL: http://lesdiscours.viepublique. fr/pdf/003000733.pdf

política, social ou cultural é capaz de juntar a massa crítica de países para formar o "Poder da Terra" em uma frente planetária única, necessária para formar uma antítese séria e efetiva ao globalismo e ao mundo unipolar. Esta é a especifidade do momento histórico ("O Momento Unipolar"[6]): a ideologia dominante (o liberalismo global/pós-liberalismo) não possui uma oposição simétrica no seu próprio nível. Por isso, é necessário apelar diretamente para a geopolítica, tomando o princípio da Terra, o Poder da Terra, ao invés da ideologia oposta. Só é possível, neste caso, se as dimensões sociológicas, filosóficas e civilizacionais da geopolítica forem realizadas em sua máxima potência.

O "Poder Marítimo" nos servirá como prova desta afirmação. Nós vimos que a matriz desta civilização não ocorre apenas no Período Moderno, mas também nos impérios talassocráticos da Antiguidade (por exemplo, em Cartago), na antiga Atenas ou na República de Veneza. E no próprio Mundo Moderno, o atlantismo e o liberalismo não encontram predominância completa sobre outras tendências de uma única vez. E não obstante, nós podemos traçar a sequência conceitual através de uma série de formações sociais: o "Poder Marítimo" (como categoria geopolítica) se desloca através da história tomando várias formas, até que ele ache o seu mais completo e absoluto aspecto no mundo global, onde a seus preceitos internos se tornam predominantes em escala planetária. Em outras palavras, a ideologia do mundialismo moderno é apenas uma forma histórica de um paradigma geopolítico mais comum. Mas há uma relação direta entre essa forma (provavelmente a mais absoluta) e a matriz geopolítica.

Não há tal simetria direta no caso do "Poder da Terra". A ideologia Comunista (heroísmo, coletivismo, antiliberalismo) apenas ressonou parcialmente os princípios geopolíticos da "Sociedade da Terra" (e isso apenas na forma concreta da URSS Eurasiana, e em menor escala na China), enquanto os outros aspectos desta ideologia

[6] Krauthammer Ch. The Unipolar Moment. Op.cit.

(progressismo, tecnologia, materialismo) se encaixavam de maneira incorreta na estrutura axiológica do "Poder da Terra". E hoje, mesmo na teoria, o Comunismo não pode realizar a função mobilizadora ideológica que ele realizou no Século XX em escala planetária. Do ponto de vista ideológico, a Terra está realmente dividida e fragmentada e num futuro próximo, dificilmente podemos esperar que alguma nova ideologia, capaz de nivelar simetricamente com o globalismo liberal, apareça. Mas o princípio geopolítico da Terra não perde nada na sua estrutura paradigmática. É este princípio que deve ter tomado como fundação para a construção da Teoria Multipolar. Esta teoria deve ser endereçada diretamente à geopolítica, rascunhar seus princípios, ideias, métodos e termos. Isso irá possibilitá-la de tomar ambos os leques de ideologias não-globalistas e contra-globalistas existentes, religiões, culturas e tendências sociais.

É absolutamente desnecessário moldá-la sem algo unificado e sistematizado. Elas podem muito bem continuar como locais ou regionais, mas estarão integradas em uma frente comum de luta contra a globalização e o domínio da "Civilização Ocidental" a nível meta-ideológico, em nível paradigmático da Geopolítica-2 e esse momento de "pluralidade de ideologias" já está instalado dentro do próprio termo "Multipolaridade" (não apenas dentro do espaço estratégico, mas também nos campos ideológicos, culturais, religiosos, sociais e econômicos).

O Multipolarismo não é nada além de uma extensão da Geopolítica-2 (Geopolítica da Terra) em um novo ambiente caracterizado pelo avanço do globalismo (como atlantismo) e em nível qualitativamente novo e em proporções qualitativamente novas. O Multipolarismo não possui outro sentido.

A Geopolítica da Terra e seus vetores gerais projetados sobre as condições modernas são o eixo da Teoria da Multipolaridade, que em todos os outros aspectos desta teoria estão emaranhados. Estes aspectos constituem partes filosóficas, sociológicas, axiológicas, econômicas e

éticas desta teoria. Mas todos eles são, de qualquer modo, conjugados com a reconhecida – de maneira sociológica mais ampla – estrutura do "Poder da Terra" e com o sentido direto do próprio conceito de "Multipolaridade", que nos remete aos princípios da pluralidade, diversidade, não-universalismo e variedade.

§ 3 Multipolaridade e Neoeurasianismo

Neoeurasianismo como Weltanschauung

O Neoeurasianismo está posicionado o mais próximo da Teoria da Multipolaridade. Este conceito tem suas raízes na geopolítica e opera *par excellence* com a fórmula da "Rússia-Eurasia" (como Zona Central), mas ao mesmo tempo desenvolve um horizonte mais amplo de campos ideológicos, filosóficos, sociológicos e políticos, ao invés de estar limitado apenas à geoestratégia e análise de aplicabilidade.

O que está nos termos do "Neoeurasianismo" pode ser ilustrado com fragmentos do Manifesto do "Movimento Eurasiano" Internacional, "Missão[7] Eurasiana". Seu autor aponta cinco níveis no Neoeurasianismo, permitindo a interpretação de diferentes maneiras, dependendo de um contexto concreto.

O Primeiro nível: Eurasianismo como uma Weltanschauung

De acordo com os autores do manifesto, o termo "Eurasianismo" é aplicado a certa Weltanschauung, uma filosofia política que combina em si mesma tradição, modernidade e até mesmo elementos da pós-modernidade de maneira original. A filosofia do Eurasianismo procede de uma prioridade aos valores da sociedade tradicional, reconhece o imperativo da modernização técnica e social (mas sem romper as raízes culturais) e luta para adaptar seu programa

---

[7] Евразийская миссия. Манифест Международного «Евразийского Движения». М.: Международное Евразийское Движение, 2005.

ideal à situação de uma sociedade pós-industrial e de informação, chamada “pós-moderna”.

A oposição formal entre a tradição e a modernidade é removida na pós-modernidade. No entanto, o pós-modernismo, no aspecto atlantista, os nivela da posição da indiferença e exaustão de conteúdos. O pós-modernismo Eurasiano, pelo contrário, considera a possibilidade de uma aliança entre a tradição e a modernidade, para ser um impulso criativo, otimista e energético que induza a imaginação e o desenvolvimento.

Na filosofia do Eurasianismo, as realidades suprimidas pelo período do Iluminismo obtêm um lugar legítimo – são eles: religião, *ethnos*, império, culto, lenda, etc. Ao mesmo tempo, o avanço tecnológico, desenvolvimento econômico, justiça social, e liberação laboral, etc. são tomadas do Moderno. As oposições são suprimidas por uma mistura de tudo, em uma teoria única, harmoniosa e original que desperta ideias pioneiras e novas decisões para os eternos problemas da humanidade. (...)

A filosofia do Eurasianismo é uma filosofia aberta, livre de quaisquer formas de dogmatismos. Ela pode ser anexada em diversas áreas – história, religião, descobertas sociológicas e etnológicas, geopolítica, economia, geografia regional, culturologia, vários tipos de pesquisas estratégicas e políticas, etc. Além disso, o Eurasianismo como filosofia, assume um desenvolvimento original em cada contexto cultural e linguístico concreto: o Eurasianismo dos russos irá, inevitavelmente, diferir do Eurasianismo dos franceses ou alemães, o Eurasianismo dos turcos irá diferir dos iranianos; Eurasianismo dos árabes do dos chineses, etc. Por meio do que as principais linhas de força da filosofia irão, como um todo, se manter preservadas e inalteradas.

Os itens a seguir podem ser denominados de pontos de referência gerais da filosofia Eurasiana:

- Diferencialismo, pluralismo de sistemas de valores contra a obrigatoriedade da dominação de uma única ideologia (no nosso caso, e primeiramente, da democracia liberal estadounidense);

- Tradicionalismo contra a destruição de culturas, crenças e ritos da sociedade tradicional;

- Um Estado-mundial, Estado-continente, ambos contra estados nacionais burgueses e o "governo mundial";

- Direitos das nações contra a onipotência do "Bilhão Dourado" e a hegemonia neocolonial do "Norte Rico";

- *Ethnos* como um valor e sujeito da história contra a despersonalização de nações e de sua alienação em construções sociopolíticas artificiais;

- Justiça social e solidariedade do povo trabalhador contra a exploração, a lógica dos ganhos grosseiros e a humilhação do homem pelo homem[8].

Neoeurasianismo como Tendência Planetária

No segundo nível: Neoeurasianismo como tendência planetária. Os autores do manifesto explicam:

O Eurasianismo no nível de tendência planetária é um conceito revolucionário e civilizacional que, gradualmente se aprimorando, dirige-se a se tornar uma nova plataforma ideológica de entendimento mútuo e cooperação para um vasto conglomerado de diferentes forças, estados, nações, culturas e confissões que a Globalização Atlântica se recusa a reconhecer.

É válido ler atentamente as afirmações dos mais diversos

[8] Ibid P.

poderes ao redor do mundo: políticos, filósofos e intelectuais e nós nos certificaremos que os Eurasianistas constituem a vasta maioria. A mentalidade de muitas nações, sociedades, confissões e estados é, mesmo que eles próprios não vejam ou suspeitem, Eurasiana.

Se pensarmos sobre essa multidão de diferentes culturas, religiões, confissões e países que discordam do "fim da história" que o atlantismo nos impõe, nossa coragem crescerá e a gravidade dos riscos da realização do conceito do Século 21 Americano de segurança estratégica, relacionada com o estabelecimento mundo unipolar, vai aumentar drasticamente.

O Eurasianismo é um agregado de todos os obstáculos naturais e artificiais, objetivos e subjetivos, no caminho da globalização unipolar, pela qual ele é elevado de uma mera negação para um projeto positivo, uma alternativa criativa. Enquanto estes obstáculos existem discreta e caoticamente, os globalistas lidarão com eles separadamente. Mas é válido integrá-los, uni-los em uma Weltanschauung singular e consistente, de caráter planetário e as chances de vitória do Eurasianismo por todo o mundo serão muito sérias[9].

Neoeurasianismo como um Projeto de Integração

No próximo nível, o Neoeurasianismo é tratado como projeto de integração estratégica do Continente Eurasiano:

"O conceito de "Ordem Mundial" normalmente definindo a Europa, pode ser considerado muito mais amplo. Este imenso espaço multicivilizacional povoado de nações, estados, culturas, etnias e confissões, conectados entre si historica e espacialmente pela comunidade do destino dialético. O Velho Mundo é produto do desenvolvimento orgânico da história humana.

O Velho Mundo normalmente é colocado contra o Novo Mundo, ou seja, o continente Americano foi descoberto pelos europeus

---

[9] Ibid.

e se tornou uma plataforma para a construção de uma sociedade artificial onde os projetos europeus para a modernidade, do período do Iluminismo, tomaram forma. (...)

No Século XX, a Europa entendeu a sua essência original e se moveu para integrar gradualmente todos os estados europeus em uma única união, capaz de provir todo esse espaço com soberania, independência, segurança e liberade.

A criação da União Europeia foi o maior marco na missão europeia de retorno à história. Esta foi a resposta do "Velho Mundo" às exorbitantes exigências do "Novo Mundo". Se considerarmos a aliança entre o EUA e a Europa Ocidental – com domínio dos EUA – como sendo o vetor Atlantista do desenvolvimento europeu, então a integração das nações europeias com o predomínio dos países continentais (França – Alemanha), pode ser considerada Eurasiana em relação à Europa.

Isso se torna especialmente claro se levarmos em conta as teorias de que a Europa se extende geopoliticamente do Atlântico aos Urais (Charles de Gaulle) ou até Vladivostok. Em outras palavras, os intermináveis espaços da Rússia também são valiosamente incluídos no campo do Velho Mundo sujeito a integração.

(…) O Eurasianismo nesse contexto pode ser definido como um projeto de integração estratégica, geopolítica e econômica do Norte do Continente Eurasiano conhecido como berço da história europeia, matriz das nações e culturas intimamente entrelaçadas entre si.

E desde que a própria Rússia (como os ancestrais de muitos europeus também) está se relacionando imensamente com o mundo turco e mongol, com nações caucasianas, através da Rússia – e paralelamente através da Turquia –, a integração da Europa com o Velho Mundo já adquiriu a dimensão Eurasiana na sua extensão máxima; e nesse caso, não apenas no sentido simbólico, mas também no sentido geopolítico. Aqui o Eurasianismo pode ser colocado como

sinônimo de Continentalismo[10].

Estas três definições mais gerais do Neoeurasianismo demonstram que aqui nós lidamos com a base preparatória para a construção da Teoria Multipolar. Esta é a visão inicial dos mais agudos desafios da modernidade e da tentativa de dar uma resposta ajustada a eles, levando em conta as regularidades geopolíticas, civilizacionais, sociológicas, históricas e filosóficas.

---

[10] Ibid. P.

Capítulo 2: Para a Teoria da Multipolaridade. Fundações Ideológicas

§ 1 Fundações Teóricas do Multipolarismo. Filosofia da Pluralidade

GRECE: *Pluriversum* no lugar de *Universum*

A Teoria do Multipolarismo é baseada na filosofia da pluralidade. Esta ideia foi magistralmente exposta pelo filósofo e geopolítico francês, Alain de Benoist, no manifesto "2000" do movimento GRECE, o qual ele lidera. Alain de Benoist solicita que o mundo seja considerado como "*pluriversum*", distintamente de "*universum*". Em latim, "*universum*" significa "redução ao único". O neologismo "pluriversum" enfatiza que o objetivo não é a redução ao único, não é simplificar o sistema, mas preservar a diversidade e a pluralidade. Os autores do Manifesto escrevem:

"*A distinção é estabelecida pelo mínimo movimento da vida, que parcimoniosamente se envolve através de uma sofisticação cada vez maior. Pluralidade e diversidade das nações, etnias, linguas, costumes e religiões caracterizam o desenvolvimento da humanidade, começando pela sua origem. Existem duas atitudes em relação a este fato. Para alguns, esta distinção e diversidade cultural vivente representa um fardo, por isso, surge uma intenção de reduzir os povos, de todos os tempos e lugares, ao que é comum entre eles e, algumas vezes, o resultado são as mais deturpadas consequências. E para outros, e esse é o nosso caso, a distinção é um bem, que é necessário preservar e cultivar. (...) Nós acreditamos que um bom sistema é capaz de, no*

mínimo, reproduzir em si mesmo conjuntos tão complexos quanto aqueles que ele absorveu. O verdadeiro bem do mundo consiste na distinção entre culturas e nações[11]."

Este princípio está completamente de acordo com a filosofia Neoeurasiana.

Fontes ideais da Filosofia do Pluralismo

As fontes da filosofia do pluralismo devem ser procuradas simultaneamente em várias tradições filosóficas.

São elas:

- Romantismo Alemão: (Irmãos Friedrich Schlegel (1772 - 1829) e August Schlegel (1767 - 1845), Friedrich Schelling (1775 - 1854), Friedrich Holderlin (1770 - 1843), Ludwig Tieck (1773 - 1853), Adam Muller (1779 - 1829), Heinrich von Kleist (1771 - 1811), Novalis (1772 - 1801), etc);

- Organicismo: (Alfred Espina (1844 - 1922), Rene Worms (1869 - 1926), Paul von Lilienfeld-Toal (1829 - 1903), Albert Schaffle (1831 - 1903), etc);

- Lebensphilosophie: (Friedrich Nietzsche (1844 - 1900), Wilhelm Dilthey (1833 - 1911), Henri Bergson (1859 - 1941), etc);

- Tradição Holística na Sociologia: (F. Tönnies (1855 - 1936), G. Simmel (1858 - 1918), W. Sombart (1863 - 1941), M. Moss (1872 - 1950),G. Durand, etc);

- Antropologia Cultural/Etnosociologia: (Franz Boas (1858 - 1942) e seus seguidores, Alfred Kroeber (1876 - 1960), Edward Sapir

[11] Manifeste de la GRECE. Paris: Labyrinthe, 2001.

(1884 - 1939), Robert Lovy (1883 - 1957), e também Bronislaw Malinowski (1884 - 1942), Alfred Radcliffe-Brown (1881 - 1955), Claude Levi-Strauss (1908 - 2009), Richard Thurnwald (1869 - 1954), Wilhelm Mullman (1904 - 1988), etc);

- Eslavofilia Russa e Filosofia Religiosa: (A. S. Khomyakov (1804 - 1860), I. V. Kireevsky (1806 - 1856), K. N. Leontyev (1831 - 1891), N. Y. Danilevsky (1822 - 1885), V. S. Soloviev (1853 - 1900), etc);

- Eurasianismo: (N. S. Trubetskoy (1890 - 1938), P. N. Savitsky (1895 - 1965), G. V. Vernadsky (1877 - 1973), N. N. Alekseev (1879 - 1964), etc);

- Ontologia Fundamental: (M. Heidegger (1889 - 1976));

- “Revolução Conservadora”: (O. Spengler (1880 - 1936), C. Schmitt (1888 -1985), E. Niekisch (1889 - 1967), E. Jünger (1895 - 1998), etc);

- Tradicionalismo: (R. Guénon (1886 - 1951), J. Evola (1889 - 1974), M. Eliade (1907-1986), etc).

As fontes europeias e russas devem ser complementadas com a totalidade do espírito da filosofia Oriental moderna:

- Japonesa: (Kitaro Nishida (1870 - 1945), Teitaro Daisetsu Suzuki (1870 - 1966), etc);

- Indiana: (Bal Ganadhar Tilak (1856 - 1920), Sri Ramana Maharishi (1879 - 1950), Ananda Coomaraswamy (1877 - 1947), etc);

- Chinesa: (Kang Youwei (1858 - 1927), Liang Chi Chao (1873 - 1923), Sheng Youding (1908 -1989), Liang Shuming (1893 - 1988), etc);

- Iraniana: (Muhammad Ikbal (1877 - 1938), Ali Shariati (1933 - 1977), Muhammad Hussein Tabatabai (1892 - 1981), Murtaza Mattaheri (1920 - 1979), Seyid Hossein Nasr, etc);

- Árabe: (Abdel-Rahman Badawi (1917 - 2002), Hassan Hanafi, Nadir El-Bizri, Hichem Djait, etc).

Este enorme leque de teorias, escolas, ideias e autores, que podem ser expandidos ao infinito em todas as direções (geográficas e históricas, até as profundezas dos tempos), tem a seguinte propriedade em comum. Todos eles, independente de serem do Ocidente ou do Oriente:

- Avaliam criticamente a estrutura filosófica de valores da Civilização Ocidental;

- Rejeitam suas reivindicações de universalismo;

- Consideram a linha principal do desenvolvimento Euro-Ocidental como sem saída nos últimos séculos e qualificam o presente estado da Civilização Ocidental como “em crise e no limiar da catástrofe”;

- Não reconhecem o mito do progresso e da evolução;

- Avaliam criticamente o desenvolvimento técnico e veem a “tecnologia liberada” como uma ameaça suprema;

- Recusam-se a conceber o racionalismo europeu como a única forma de racionalismo;

- Afirmam o direito de culturas diferentes para seguirem seus caminhos em quaisquer direções que tenham escolhido;

Resumindo, todas estas interpretações intelectuais são multipolares em sua própria maneira, por substanciarem o direito de

diferenciação em contextos, aspectos e ângulos muito diferentes, e debilitarem as alegações do discurso de dominação Ocidental, singularidade, normatividade e globalismo. Raros autores e escolas citadas acima mencionam diretamente o apelo à geopolítica, ao "Poder da Terra", mas todas, e muitas outras tendências na filosofia moderna, podem ser citadas por suas "bases" particulares, algumas por suas estruturas, se levarmos em conta o que nós falamos sobre a dimensão sociológica da geopolítica. Todas estas escolas e autores sugerem a construção da sociedade baseada nas tradições que são originais e diferentes para cada etnia e cada cultura em cada lugar da Terra. Então, todas fundamentam o "pluriversum" como antítese ao "mundo singular", o chamado "um mundo".

A diferença é tomada nessas filosofias como um sinônimo de vida, de riqueza (K. Leontyev chamou este princípio de "complexidade florescente[12]"), de liberdade e vitalidade. Não como uma ameaça e um "fardo", como os "universalistas" a representam. Portanto, estas direções sugerem para que se fundamentem as distinções entre nações e culturas, para que se extendam e se preservem, e reafirmem esta tese. A diferença entre uma cultura e outra não deve fatalmente resultar em um conflito automático entre elas. Conflitos realmente ocorrem periodicamente, mas do mesmo modo, eles também ocorrem no mundo universal. É necessário ambicionar pela paz e pela harmonia, para o diálogo e a simpatia. Mas em nenhum caso devem-se sacrificar estruturas dinâmicas de identidade, quaisquer que sejam.

F. Boas: Direitos iguais das culturas

Nesse sentido, um grande trabalho de antropólogos culturais (da escola estadounidense Franz Boas, da escola inglesa Malinowski e da escola francesa Claude Levi-Strauss) ilustra com sucesso e também dos

[12] Леонтьев К. Цветущая сложность. Избранные статьи. М.: Молодая гвардия, 1992.

etnosociólogos (R. Thurnwald) que, explorando nações arcaicas, chegou à conclusão que o mundo em que viviam, as estruturas da mentalidade mítica, os padrões sociais e visões sobre a natureza, a sociedade, o homem, a história, a vida, a morte, o mistério, os ritos, etc, carregavam uma riqueza cultural colossal, absolutamente comparável, senão repetidamente superior, com a cultura do homem Ocidental moderno.

F. Boas escreveu sobre em uma de suas cartas de uma de seus expedições iniciais às Ilhas Baffin no Ártico: "*Eu sempre me pergunto quais vantagens nossa "boa sociedade" possui sobre aquela dos "selvagens" e noto que, quanto mais eu vejo dos seus costumes, que nós não temos direito de depreciá-los... Nós não temos direitos de culpá-los por suas maneiras e superstições que podem nos parecer ridículas. Nós, "pessoas altamente educadas" somos muito piores, falando relativamente*[13]."

Se antropólogos e etnólogos sérios concluem tais coisas depois de se familiarizarem com sociedades primitivas, o que se pode dizer sobre culturas milenares da Ásia, Oriente Médio, Norte da África ou América Latina?! E o que falar da milenar cultura russa? Todos esses fenômenos culturais, sociais e religiosos – dos maiores aos microscópicos – são de um valor único e se desenvolvem de maneira natural. E todos eles estão ameaçados pelo rolo compressor da civilização Ocidental moderna, que impôe os códigos primitivos da sua cultura decadente à nível global, apelando às reações mais simples, mais materiais e primitivas que, de fato, são universais e gerais, mas as construções complexas da vida cultural e espiritual, ao contrário, distinguem todas as sociedades as fazem inimitáveis, originais e individuais.

---

[13] *Cole D.* (ed.) Franz Boas' Baffin Island Letter-Diary, 1883-1884/ *Stocking George W.Jr.* Observers Observed. Essays on Ethnographic Fieldwork. Madison: The University of Wisconsin Press, 1983. C.33.

N. Trubetskoy: A Aliança Entre as Nações Contra o Universalismo Imposto

A filosofia do Eurasianismo começou com uma tese similar. O Príncipe Nicolay[14] Trubetskoy escreveu o livro "Europa e a Humanidade" onde, muito antes da globalização (na sua forma moderna), ele advertiu que o universalismo europeu trazia consigo uma ameaça mortal à humanidade, já que ele invalida a pluralidade de culturas. No começo do Século XX, N. Trubetskoy solicitou às nações do mundo que se mantivessem unidas para lutar contra o mundo Romano-Germânico e as suas reinvindicações infundadas de imperialismo e colonialismo. Outro Eurasianista, Piotr Savitsky, tendo concordado com as ideias de Trubetskoy, reafirmou no artigo "Europa e Eurasia[15]", que apenas a Russia-Eurasia poderia fornecer o apoio necessário para tal fronte pan-humano dirigido contra a estratégia europeia em relação ao mundo.

A Relevância da Filosofia da Pluralidade

Nas condições da globalização, estas iniciativas Eurasianistas dos anos de 1920 parecem notavelmente relevantes. A "tese" de Trubetskoy sobre a ameaça da Europa para a espécie humana pode ser reformulada como uma tese sobre "a ameaça da globalização" e a ideia de P. Savitsky sobre o papel da Rússia-Eurásia na construção de uma aliança global antieuropeia pode ser usada como base para a fundação da estratégia de um mundo multipolar.

Mas a negação da globalização e a luta contra a unipolaridade não são seus próprios fins. Eles surgem de uma visão-de-mundo única e especial (absolutamente diferente da visão liberal dos europeus

[14] Трубецкой Н.С. Европа и человечество. София, 1920.

[15] Савицкий П.Н. Континент Евразия. М:Аграф, 1997.

modernos, especialmente da visão-de-mundo dos anglo-saxões), que não é, de modo algum, reacionária ou motivada pelo "ódio" e pela "rejeição", mas é autossuficiente e vale por si só, em uma harmoniosa e natural descoberta do potencial de cada sociedade (grande ou pequena) da sua própria e sempre original, maneira individual.

Então, a filosofia do pluriversum, a filosofia da diferença tomada como um fenômeno fundamental da vida, positivo e valoroso por si só, deve servir de base para a Teoria Multipolar. Contrariamente à filosofia universalista do globalismo, a filosofia Multipolar da distinção afirma que valores genuínos podem existir apenas dentro de culturas que os tenham criado, que a multidão de culturas é a sorte da espécie humana, não sua desgraça, e apenas as manifestações mais sinistras, desprovidas de cultura e perversas são universais na humanidade. Em outras palavras, a filosofia da Multipolaridade não ataca as consequências e misérias da globalização, mas ataca as suas raízes, fundamentos e suposições conceituais finais.

§ 2 Pluralidade da Existência

Unidade Diferente

Nós vimos que a ideia da globalização apela para a unidade de existências em suas fontes filosóficas (ao menos para K. Axelos, O. Fink, W. Desan, etc.). Aparentemente, negar esta tese pode vir apenas de uma mente rara. Mas a verdade é que cada cultura compreende e trata esta unidade de maneiras absolutamente diferentes. Na parte sobre a globalização, nós já encontramos tal fenômeno como "ethnocentrum" e nós vimos que mesmo a menor tribo é capaz de incluir o mundo na área situada não muito longe de onde eles se estabeleceram. E o sol, e a lua, e as estrelas, e o céu, e os vivos, e os mortos, e os elementos, e os deuses, e os espíritos – todos inseridos no "ethnocentrum" como na matriz primária do globalismo. Apenas na transição para o estado de "nação", uma etnia perde sua unidade de existência, mas em seguida começa-se a

buscar esta unidade e entra-se na história para restaurá-la. Em Culturas teológica e filosoficamente desenvolvidas, a unidade da existência adquire um caráter ainda mais requintado. No Islã, ela está conectada ao conceito de “tauhid”, a união do fiel com Allah a partir da observação das prescrições religiosas. O termo árabe “tauhid” significa “levar à unidade”, “unidade ativa”. Em geral, a ideia de uma existência constitui o sujeito principal das teologías monoteístas. Na tradição Cristã, este conceito está amplamente presente na Ortodoxia em particular e em várias práticas monásticas, como o Hesicasmo, onde a ideia principal é a de “restauração da unidade existencial” entre o homem e Deus. Etmologicamente, o termo “Yahudi” é tratado pelas tradições judaicas como sendo derivado da palavra Hebraica “ahad”, “um”, e, portanto, “Yahudi” é um portador do conhecimento de um Único Deus, monoteísmo, ou seja, unidade de existência.

A unidade de existência é entendida de forma completamente diferente pelos Hindus (como parte dos Advaita-Vedanta e sua filosofia), os Budistas (que colocam o Nirvana, “resignação da existência” e não a unidade da existência, antes de todas outras coisas), os chineses (nas duas versões da tradição espiritual – Confucionismo e Taoismo) e todas as outras culturas filosóficas desenvolvidas.

Na filosofia religiosa russa (V. Sluvyev, P. Florensky, S.Bulgakov) a unidade da existência é interpretada através da teoria complexa e paradoxal do “Toda-Unidade[16]”.

Portanto, a forma compreensiva da unidade existencial é amplamente variável, desde os etnocentros, até os imensos volumes filosóficos e teológicos das culturas religiosas. A Unidade Existencial é compreendida de diferentes maneiras e, de forma alguma, deve-se pretender ser o único a fazer um julgamento normativo a respeito de qual conceito de unidade deve ser considerado correto. Nós nos

[16] Cf. Dugin A. Martin Heidegger and the possibilty of the Russian Philosophy. M., 2010.

aproximamos deste assunto através do complicado labirinto de várias culturas espirituais e a própria jornada, a própria exploração dessas culturas (que ou nos é fornecida inicialmente pela sociedade, ou escolhemos consciente e voluntariamente) compõe o difícil caminho de se tornar humano.

Em relação à "unidade da existência", nós começamos de diferentes posições e os caminhos são também fundamentalmente distintos. Se em algum nível avançado, nós compreendermos as estruturas espirituais de outras culturas e religiões, se torna bastante claro que as pessoas que buscam a unidade são similares em algumas formas. Mas nós nos referimos apenas àqueles que seguem sua vida pelos caminhos do espírito, filosofia, religião, arte e ciência. A maioria das pessoas vive no seu "mundo dos vivos", em que a unidade não é individualmente fornecida para elas, mas através da sociedade e suas tradições. A tentativa de ligar toda a humanidade em uma colisão com a existência integrada – mas apenas através da concepção lógico-racional Ocidental e, mais profundamente, pelo individualismo liberal – que constitui a essência do globalismo e do mundialismo, irá definitivamente separar as massas da união, do mundo em sua integridade, irá submergir o mundo em um turbilhão de infindáveis fragmentos, cacos e partes, não conseguindo formar uma integridade comum. Então, o filósofo francês moderno, Marcel Conches afirma que não podemos mais trabalhar com a palavra "mundo" (*le monde*) como totalidade. De agora em diante, no lugar do mundo, nós estamos submersos em um "conjunto extravagante[17]". Portanto, até mesmo Kostas Axelos, o defensor do mundialismo, afirmou recentemente que "através da globalização moderna, o mundo está perdido[18]".

---

[17] *Conche M.* Lucrèce et l'expérience. Saint-Laurent-Québec: Éditions Fides, 2000. См. также *Conche M.* L'aléatoire. Paris: PUF, 1999.

[18] Mondialisation without the world. Interview with Kostas Axelos – www.radicalphilosophy.com, 2005. **[**Electronic resource] URL**:**

M. Heidegger: A busca pelo Todo no Autêntico Ser-Aí

A filosofia da Multipolaridade é construída de modo a fornecer um caminho para a unidade existencial, para a experiência de um todo, experiência de um mundo feito para várias culturas e tradições em diferentes sociedades, não para declarar um julgamento final a este respeito. Fenomenologicamente, à nível de mundo real, o mundo consiste de diferenças: diferentes etnias, diferentes linguas e diferentes sociedades. Tudo o que acaba sendo uniforme em todos os lugares atualmente – McDonald's, modas adolescentes, marcas, operações de mercado, procedimentos formalmente democráticos, dispositivos tecnológicos, protocolos de rede, as gírias internacionais em um inglês desfigurado, automóveis e outros produtos em série – tudo isso, não nos aproxima da unidade existencial em nenhuma forma e essa onda niveladora artificial é imposta a sociedades com estruturas absolutamente diferentes e com distintos entendimentos sobre a existência. A existência não pode ser descoberta através da tecnologia, do conforto, dos produtos em série ou de marcas da moda. Assim, a unidade existencial deveria ser buscada em qualquer lugar, senão no mundo global. Pensar assim não nos abrirá horizontes planetários, mas, ao invés, nos colocará em uma dimensão interior da nossa própria cultura e identidade, a profundidade dessa estrutura, segunda a Filosofia Multipolar, nos fornece um caminho para a existência e a abertura.

O filósofo Martin Heidegger introduz o conceito do "*Dasein*", "Ser-Aí", descrevendo a estrutura do relacionamento do homem com a existência. De acordo com Heidegger, o "*Dasein*" é a realidade e mentalidade primária, a racionalidade, a filosofia e a cultura são subsequentemente superestruturadas sobre ele. Na Teoria Multipolar, o ponto de princípio é a afirmação da pluralidade de *Daseins,* ou seja, a garantia de que cada sociedade, cultural, etnia ou agrupamento nacional

---

http://www.radicalphilosophy.com/pdf/mondialisation.pdf (дата обращения 02.08.2010)

tem seu próprio *Dasein*[19] e, partindo deles, ramificações de sistemas culturais, sociais, políticos, religiosos e filósoficos são subsenquentemente criados. A pluralidade de *Daseins* e a busca por diferentes "mundos reais" das nações da Terra baseadas nesse princípio, constituem a essência da filosofia da multipolaridade.

§ 3 Antropologia Plural

Recusa do Horizonte da Humanidade

O conceito de "humanidade", como é entendido pelos globalistas, é riscado da filosofia multipolar. Esse conceito é artificial, puramente técnico e não possui nenhuma prova fenomenológica ou empírica. Ele nasceu no Período Moderno com base nas abstrações do humanismo secular e possuía o sentido puramente ideológico de combater a religião Cristã e a sua ideia da centralidade da figura de Deus no mundo e na história. Contrariamente à tese teológica, os humanistas sugeriram que não é Deus quem cria a história, mas que ela é criada pela humanidade. A secularização da ideia Cristã de que Deus criou todas as pessoas a partir do primeiro homem, Adão, foi usada na fundação do conceito de "humanidade". Tendo rejeitada a ideia da "criação" como um preconceito, os atores do Iluminismo preservaram a ideia da humanidade como um fenômeno único, mas já com base em características socio-psicológicas e, mais tarde (com Darwin), com base em características biológicas e zoológicas específicas (*Homo sapiens*).

Aqui vemos claramente um traço da ideologia maçônica, que, em suas fundações, possui a ideia de que todas as tradições religiosas e espirituais possuem uma estrutura e uma origem comuns e elas coincidem com a própria doutrina da maçonaria, que é verdadeiramente esse modelo comum da religiosidade humana. Diferenças entre religiões e culturas são apresentadas como secundárias e como imitações mal

[19] Dugin A. Martin Heidegger and the possibilty of the Russian Philosophy. Op. cit.

feitas (para as massas) da teoria maçônica em si (reservada para uma elite espiritual). Portanto, a unidade da espécie humana e a unidade do mundo são um dos objetivos centrais da atividade política maçônica, o que nos explica a presença certa da maçonaria em todas as iniciativas, organizações e sociedades[20] globalistas e mundialistas. A fórmula da "humanidade única" no seu aspecto secular e mundano é, portanto, um falso conceito maçônico.

E. Husserl, A. Malraux: "Humanidade Europeia"

Também é demonstrativo o fato de que nos século XIX e XX, o termo "Humanidade Europeia" foi frequentemente usado na cultura europeia (em particular, Edmund Husserl (1859 – 1938)[21] e Hanri Malraux (1901 – 1976)[22] constantemente o aplicavam). Não é um descuido ou uma expressão ocasional. A cultura europeia é baseada na presunção de que ela é um holograma progressivo, que precede toda a cultura global. Consequentemente, a sociedade europeia é considerada como sendo um algorítimo da sociedade como tal, o que implica que toda a humanidade é apenas um conceito expandido (pela qual, mais frequentemente é vista como incompleta, fracassada e atrasada) da "Humanidade Europeia".

O conceito de "humanidade" que o globalismo e a sua filosofia presumivelmente descobriram, é, de fato, o mesmo da velha "humanidade europeia", mas inflado ao tamanho do planeta e projetado em todas outras culturas e nações. Portanto, os globalistas não se abriram para o mundo como um todo, mas continuam presos ao Ocidente, que transformam em um Ocidente planetário. Nenhum encontro com o geral ou descoberta do todo ocorre. O que não se parece

---

[20] Thual F. Géopolitique de la franc-maçonnerie, Paris, Dunod, 1994.

[21] Husserl E. La crise de l'humanité européenne et la philosophie. P.:Philosophie, 2008.

[22] lraux A. La Tentation de l'Occident. Paris: Grasset, 1926.

com o Ocidente, é transformado no que se parece com ele (com sua democracia, seu mercado, sua tecnologia, seu liberalismo, seu individualismo, seus direitos humanos, suas redes, etc), e só então ele é aceito. Então, o globalismo é uma absolutização do local, não uma descoberta do geral e do todo. E a "humanidade" não é nada além de um conceito ideológico instrumental que serve para operar com a fórmula "humanidade = humanidade europeia em todas as direções". Claro que, na prática, essa fórmula não funciona, já que a maioria das culturas do mundo e a vasta maioria da população da Terra são do tipo não-europeu. Mas para o Ocidente e para o mundialismo, isso significa apenas uma coisa: eles não são agora, mas amanhã serão – alguns voluntariamente, mas alguns através da força.

Diferentes "Humanidades"

Do ponto de vista da Teoria Multipolar, sem dúvidas existe uma "humanidade europeia", mas como uma sociedade baseada nos sistemas axiológicos da civilização Euro-Ocidental. Mas junto com ela, existem muitas outras "humanidades" – a Humanidade Hindu, a Humanidade Chinesa, a Humanidade Russo-Eurasiana, as Humanidades Árabes, Islãmicas, Africanas, Pacíficas, Budistas, Latino-Americanas e assim por diante. Algumas vezes, as suas fronteiras sobrepõem-se umas às outras e há também "micro-humanidades", constituídas por etnias e tribos. Pequenas tribos dos Nivkhs, Kets, Yukaghirs, Shors ou Setu na Eurasia, Veddah no Sri Lanka ou Pirahan na bacia do Rio Amazonas são também "humanidades", com línguas, culturas, rituais e tradições únicas, com a sua própria racionalidade, "mundo real" e *Dasein*. E para juntá-las em um conjunto planetário comum, deve-se ter estudado profundamente as suas culturas, entrado na sua essência, ter entendido-as e tê-las amado, compreendido a sua lógica, entendido como elas são, e não tê-las visto apenas de fora. Na prática, é quase impossível, mas pode muito bem ser um objetivo nobre e superior. É por esse objetivo que a filosofia do Multipolarismo traça a sua missão. O motivo não é

para descobrir o que há em comum entre todas essas “humanidades”, mas para desfrutar da majestosa abundância de diferenças.

A Teoria da Multipolaridade recusa o conceito de humanidade, considerando-o uma abstração “imperialista” e eurocêntrica e está pronta para lidar com esse conceito, apenas recusando-o e negando-o, revelando a falência e sua essência colonial e até mesmo “racista” (de fato, nas suas bases este conceito presume a superioridade padrão das sociedades Ocidentais sobre todo o resto, sendo uma representação, se não biológica, mas cultural, social e tecnológica de racismo).

O Ocidente e “o Resto”

Falta apenas entender a questões sobre em qual sentido o Eurasianista N. Trubetskoy usou o termo “humanidade” em sua dissertação “Europa e a humanidade[23]”. Neste caso, Trubetskoy entende “humanidade” como uma antítese à “humanidade europeia”, como uma variedade de culturas e tradições existentes. A Europa, para ele, é intrusiva, imperialista e universalista e todo o resto (“humanidade” em sua terminologia) são as vítimas desta política global europeia (inclusive economicamente, culturalmente, educacionalmente, etc). Não é um conceito de unidade, mas ao contrário, o tipo conceito “da Terra”, uma “diversidade” de culturas unidas pelo fato de que elas estão ameaçadas pela obliteração, pela destruição, pela decomposição, em perigo de serem reformatadas às condições do Ocidente, se tornando globais.

Em seu livro “Choque de Civilizações[24]”, o cientista político Samuel Hauntington, baseando-se nos trabalhos do historiador inglês Arnold Toynbee[25] (1889 – 1975), usa a fórmula “O Ocidente e o Resto".

---

[23] Trubetskoy N.S. Evropa y tchelovetchestvo. Op. cit.

[24] Huntington Samuel P. The Clash of Civilizations and the Remaking of the World Order. New York: Simon and Schuster, 1996.

[25] Cf, Toynbee A. Postizheniye istorii.. M., 1991.

O que N. Trubetskoy coloca como “humanidade” é exatamente “o Resto”, todos menos o Ocidente – enquanto que os globalistas e mundialistas, pelo contrário, quando dizem “humanidade”, querem dizer primeiramente “o Ocidente” e quando dizem “o Resto”, querem dizer “aqueles que ainda serão o Ocidente” (um tipo de “sub-humanidade”, “sociedades subdesenvolvidas”).

A filosofia da Multipolaridade é uma filosofia “do Resto”, daqueles que estão ameaçados pelo “Ocidente” e que precisam consolidar seus esforços para repelir esta ameaça. Apenas depois disso pode-se falar sobre uma maneira de unir as culturas e civilizações através de um processo muito complexo de diálogo, ou sobre preservar e reviver as diferenças. A questão fica aberta e a Teoria Multipolar não pode prever um futuro tão longínquo. Se o projeto da globalização ruir, problemas e desafios absolutamente diferentes irão surgir em face de diferentes nações e sociedades na Terra. Se elas devem ser globais ou não, é absolutamente impossível de prever. Mas atualmente, toda a problemática globalista possui um caráter tendencioso e ideologicamente instrumentalizado e enrijecido, originado do “Núcleo” Ocidental e é um tipo de guerra de informação e manipulação da opinião pública.

Reconhecimento das Diferenças Humanas

A diferença entre sociedades humanas é uma lei histórica empiricamente provada. Nós conhecemos somente sociedades diferentes, cada uma delas é baseada em conceitos antropológicos diferentes e uma ideia própria do que seja o homem. Não existe uma antropologia comum. Cada cultura resolve o problema antropológico de seu próprio modo. A filosofia multipolar reconhece este fato como verdadeiro e não luta para mudá-lo. Portanto, ela postula múltiplas antropologias como seu axioma e afirma que esta situação deve ser reconhecida e compreendida, mas de maneira alguma, superada. Qualquer tentativa de hierarquizar as sociedades humanas leva ao

“racismo” e mesmo que o racismo biológico esteja fora de moda hoje, o racismo cultural, econômico, social e tecnológico continuam no cerne da visão Ocidental de mundo. Mas hoje o racismo mudou os seus meios: agora, culturas e sociedades que não reconheçam os imperativos de individualismo, liberdade, tolerância, secularismo, direitos humanos, democracia política e economia de livre mercado são consideradas “inferiores”, são consideradas “atrasadas”, “subdesenvolvidas”, “arcaicas” e “totalitárias” e estão sujeitos (em casos extremos como os da Iugoslávia, Iraque, Afeganistão, etc) a “melhorias” e “culturalizações” forçadas.

A Filosofia Multipolar parte de um princípio completamente diferente: cada sociedade tem o direito de sustentar as suas estruturas e suas ideias de homem na própria base das suas tradições históricas. Independente de agradar ou não as sociedades vizinhas. Em casos fronteiriços, isso pode provocar conflitos, mas pode também provocar uma combinação harmônica e o diálogo criativo. Ao menos, nós nunca devemos julgar uma sociedade, comparando-a com outras sociedades e menos ainda tornar o resultado desta comparação em uma ideologia. Essa é a essência da filosofia da Multipolaridade.

§ 4 Da Pluralidade de Lugares para a Pluralidade de Tempos

Filosofia e Antropologia de Lugar

O reconhecimento do caráter positivo no fato de existirem diferenças entre sociedades e culturas é a essência da Teoria Multipolar. O mundo é diversificado e isso é primeiramente uma entidade e segundamente um valor. Sociedades, etnias, nações, países e civilizações situadas em diferentes áreas da Terra, expressam diferentes “sentidos espaciais” (“Raumsinn”, por F. Ratzel). Então surge a ideia da geografia multipolar das culturas, um mapa cultural do mundo, representando um mosaico das mais diferentes culturas que, frequentemente, se juntam a um conjunto maior ou, pelo contrário, se

dividem por fronteiras nacionais administrativas.

A Teoria Multipolar, primeiramente, lida com tal geografia cultural, antropogeografia, com o mapa antropogeográfico do mundo. Sociedades, nações, etnias, religiões, culturas são organismos vivos complexos e dinamicamente em desenvolvimento, localizados em áreas espaciais e são, primeiramente, marcados nesse mapa. Então, um mapa multipolar da pluralidade dos "lugares humanos", uma topologia cultural se forma no mundo. Ele é tomado como a matriz geral da Teoria Multipolar, o algorítimo básico onde fronteiras políticas, redes econômicas, áreas de destribuição de recursos naturais e áreas militares estratégicas são apenas posteriormente marcadas. A ligação da sociedade com o espaço é primária, o resto é secundário.

Diferenças entre "lugares humanos" determinam todo o resto – incluindo as formas mais técnicas e artificiais de organização militar ou industrial do espaço. Então a filosofia do espaço, a filosofia do lugar é construída. A. Hettnt a chamava de "corografia" (ou "corologia"), a doutrina do espaço qualitativo[26].

A grande variedade de "lugares humanos" cria a estrutura primária do mundo e as sociedades coexistentes em diferentes setores de tal mundo são igualmente variáveis e possuem direitos iguais, as relações entre elas se desenvolvem de acordo com a lógica do desenvolvimento da vida – sociedades ativas se expandem, se mobilizam, se movem, se desenvolvem. Sociedades passivas se contraem, se retiram e se fecham. Qualquer tentativa de controlar este processo é conscientemente racista, já que isso serviria automaticamente aos interesses de uma sociedade concreta em detrimento de outras. "Lugares humanos" vivem de acordo com os cenários presentes nas estruturas de suas culturas e, baseado nelas, eles resolvem os problemas que o mundo que os circunda apresenta em suas transformações. E

---

[26] Hettner A. Die Geographie, ihre Geschichte, ihr Wesen und ihre Methoden. Breslau: Ferdinand Hirt, 1927.

qualquer um deles faz isso na sua própria maneira inteiramente original.

A “Teoria dos Lugares” foi desenvolvida pelo famoso filósofo japonês Kitaro Nishida que, estudando a filosofia europeia, principalmente a fenomenologia, chegou a conclusão que junto com o modelo tipicamente europeu de racionalismo, se operarmos com a lógica baseada no princípio da “Identidade” de um objeto, existe um racionalismo diferente (inerente, por exemplo, à cultura Nipônico-Budista) onde existem “lugares[27]” ao invés de “identidades”. Nishida os chamava de “lugares lógicos” (“*basho”*, “lugar” em japonês). Diferentemente de “identidades”, que implicam em construções lógicas – “sim/não”, “verdadeiro/falso” – a lógica dos lugares é baseada no princípio inclusivo – as oposições podem coexistir sem rejeitarem umas as outras, juntas no sistema de uma construção complexa de “lugares” (τοποι). O “lugar” superior, de acordo com K. Nishida, é “o vazio” ou “o nada” (“*mu”* em japonês) que inclui em si os outros lugares e parece ser a sua fundação. O Estado (cultura, sociedade) é também um “lugar” (*topos*) que precede e substitui o “nada”, mas inclui em si mesmo todo o resto. Todos os outros lugares (dentro do Estado/sociedade) estão incluídos nele para preservar a sua singularidade, diferenças, peculiaridade e contradições. Correspondentemente, outros Estados/sociedades, fora do Japão, por sua vez, são “lugares” \\\\\\\\superiores para tudo que está incluso neles e essas coisas conseguem sua realidade, sua existência e seu sentido, a partir disso. A filosofia de K.Nishida e a teoria do “*basho*” se encaixam perfeitamente na abordagem do problema de lugar, de espaço, na Teoria Multipolar.

[27] *Nishida K.* Logik des Ortes. Der Anfang der modernen Philosophie in Japan. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1999.

G Gurvitch: O Tempo como um Fenômeno Sociológico

Como a Teoria do Multipolarismo[28] é exatamente construída sobre o conhecimento do pluralismo espacial, deve se proceder a um princípio mais político de "pluralidade dos tempos". Como os clássicos da ideia sociológica (E. Durkheim, M. Moss e, especialmente, o sociólogo russo-europeu Georges Gurvitch (1896-1965)) mostraram, o "tempo" é uma categoria social, e, por isso, há algum "tempo" individual e especial em cada sociedade, se não vários simultâneos[29]. Isso significa que diferentes sociedades, ainda coexistindo no mesmo espaço físico, estão em diferentes períodos do ponto de vista da sua própria história, da sua própria cultura. O "Eterno Retorno" é comumente apropriado para centros étnicos. O tempo progressivo dirigido para a realização de destino e projeto comuns (no presente e no futuro) chega às etnias que entraram para a história. Diferentes culturas religiosas têm suas próprias ideias de lógica e objetivo de história, de messianismo, de ciclos, e missões. Os Estados nacionais modernos operam com tempo físico e, em geral, separam os modelos europeus-ocidentais da "temporalidade". A pós-modernidade carrega consigo mais uma modificação do tempo – pós-história, reciclagem atável de fragmentos do passado, o tempo irônico[30].

Cada lugar na Terra é onde cada sociedade está localizada,

---

[28] Martin Heidegger costumava dizer que "a espacialidade é existencial de Dasein". Cf. *Heidegger M*. Sein und Zeit. Tübingen: Niemeyer, 1986. Dugin A. Martin Heidegger and the possibilty of the Russian Philosophy. Op. cit.

[29] *Gurvitch Georges*. The Spectrum of Social Time. Dordrecht: D. Reidel, 1964. Cf. Dugin A. The sociology of the imaginary. The introduction into the structural sociology. M., 2010. Idem. The sociology of Russian Society. M., 2010.

[30] Dugin A. The sociology of the imaginary. The introduction into the structural sociology. M., 2010. Idem. *Postphilosophy. M., 2009.*

assim, é o tempo social muitas vezes combinado com diferentes temporalidades sobrepondo umas às outras. Portanto, seu sincronismo histórico (simultaneidade) é altamente relativo: eles somente referem ao pan-humano (mais precisamente ao tempo físico e calendário europeu-ocidental), com o lado que entrelaça a um contexto complexo de tempos locais. A questão não é somente que algumas sociedades passaram a uma forma maior na lógica comum de história e uma menor possui as outras (isso é exatamente o surgimento do racismo). As muitas estruturas do tempo podem ser diferentes em cada sociedade e não há como considerar que todas elas movem-se na mesma direção. Algumas, talvez, movem-se exatamente onde a sociedade ocidental se move e outras podem muito bem se moverem a uma direção absolutamente distinta em correspondência com a estrutura da sua temporalidade e seu senso, mas elas também podem mover-se a lugar nenhum (como no caso de um centro étnico). Não há fundamentos racionais para projetar sociedades do seu próprio tempo e jogá-las no ambiente do tempo ocidental, modernizá-las, torná-las contemporâneas do momento global. Para a maioria das sociedades presentemente existentes, a globalização como um momento natural da sua própria história não chegou ainda e, possivelmente, nunca chegará. Por isso, forçá-las a considerar o presente "momento global" é simplesmente uma violência irracional.

Pluralidade dos Tempos como uma Norma

A filosofia do Multipolarismo, por sua vez, reconhece a *pluralidade dos tempos como um fato e como um estado normativo de negócios*. Diferentes sociedades vivem em tempos diferentes e têm o total direito e motivos para isso. Esses tempos podem seguir em diferentes direções, como vias de corrente, eles podem fundir e ramificar, mas também podem, como rios, se manter. Não se deve realizar uma *ditadura temporal*, impor a outros um estágio ou uma era. A sociedade islâmica conta sua história desde Hegira. Os cristãos – Anno Domini. Os judeus – desde a criação do mundo. Os hindus,

chineses e budistas também têm seus sistemas cronológicos próprios. Há algumas nações na Terra tão longe que não conhecem o tempo – ainda mais o cíclico (algumas tribos de aborígenes australianos), portanto, não necessitam de nenhum tempo e ninguém deve impor isso a eles.

Dessa maneira, a Teoria do Multipolarismo segue uma linha para uma interpretação positiva da diferença até o limite lógico em todas as esferas. Portanto, não representa simplesmente um catálogo de ideias e conceitos criados apressadamente para assim apelar em prol de instantaneamente opor a unipolaridade e o globalismo, mas está pronto para realizar sua própria análise aos motivos mais profundos da sociedade humana e apreensão fisiológica de existência, homem, espaço, tempo e o mundo. O mundo da Teoria Multipolar é multipolar, também. É diferenciada em cada aspecto e em cada projeção. Representa *um pluriversum aberto*, onde organismos sociais distintos se movem em diferentes direções e com diferentes velocidades, enquanto se fundem, repelindo uns aos outros, confrontando e criando uniões e alianças. Se essa corrente vivente de existência de sociedades humanas concretas realmente tivesse qualquer paradigma comum, lei ou algoritmo, podemos somente compreender como submergir para dentro de seu ambiente multitudinário, pluralista, e sempre diferenciado.

O Mundo Multipolar (entre etnias, culturas, nações, países, sociedades e povos) de modo algum limita o horizonte de comunicação, mas apenas sublinha que é necessário para bem atender às peculiaridades culturais de cada participante para que este horizonte seja substantivo e sensato. Sem isto, qualquer intercâmbio pode somente ocorrer nas formas mais sinistras, materiais e primitivas. E se aproximar de diferentes culturas com uma única ideal em comum é o meio mais fácil de não entender nada deles e reduzir a comunicação à violência de impor um código estranho de cultura para todos.

Capítulo 3: À Teoria do Multipolarismo: Motivos Estratégicos

§ 1 Pólo e "Grandes Espaços"

A ideia de um Polo na Perspectiva Multipolar

Da consideração de motivos filosóficos da Teoria do Multipolarismo, nós procedemos aos seus aspectos estratégicos. Comecemos com o que é compreendido como "um polo" no senso estratégico.

Primeiramente, o Multipolarismo, como um contra-argumento à unipolaridade e à globalização unipolar (no seu sentido americano-imperialista, geral, comum e ocidental), supõe que o mapa do mundo futuro deve ser estruturado de maneira que haja vários centros de poder, não possuindo o domínio absoluto de um em relação a outro e permitindo diferentes sociedades (até o nível micro) realizarem a livre escolha de um bloco para se unir. Esses polos devem ser mais do que dois. Isso é essencial. Essa posição resulta de uma análise do estado atual de coisas a se resolver. No momento, nenhuma dos maiores potências, ou ainda um bloco de potências maiores, tem suficiente potencial para lançar uma reivindicação em única oposição estratégica ao poder dos Estados Unidos e aos países da OTAN. O mundo bipolar terminou com a desintegração da URSS, e depois da URSS não há desafios sérios para o *status* do segundo polo. Portanto, o político francês Hubert Vidrine sugeriu usar o termo "hiperpotência" ao invés de "superpotência" (em relação aos EUA) depois de 1991 para enfatizar seu domínio assimétrico ao passo que, no suporte de duas "superpotências", uma certa simetria (pelo menos, no potencial

estratégico) fosse observada até o fim. Nem a Rússia moderna, nem a China (como os candidatos mais apropriados para o *status* de <<segundo polo>>), foram capazes de mobilizar as capacidades e recursos suficientes para competir com os EUA na esfera estratégica. A Rússia tem problemas com economia, demografia e muitos problemas sociais não resolvidos e a China onde, pelo contrário, tudo está certo com estes momentos, tem carência de recursos naturais e infraestrutura nuclear desenvolvida. É desnecessário falar sobre quaisquer outros desafios para o segundo polo.

O modelo estratégico do mundo multipolar resulta exatamente disso. Se não há poder agora que seria capaz de desafiar o singular domínio dos EUA em uma escala mundial, é necessário criar uma aliança de vários blocos, que, perseguindo seus próprios interesses estratégicos no contexto regional e ainda que contradizendo uns aos outros em alguns pontos e ainda sendo baseados em tipos e ideologias de civilizações distintas, poderia simultaneamente organizar vários polos unidos com uma ideia estratégica geral: *bloquear a hegemonia americana*.

No entanto, na condição em que alguns países encontraram a si mesmos, atualmente todas elas não são apropriadas para o papel de um polo ainda em tal – coletiva e plural – interpretação. O polo do mundo multipolar, tão bem como este mundo próprio, deve ser múltiplo, i. e., representar um resultado de integração estratégica. Em outras palavras, o polo estratégico do mundo multipolar deve ser previamente criado.

Teoricamente, o mundo multipolar deve representar um poder militar, econômico, demográfico, político, geográfico e uma formação civilizacional, capaz de realizar uma integração estratégica dos territórios vizinhos, atuando como um vetor resultante de uma ampla série de interesses regionais e representando-as juntamente antes de enfrentar o globalismo e a unipolaridade reconhecida como um desafio. Por isso, tal polo deve certamente ser diferenciado o suficiente por sua estrutura interna para bem servir como um centro de atração de vários,

muitas vezes contraditórios, potências regionais e forças políticas. E ao mesmo tempo, deve ser capaz de formar um sistema de parceria estratégica com outros polos potenciais do mundo multipolar – ainda com aqueles com quem se tem desacordos locais.

Um exemplo estrutural do que poderia ser uma forma típica do polo de mundo multipolar é a União Europeia. Isso é um espaço político unido em uma via energética de civilização histórica, cultural, econômica e social, etc. Assumindo que a Europa foi arena de um estande sangrento de poderes europeus, seu agressivo antagonismo, as Guerras Mundiais mais cruéis, seu território – "o espaço europeu" – foi gradualmente integrado e, através de uma série de situações complicadas e problemáticas, chegou a um nível de estado federal, atualmente, encabeçado pelo, apesar de simbólico, presidente (Herman Van Rompuy).

Geopoliticamente, a identidade europeia é dupla, há características presentes tanto atlantistas (Mar), como continentais (Terra), e, correspondentemente, centros de forças nela. A identidade atlantista da Europa é expressa pelo fato de que, em geral, ela apoia o modelo unipolar, mas esforça-se em assegurar a distribuição de funções dentro do "Núcleo" (do "Norte Rico"), para assim, seguindo a estratégia global, Washington também levar os interesses europeus em consideração (uma "aproximação multilateral" - o multilateralismo).

A identidade continentalista da Europa (representada tradicionalmente, em primeiro lugar, pela França e Alemanha e também por outros países industriais maiores – Itália e Espanha) combina bem exatamente com a abordagem multipolar, aspira independência em relação aos EUA e limitação da hegemonia americana em uma escala global, para transformar a Europa em um centro de força geopolítica auto-consistente, criar um sistema sociopolítico, não tanto fundado no liberalismo como nos princípios da democracia social (não o individualismo anglo-saxão, mas a sociabilidade e solidariedade europeia), com o fim de criar forças militares europeias independentes,

e, ultimamente, transformar a Europa em um polo independente. Permitindo que identidade continental se sobreponha ao atlantismo na Europa, nós, de forma geral, obtemos um polo concluído do mundo multipolar na forma da União Europeia.

É possível imaginar um cenário analógico com a integração europeia em outras áreas do mundo. A integração do espaço pós-soviético ao redor da Rússia em princípios similares é uma das versões de criação de um novo polo. Além disso, as ocasiões principais aqui são a integração da Rússia com a Bielorrússia e Ucrânia no Oeste e o Cazaquistão no Sul com a criação de uma integração flexível e atrativa para os países vizinhos – não apenas aqueles que mais cedo constituíram a URSS, mas também aqueles que não fizeram parte dela (Bulgária, Romênia, Eslováquia, Sérvia, Macedônia, no Oeste, e Mongólia, no Leste) - ao redor desses quatro Estados “nucleares”.

Polos analógicos podem ser e são já criados no curso de integração regional em outras áreas também. China e Índia já representam polos quase prontos por suas características demográficas. O colossal potencial econômico do Japão e de alguns outros dragões do Pacífico (Coreia do Sul, Singapura e Taiwan) permitem supor sua possível união que pode ser também, em certa configuração, uma reivindicação pelo *status* de um polo. Em uma perspectiva mais distante, o mundo árabe, a América Latina integrada e a África Transaariana podem também se tornar polos. Um Estado nacional tomado separadamente não pode ser um polo de multipolaridade. Em algumas situações (China, Índia e Rússia), um Estado nacional pode se tornar um núcleo de integração, em outros (a União Europeia, a Região Pacífica, a América Latina, o mundo árabe) é mais provável a formação ao redor de vários núcleos. Mas em todas as ocasiões é necessário passar pela união estratégica de territórios mais distintos para obter-se um polo completo.

Se realizar a formação de tais polos regionais no curso dos processos de integração no nível regional e assumir que há já dois ou três (além dos EUA e a área de sua influência prioritária dentro das

Américas), obtemos um quadro de um mundo multipolar que fundamentalmente limitará a hegemonia americana e colocará um grande obstáculo no caminho da globalização unipolar. E mesmo se cada um desses polos fosse tomado sozinho, estará muito atrás do poder dos EUA, seu potencial agregado e a posição diplomática coerente mudará radicalmente a estrutura geral da ordem mundial.

A Ideia de um "Grande Espaço" como um Conceito Operativo de Multipolaridade

A Filosofia do Multipolarismo é tamanha que ainda nas condições de integração regional (criando um polo de mundo multipolar) demanda considerar a diversidade das sociedades locais como fenômeno orgânico e cultural. Dessa maneira, para construir a ordem do mundo multipolar e representar processos de integração, é necessário ter alguma instrumentalização conceitual especial, mais flexível e diferenciada que modelos rígidos de soberania nacional, apesar de reproduzido no formato de vários países. Não é absolutamente necessário e ainda não aconselhável, unir alguns países a outros ou criar novos Estados na base de vários países. Tal aproximação carrega em si mesmo uma impressão do universalismo europeu dos tempos modernos e é contra isso que a Filosofia Multipolar luta. Assim, é muito mais útil operar com outros conceitos que corretamente descreverão os processos de integração e prová-las no nível estratégico. Neste caso, o princípio de um "Grande Espaço"[31] (desenvolvido nos fundamentos de experiência da integração americana e profunda reconsideração da tese de Karl Haushofer) estabelecido por Carl Schmitt é idealmente apropriado.

O conceito de um "Grande Espaço" representa uma parte central na Teoria da Multipolaridade. Ele enfatiza a escala estratégica de integração, estabelece seus parâmetros, define objetivos específicos e

[31] *Schmitt C.* Raum und Grossraum im Volkerrecht//Zeitschrift fur Volkerrecht. 1940. Vol. 24. Nº 2.

descreve o mínimo necessário de territórios, indicadores demográficos e econômicos, o nível de dote energético, limites históricos e culturais de terras sujeitas à integração. Entretanto, intencionalmente ele não estabelece nada concreto em relação à forma da estrutura estatal, do sistema político ou do controle administrativo do seu "Grande Espaço" que está sendo criado. Qualquer especificação pode somente prejudicar. Além disso, diferentes "Grandes Espaços" podem ser politicamente organizados em vias absolutamente distintas. No primeiro caso, eles podem se unir em um Estado comum, em outro – preservar completamente as formas políticas administrativas já existentes; em um terceiro – reformatar a área comum na base de algumas novas atitudes. (e.g., cultural, religioso ou étnico). O importante não é o *status* legal da nova estrutura integrada, mas sua composição estratégica, seus limites, seu centros de controle, escala e oscilação.

Um "Grande Espaço" pode se tornar um princípio de toda estratégia multipolar. *O mundo multipolar deve, portanto, ser concebido como uma ordem de "Grandes Espaços"*. Não um espaço global comum, mas um mosaico de várias áreas.

O conceito de um "Grande Espaço" pode ser escalado. Em sua forma máxima, pode coincidir com o conceito de um polo – um dos vários dentro de um sistema multipolar comum. Mas isso é o caso mais extremo. Como regra, a visão realista no balanço de poderes e interesses no nosso mundo sugere que pode haver *mais* áreas de integração do que polos valiosos, mas, ao mesmo tempo, muito *menos* do que Estados oficialmente reconhecidos. Um polo do mundo multipolar pode consistir de vários Grandes Espaços preservando relativa independência na sua estrutura, bem como a autonomia das unidades menores – Estados, grupos étnicos e religiosos, etc. – será preservada dentro do próprio "Grande Espaço".

O Status de uma Civilização e de um Princípio de "Império"

Se lançarmos um olhar para a história, podemos tomar duas formas de integração social como um precedente de "Grandes Espaços": 1) O cultural, cuja expressão é a *civilização*, e 2) O político tornando-se aparente na forma de *um império*. A civilização parece ser um "Grande Espaço" unido com filosofia, cultura, a via do pensamento, instrumentalização terminológica baseada em uma ou várias linguagens, em alguns casos, com religião e culto, mas carente de unidade estratégica e administração centralizada. Um Império é, em primeiro lugar, uma unidade e uma centralização exata do ponto de vista de poder político e a afinidade cultural de sociedades constituindo um império é secundária e derivativa.

Ambas as formas históricas do "Grande Espaço" diferem da combinação (apesar de em proporções principalmente distintas) da diversidade local (formas de governo, organização de identidade étnica e religiosa, etc) e da única origem comum para todos. Os impérios poderiam ser construídos nos fundamentos de uma civilização (e.g., por Alexandre, o Grande) e impérios desaparecidos usados para deixar um campo de civilização comum (e.g., o mundo islâmico depois da desintegração do Califado). Isso demonstra que a "Civilização" e o "Império" são fenômenos historicamente interconversíveis: um pode coexistir com os outros ou surgir no lugar do outro. Essa nota extremamente importante demonstra que existe continuidade entre a civilização (unidade cultural) e um império (unidade política).

E essa continuidade é expressa em termos de lugar: tanto uma civilização quando um império representam "Grandes Espaços" no senso geopolítico e sociológico; as sociedades situadas dentro desses espaços têm alguns elementos paradigmáticos em comum nas suas estruturas. Levando em conta que é uma sociedade quem produz um espaço (H. Lefebvre) e que suas estruturas refletem e constituem simultaneamente este espaço, sua regularidade se torna facilmente explanável. Todos os "Grandes Espaços" históricos (ambos os impérios

e civilizações) foram situados em áreas geográficas concretas com fronteiras oscilantes, mas com o núcleo comum e com a estrutura espacial comum. Dessa maneira, é possível estabelecer que uma vez unidos, os territórios, cedo ou tarde, podem ser integrados novamente em uma nova circunvolução – pelo menos enquanto a estrutura comum de um espaço permaneça inalterada e, correspondentemente, reflita a si mesmo nas sociedades, vivendo e organizando seu espaço (o ambiente acomodado).

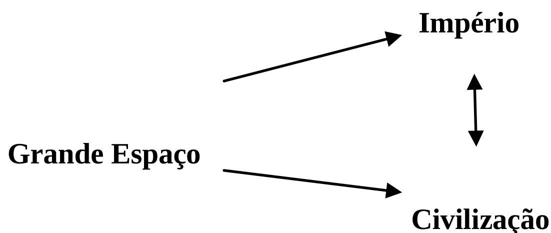
Uma porção de exemplos para isso pode ser dada. Assim, as zonas de estepe da Eurásia foram unidas por uma ou outra nação nômade com constância periódica, tornando-se uma parte de um império unido das estepes ou de vários impérios. Dos citas, sármatas, turcos, czares, aos mongóis e russos, estes territórios foram periodicamente agregados em um único espaço estratégico – sob diferentes núcleos étnicos, diferentes ideologias e sistemas sociais. Essa zona representa a Turânia geopolítica, na qual alguns traços da cultura e civilização comum europeia que costumavam unir diferentes etnias, tribos, e religiões podem ser descobertas tão longe. Essa unidade cultural obteve sua máxima expressão no Estado mongol e mais tarde no Estado (Império) russo.

Outro exemplo é a Europa moderna. Uma vez representou o espaço do Império Romano que primeiro se desintegrou em duas partes (os Impérios Oriental e Ocidental), e, nos Tempos Modernos, finalmente se dividiu em vários Estados nacionais. No entanto, a cultura e a civilização europeia permaneceram comuns para as diferentes etnias europeias e, em muitos séculos depois do império ter desaparecido, a unidade política da Europa reviveu em uma nova qualidade – na forma da União Europeia.

Esses exemplos nos mostram que um "Grande Espaço" como o principal conceito de integração da Teoria da Multipolaridade é extremamente produtivo para operar com fenômenos tão distintos como cultura e política. Em um "Grande Espaço" como uma categoria

independente, esses fenômenos coincidem em uma matriz sociológica que precede sua formação final e parece ser um modelo de atitude de várias sociedades para um único espaço compreendido e percebido como singular e comum.

Assim, o termo *civilização* pode ter um sentido político e geopolítico, e o termo império – correspondentemente, de uma civilização. Assim, obtemos uma fórmula:



Consequentemente, a unificação cultural e política de um espaço tem a mesma raiz e pode fluir em cada um dependendo de uma específica circunstância histórica. Se considerarmos as ideias de Samuel Huntington em relação à colisão das civilizações sob este ângulo visual, veremos que não há nada infundado no sentido que a unidade cultural de uma civilização pode bem ser adicionada a um componente estratégico em algumas situações, o que os críticos de Huntington não levaram em conta, tendo considerado que ele superestimou o significado do fator cultural[32]. Assim, uma "civilização" hoje pode se tornar um "Império" amanhã, como uma matriz comum – o "Grande Espaço" subjaz em ambos.

Essa convertibilidade de uma unidade cultural em algo estratégico deve explicar toda carência de fundamento da ideia de um "Grande Espaço" e seu significado para o mundo multipolar. O mundo multipolar deve ser construído sob condições de uma escolha histórica

[32] *Tomlinson J.* Globalization and Culture. Cambridge: Polity Press, 1999.

natural de desenvolvimentos objetivos pelas sociedades e, consequentemente, sob o fundamento do seu paradigma cultural. A introdução do conceito de um "Grande Espaço" demonstra como transformar cultura em política nos casos onde se torna necessário. No entanto, o conceito de um "Império" deveria ser concebido tecnicamente, em isolamento da conotação histórica; como um termo politológico, significa nada mais que: *uma unidade estratégica com preservação das autonomias locais perdidas e das partes diferentes do todo com diferentes graus de integração sociopolítica*.

Nesse sentido, o Império teoricamente *combina com federalismo*, mas *contradiz a ideia de um Estado nacional,* que efetua a unificação completa da população em aspectos legais, educacionais, linguísticos e culturais, e também não opera com atores coletivos (como contra um Império no caso de perda de independência política de constituintes individuais dentro dos limites), mas sim com indivíduos.

Se um "Império" depois de tudo soa tão definido e uma "civilização", pelo contrário, tão vaga, o termo "Grande Espaço" é uma forma ideal de todos os pontos de vista e precisamente reflete a essência da Teoria da Multipolaridade.

§ 2 A Estrutura da Identidade no Mundo Multipolar

Os Novos Atores da Taxonomia

A Teoria da Multipolaridade deve introduzir seu projeto e o que considerará como principal ator da política exterior e relações internacionais na ordem do mundo multipolar. O sistema Vestfaliano sugere uma unívoca resposta a essa questão: Estados nacionais. No período da "Guerra Fria", os centros dos blocos ideológicos (dois superpoderes) foram atores reais. No globalismo, permanece um ator – o "Núcleo" do sistema global ou do "Governo Mundial".

A Teoria da Multipolaridade, também neste caso, propõe um modelo plural de atores sugerindo uma taxonomia multipolar nova e

original.

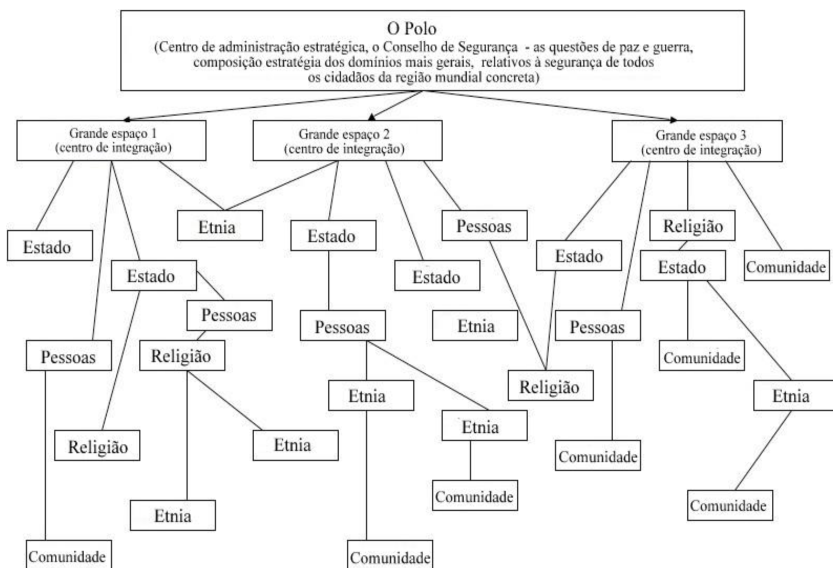
As instâncias que denotamos como "polos" possuirão soberania estratégica valiosa no mundo multipolar. Há grandes formações estratégicas, cujo número será certamente limitado – mais que dois, mas muito menos que "Grandes Espaços" potenciais. Isso significa que cada polo deve possuir controle prioritário sobre as forças militares unidas e esta instância deve estar sob o comando do governo estratégico de um polo. Somente as questões mais penetrantes estarão dentro do conhecimento dessa instância estratégica maior – tal como guerra e paz, o uso ou não uso de força, imposição de sanções, etc. Aproximadamente, tal função é realizada hoje pelo Conselho de Segurança da ONU, mas somente em um modelo absolutamente diferente – excessivo em seu formato, não correspondendo à nova correlação de forças no mundo, e, assim, ineficaz. O Conselho de Segurança de um "polo" pode também ser comparado com as autoridades de um bloco militar bem consolidado – como a OTAN ou CSTO.

As decisões estratégicas de um caráter macroeconômico, energético e de transporte, afetando todo espaço sob a jurisdição do polo, estarão também dentro da competência desta instância. Centros responsáveis pela integração de "Grandes Espaços" estarão no próximo nível. Sua estrutura será similar a um governo de Estados confederados, onde todas as decisões são feitas no princípio da *Subsidiariedade* – isto é, quanto mais localizado um problema, mais poderes para sua solução são concentrados em instâncias inferiores da auto-administração. Somente questões inteiramente gerais que afetam todo "Grande Espaço" devem estar sob a jurisdição dos "Centros de Integração". Como o *status* legal dos "Grandes Espaços" pode variar essencialmente, a forma legal das suas instâncias governamentais pode representar ou um órgão supranacional integrado pelas cabeças dos Estados constituintes do Grande Espaço (se Estados nacionais são preservados), ou uma forma diferente de organização confederada ou federal (pela integração mais

intensa).

Em um nível ainda mais baixo, a Teoria do Multipolarismo admite uma forma bastante frouxa de sujeição legal. Aqui estarão localizados tanto Estados nacionais quanto múltiplas formas de outros sistemas sociais que não necessitarão de qualquer Estado nacional, desde que todas as decisões estratégicas sejam feitas em um nível superior. As questões que cairão dentro do conhecimento das instâncias colocadas abaixo dos centros de “Grandes Espaços” serão principalmente de caráter social, i.e. representam o processo de organização de diferentes grupos sociais em correspondência com sua especificidade cultural, histórica, étnica, religiosa e profissional. Em um todo, um “Grande Espaço” representará uma imposição de muitos sistemas sociais de qualidades e formatos distintos, cada qual será organizado em conformidade com seus parâmetros vitais e históricos naturais. O desafio da aproximação multipolar é para providenciar máxima diferenciação de unidades sociais dando máxima liberdade às comunidades e sociedades nas formas de desenvolvimento da sua própria auto-administração e organização social. Centros étnicos e nações consolidadas com a história, as formações estatais, comunidades religiosas, novas formas de socialização – tudo isso pode se tornar possível dentro do modelo multipolar de organização social sem aprovação de quaisquer padrões. Todas as questões que não afetam as posições estratégicas mais gerais de um polo e de um processo de integração de “Grandes Espaços” serão delegadas ao nível máximo inferior, livre de todo controle das instâncias superiores. Qualquer segmento de uma sociedade pode organizar sua existência e seu espaço em correspondência com suas ideias, forças, possibilidades, desejos, tradições e estrutura de imaginação.

O diagrama das instâncias de poder no mundo multipolar pode ser apresentado, e.g., dessa forma:



O maior controle estratégico é concentrado em um nível polar, mas afeta muito pouco as séries de questões com respeito somente aos assuntos mais principais envolvendo todos os habitantes dessa “Região Global”. Por debaixo estão as instâncias de integração dos “Grandes Espaços”. E ainda mais, segue uma complexa – distinguida com um sistema de arranjo aleatório e com formas se sobrepondo umas às outras no diagrama – configuração de atores menores, entre os quais nenhuma hierarquia política, governamental, legal ou de *status*, é apresentada. Cada sociedade, independentemente da base na qual é organizada, pode acabar assumindo qualquer forma de taxonomia ou possuir completa autonomia em relação a algumas outras instâncias, dependendo dos casos específicos. Em algum lugar a religião pode se pôr acima da etnia e do Estado; em outros, vice-versa; em alguns lugares, a mesma etnia, comunidade religiosa ou outra forma de um coletivo estável, tornará a

pertencer a diferentes Estados ou formas sociais, etc. Não há regras normativas no mundo multipolar que clamariam pelo universalismo. Cada sociedade tem sua própria variante de organização.

Kitaro Nishida: A Lógica do Basho e a Questão de Identidade.

Sobre termos multipolares, a questão da identidade é resolvida na organização da sociedade, não no espírito da racionalidade europeia, mas antes no espírito da "lógica de lugares" (*basho*) de Kitaro Nishida[33], quando uma identidade não exclui a outra, mas impõe a si mesma na outra ao incluir tudo, ainda que em formas contraditórias – já que todos "lugares" (K. Nishida) são um jogo estranho da identidade superior de "não-existência" (mu) onde o homem tem um desafio – deixam a cultura social em si mesmo como um impulso de consagração. Nesse processo, somente a regra principal é observada: a identidade cultural é mais importante que a individual. O homem é determinado pela sociedade e, correspondentemente, pela cultura a que pertence. Não é a sociedade que é algo derivado do homem, mas o homem é derivado da sociedade. E as variações de sociedades e suas taxonomias são grandes, tanto a identidade humana como sua estrutura torna-se ilimitada. Sistemas sociais rígidos (como centros étnicos, por exemplo) minimizam a identidade individual, quase reduzindo a nada[34]. Em outras sociedades –e.g., em nações ou em culturas de religiões monoteístas - o significado de uma personalidade é muito maior e combina com outras formas de identificação não-individual (mas esse aumento do *status* da origem individual é também nada além de uma consequência de preceitos sociais). Em Estados nacionais, a identidade individual se

---

[33] *Nishida Kitaro.* Intelligibility and the Philosophy of nothingness. Honolulu: East-West Center Press, 1958*; Idem.* An inquiry into the Good. New Haven and London: Yale University Press, 1990.

[34] Dugin A. The sociology of the imaginary. The introduction into the structural sociology. M., 2010. Idem. The sociology of Russian Society. M., 2010.

torna dominante e na sociedade civil, exclusiva. Mas nesse caso a exclusividade da identidade individual é também resultado da organização específica do paradigma público e por nenhum significado de um indivíduo por si próprio. Para ter-se a si mesmo como personalidade, deve-se se colocar em um ambiente social (extra-individual, normativo) que o fará um preceito e um valor.

A Teoria da Multipolaridade reconhece *todas as formas de identidade*, mas as demonstra em um contexto social e não sugere *qualquer hierarquização*. Uma identidade coletiva é de forma alguma melhor ou pior que outra, o mesmo é verdadeiro também em relação à identidade individual, se falarmos sobre uma sociedade que endossa uma personalidade com ontologia autônoma. Tal aproximação assume uma atitude respeitosa frente a todos os sistemas sociais, insistindo simplesmente em concedê-las liberdade para sua formação orgânica.

Identificações rígidas ou abertas e flexíveis somente tem seu sentido em um contexto social específico, em isolamento não podem ser compreendidas nem sequer comparadas entre si.

De acordo com Kitaro Nishida, o interesse público é realizado através da desindividualização da percepção da própria presença[35]. Quando o homem pensa que não é ele quem vive, mas a consciência social quem vive através dele, ele se torna a si mesmo, descobre seu "lugar", sua identidade. Não é necessário empenhar-se para "prosperar", isso é o bastante para identificar-se a si mesmo no comum (com uma comunidade, Estado ou grupo social). Neste caso, não interessa se essa sociedade é boa ou má, o governante é honesto ou então, ao contrário, um tirano e déspota. Todas essas estimativas não possuem sentido nem existência autônoma: é simplesmente necessário servir a identidade coletiva apagando seu "eu" para completar seu fenômeno em uma forma humana – e então o objetivo será alcançado. Se trabalhar bem para qualquer coletivo e servir verdadeiramente qualquer governante, a

---

[35] *Nishida Kitaro.* An inquiry into the Good. Op. cit.

prosperidade será alcançada – o coletivo se tornará saudável e o governador corresponderá à situação.

Essa regra é também relevante com respeito à sociedade ocidental, já que, se transpor a via de um indivíduo absoluto e de uma absoluta liberdade até o fim (como o liberalismo sugere em teoria), se tomará a ontologia fundamental, *Dasein* e tradição (exatamente a partir da outra ponta)[36].

O Estado Nacional e o Mundo Multipolar

Um dos pontos mais importantes da Teoria do Multipolarismo concerne ao Estado nacional. A soberania dessa estrutura já foi desafiada no período do suporte ideológico dos dois blocos (a "Guerra Fria") e, no período da globalização, o assunto já adquiriu uma relevância mais nítida.

Nós vimos que os teóricos do globalismo ou falam sobre a completa exaustão dos "Estados nacionais" e sobre a necessidade de transferir ao "Governo Global" (mais cedo F. Fukuyama[37]) ou acreditam que os Estados nacionais ainda não cumpriram sua missão até o fim e devem continuar a existir por um certo período histórico para assim melhor preparar seus cidadãos para a integração à "Sociedade Global" (mais tarde F. Fukuyama[38]).

A Teoria do Multipolarismo demonstra que os Estados nacionais são um fenômeno eurocêntrico, mecânico, e, para uma maior dimensão, "globalista", no seu estágio inicial (a ideia de identidade individual normativa na forma do civismo prepara o chão para a

---

[36] Evola J. Fenomenologia dell'individuo assoluto. Roma: Edizioni Mediterranee, 1974.

[37] *Fukuyama F.* The End of History and the Last Man New York, NY: Free Press, 1992.

[38] *Fukuyama F.* 2004. State-Building: Governance and World Order in the 21st Century. New York: Cornell University Press, 2004. Fukuyama – Dugin. Ideas do mean/ Profile, 2007 №23(531).

“sociedade civil” e, correspondentemente, para a “sociedade global”). Que todo o espaço mundial é separado hoje em territórios de Estados nacionais é uma consequência direta da colonização, do imperialismo e da projeção do modelo ocidental em toda a humanidade. Assim, um Estado nacional não carrega em si mesmo qualquer valor autossuficiente para a Teoria do Multipolarismo. A tese da preservação dos Estados nacionais na perspectiva da construção da ordem do mundo multipolar é somente importante no caso, se isso impede pragmaticamente a globalização (não contribui com ela) e oculta sob si mesmo uma realidade social mais complicada e proeminente – afinal, muitas unidades políticas (especialmente no Terceiro Mundo) são Estados nacionais simplesmente nominalmente e elas representam virtualmente várias formas de sociedades tradicionais com sistemas de identidade mais complexos.

Aqui, a posição dos proponentes do mundo multipolar é completamente oposta aos globalistas: se um Estado nacional efetua a unificação da sociedade e auxilia a atomização dos cidadãos, i.e., implementa uma profunda e real modernização e ocidentalização, tal Estado nacional não tem qualquer importância, sendo apenas uma sorte de instrumento da globalização. Tal Estado nacional que não está se preservando dignamente, não possui sentido algum na perspectiva multipolar.

Mas se um Estado nacional serve como uma face frontal para outro sistema social – uma cultura, civilização, religião, etc, original e especial - deveria ser apoiado e preservado enquanto atualiza sua evolução vindoura em uma estrutura mais harmoniosa, dentro dos limites do pluralismo sociológico no espírito da Teoria Multipolar.

A posição dos globalistas é diretamente oposta em todas as coisas: eles apelam para remover os Estados nacionais que servem como uma face frontal para uma sociedade tradicional (tal como a China, a Rússia, o Irã, etc.) e, contrariamente, reforçam os Estados nacionais com

regimes pró-ocidentais – Coreia do Sul, Geórgia ou os países da Europa Ocidental.

§ 3 O Mundo Quadripolar

O Mapa Quadripolar do Mundo Alternativo. Um apelo às Pan-Ideias

É muito possível aplicar a todos os mencionados acima considerações teóricas a respeito da organização estratégica do mundo multipolar ao existente estado das coisas e oferecer – como uma das possíveis versões – um modelo para a futura ordem do mundo multipolar correspondendo com todas as condições específicas. Nós chamamos esse modelo de "quadripolaridade" ou "mundo fronte-polar". Essa estrutura é baseada em várias fontes iniciais:

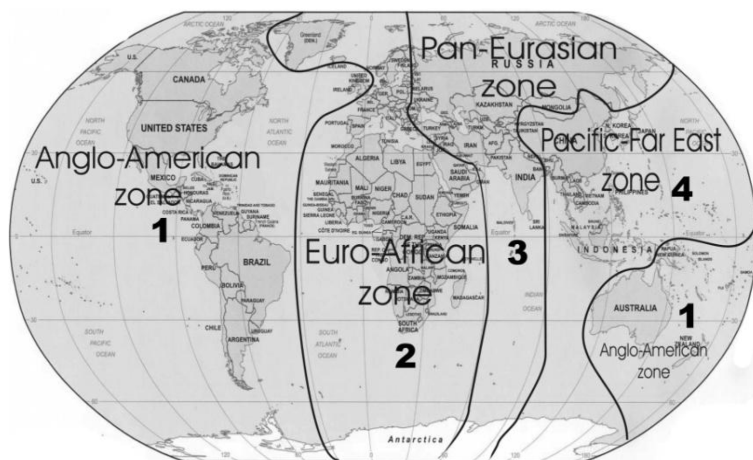
- Nova relevância da geopolítica das pan-ideias (Kudenof-Kallergi, K. Haushofer);
- Estratégia geopolítica do CFR e da "Comissão Trilateral" em relação às três regiões globais (os EUA, Europa e a Zona do Pacífico);
- A análise do papel e do local da Rússia moderna na política global.

Aplicando os princípios da Teoria Multipolar à análise do momento presente e procedendo com as metodologias geopolíticas, podemos descrever a seguinte imagem.

O potencial mundo multipolar em sua versão dos quatro polos (a quadripolaridade) representa quatro zonas globais dividindo o globo no meridiano. O mapa de K. Hausofer no caso da realização das pan-ideias se parece aproximadamente com isto.

Dois continentes americanos estão na primeira região. Este é o primeiro polo. Seu centro é no hemisfério norte e coincide com os EUA. Esse modelo reproduz a doutrina de Monroe ou então o *status* dos EUA de um grande poder regional, um pico alcançado nos finais do século

XIX, tendo liberado a si mesmo do controle europeu e, pelo contrário, tendo estabelecido controle (econômico e político) sobre a maioria dos países latino-americanos.



1. Zona Anglo-Americana, 2. Zona Euro-Africana, 3. Zona Pan-Eurasiana e 4. Zona Pacífico-Oriental.

Dentro dessa área que está sob controle estratégico do polo estadunidense é possível separar dois ou três “Grandes Espaços”. Duas – no caso de unir os EUA e o Canadá que estão fechados em sua estrutura sociopolítica e cultural em um “Grande Espaço”, e, pelo mesmo parâmetro, traçar toda a América Latina em outro “Grande Espaço”. Três “Grandes Espaços” surgem no caso de dividirmos os países latino-americanos entre os que estão profundamente integrados com os EUA e completamente sob seu controle, e os que estão inclinados a criar sua própria região geopolítica, resistindo contra os EUA (Cuba, Venezuela, Bolívia, implicitamente, Brasil, Chile, etc., obviamente tendem).

A área da Euro-África na segunda região, na direita do mapa mundi. O polo dessa região é, obviamente, a União Europeia, um

indubitável líder político e econômico dentro desses limites e um centro de atração para toda essa região meridional.

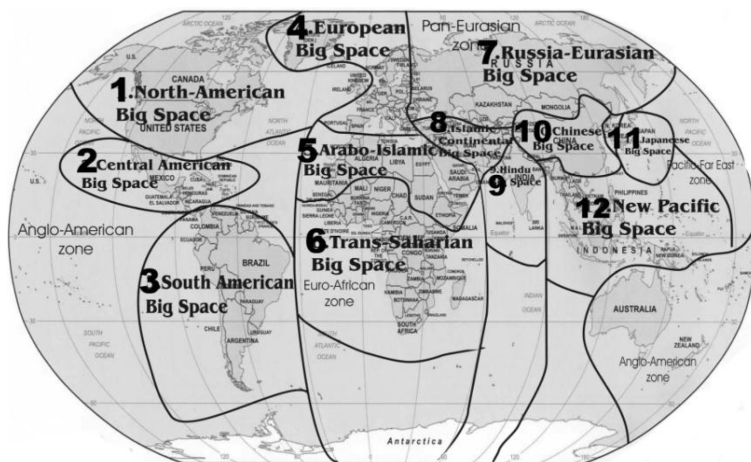
Nós consideramos o cenário multipolar e, consequentemente, acreditamos por padrão que a orientação continental predomina na Europa, as relações transatlânticas estão enfraquecidas, perdidas ou completamente despedaçadas e toda atenção estratégica da Europa é dada ao Sul. Três “Grandes Espaços” são possíveis nessa região – a União Europeia, o “Grande Espaço” árabe (predominantemente islâmico) e a África Subsaariana (negra). Todos esses “Grandes Espaços” tem fortemente marcados características culturais e civilizacionais, estritamente distintas umas das outras, mas de nenhuma forma mutualmente exclusiva. Como o Multipolarismo compreende a integração como uma sociedade de somente instâncias políticas e estratégicas altas, a confusão das diversas sociedades constituindo esses três espaços entre elas não é prevista por nenhum meio. Os processos de intercâmbio cultural, social, étnico e econômico podem se desenvolver na lógica natural, mas nenhuma receita universalista deve existir aqui. Sociedades podem viver separadamente sem intercruzarem, se desnecessário e o planejamento estratégico geral é realizado no nível dos representantes onipotentes e competentes dos três “Grandes Espaços”.

A próxima região – e essa é crucial em todo esboço - é a Eurásia. A Rússia (Zona Central) parece ser um polo. Ao mesmo tempo, há uma série de centros regionais de poder muito importantes nessa região – a Turquia (se escolher a Eurásia, modelo de integração não-europeu, o que é bem possível), Irã, Índia e Paquistão. Aqui tratamos com vários “Grandes Espaços” e suas interferências. O “Grande Espaço” russo-eurasiano inclui a Federação Russa e os países da CIS. Turquia, Irã, Paquistão e Índia parecem ser propriamente “Grandes Espaços”, enquanto que o Afeganistão está em um ponto abaixo dos quais todos os centros de poder mantêm pressão (exceto pela Turquia e Índia, embora as terras afegãs ocupem uma posição crucial em relação à

Índia, o que foi sistematicamente conceitualizado por construtores do Império Britânico muito tempo atrás[39]).

É muito possível a presença de um espaço eurasiano consolidado estrategicamente, ao qual todo poder do atlantismo e da globalização é diretamente contrário. A Comissão Trilateral e os projetos do CFR tanto do período da Segunda Guerra Mundial quanto do pós-guerra e também toda geopolítica da "Guerra Fria" são direcionados a um único objetivo: prevenir a URSS (Zona Central) de direcionar-se junto a outros poderes regionais para o Sul de seus limites. Portanto, a invasão das tropas soviéticas no Afeganistão surgiu como uma reação penetrante dos EUA. Estrategicamente, o mundo unipolar e os processos da globalização são somente possíveis no caso dessa região estratégica eurasiana não existir, do acesso da Rússia (Zona Central) aos mares quentes for bloqueado e seu potencial de integração for extremamente limitado. E pelo contrário: o mundo multipolar, organização da ordem global nos princípios da "Terra e Poder" somente e exclusivamente depende do fato da Rússia continuar a criação de um bloco estratégico com as poderosas potências asiáticas situados no Sul de seus limites.

[39] Snesarev A.E. Afganistan. M, 1921.



1. Grande Espaço Norte-Americano, 2. Grande Espaço Centro-Americano, 3. Grande Espaço Sul-Americano, 4. Grande Espaço Europeu 5. Grande Espaço Árabo-Islâmico, 6. Grande Espaço Transaariano, 7. Grande Espaço Russo-Eurasiano, 8. Grande Espaço Continental Islâmico, 9. Grande Espaço Hindu, 10. Grande Espaço Chinês, 11. Grande Espaço Japonês, 12. Grande Espaço do Novo Pacífico

E, finalmente, a quarta região é a Zona do Pacífico, onde dois poderes – China e Japão – clamam pelo seu papel de polos. Essa região pode ser configurada de uma maneira diferente como a influência da civilização da Índia é também grande por lá. A China é um “Grande Espaço” (especialmente se tomado em conta o conceito de “Grande China”, em que eles também referem Taiwan, Cingapura, e Hong-Kong[40]) e o Japão possuem todas as características para a criação de um “Grande Espaço” ao redor de si como um centro de emissão geopolítica, econômica, tecnológica e estratégica.

A quadripolaridade principalmente difere do cenário da unipolaridade atlantista na estrutura dos seus eixos estratégicos. Eles

[40] Babyan D. Geopolitika Kitaya. Erevan, 2010.

vêm ao meridiano do Norte ao Sul; os polos de integração estão no hemisfério norte e sua influência profundamente expande na área do Sul e ao hemisfério sul, enquanto que o modelo atlantista é construído no princípio de assediar a Eurásia (Zona Central) do Ocidente (Europa com a dominação da identidade atlantista) e do Leste (os países aliados aos EUA da região do Pacífico – em primeiro lugar, o Japão).

A Quarta Teoria Política e o Nomos da Quarta Terra

Como o mundo unipolar e o globalismo (mundialismo) representa uma ideologia (ou meta-ideologia) baseada no liberalismo, o mundo multipolar deve também ter certos preceitos ideológicos. No entanto, aqui surge uma dificuldade. As ideologias antigas opostas ao liberalismo (fascismo e comunismo) historicamente colapsaram, não meramente porque perderam, mas também porque continham um tipo de vírus ideológico nas suas estruturas que – junto com a pressão externa (do liberalismo) - asseguraram sua derrota. Na politologia, é aceito chamar todas as versões do liberalismo e da democracia liberal de “a primeira teoria política”, o comunismo de “a segunda” e uma série de ideologias de alguma maneira próximas ao fascismo europeu ou de terceira via de “a terceira teoria política”.

A globalização moderna é construída sob os fundamentos da primeira teoria política, mas elevadas à sua paradigmática matriz da civilização, a uma pura expressão de “Poder Marítimo”. Portanto, a globalização assume a transformação do liberalismo em uma estrutura mais geral; da clássica ideologia ou teoria política, o liberalismo (mais precisamente, neoliberalismo), torna-se uma meta-ideologia planetária, por um lado, funde-se com a matriz sociológica do atlantismo “Marítimo” e, por outro lado, *transfere de um nível de ideias a um nível de objetos,* trazendo os muitos objetos do mundo globalizante atual. Não tantos intelectuais, atores políticos e públicos de mídia de massa, como a própria tecnologia, formas claras de pagamentos financeiros, números eletrônicos individuais, redes de varejo, marcas de moda ou aparelhos

de uso doméstico, a partir de agora se tornam portadores dessa meta-ideologia. É difícil inventar um promotor melhor da ideologia neoliberal que as redes de restaurante de *fast-food* McDonalds. Os sistemas de operação Windows, *browsers* do Google, cartões de crédito, *notebooks* e celulares. Todos esses objetos e tecnologias emitem energia ideológica por “conectar”, “navegar”, “seguir as tendências mais modernas”, etc. A metaideologia do liberalismo não persuade, nem dá razão ou sequer prova sua veracidade e consistência, mas ilude nas redes globais das práticas da vida, se tornando necessária e, além disso, instala-se em si mesma como um programa de computador faz no *hardware*.

O mundo multipolar deve também ser estabelecido sob certa base ideológica ou teoria política que conclusivamente se oporia ao neoliberalismo e representaria uma metaideologia refletindo o paradigma sociológico da Terra, exatamente como o neoliberalismo faz na sua condição atual. Sendo exatamente uma metaideologia, a teoria política do Multipolarismo deve ser maximamente geral. Flexível e capaz de incluir os mais diferentes – mesmo que contraditórios – sistemas de ideias. Além disso, o Multipolarismo inerentemente assume a diversidade e a distinção tomadas como um fenômeno positivo e, portanto, essa nova meta-ideologia não pode ser dogmática ou rigidamente estruturada. Sua característica principal e geral será exatamente uma oposição de uma ampla variação de locais originais e possibilidades regionais sociológicas, culturais, políticas e econômicas, à uniformidade liberal e à padronização da humanidade global.

Como a “segunda” e a “terceira teoria política” existem em diferentes condições históricas que são inaceitáveis e ineficazes hoje, dever-se-ia fazer uma questão sobre desenvolver “a quarta teoria política”. É nessa direção onde o desenvolvimento dos sociólogos, politólogos e filósofos russos[41], e uma série de centros intelectuais

[41] Dugin A. Tchetvertaya polititcheskaya teoriya. SPb, 2009.

orientados ao continentalismo, são levados hoje[42].

"A Quarta Teoria Política" em sua forma mais geral é baseada em:

- O princípio fundamental de *liberdade* para uma sociedade seguir em seu próprio meio histórico em *qualquer* direção e criar *qualquer* forma sociopolítica e sociocultural[43];
- Afirmação de *pluralidade de tempos* entre o tempo linear e o "progresso" que são fenômenos sociológicos locais somente aceitáveis para a civilização ocidental[44];
- Reconhecimento de *completa igualdade* entre Ocidente e Oriente moderno e arcaico, países desenvolvidos tecnológica e economicamente e as nações chamadas "retrógradas";
- *Rejeição de todas as formas (explícitas ou implícitas) de racismo* (incluindo racismo cultural, econômico, tecnológico e civilizacional, etc.);
- Reconhecimento do direito das sociedades de criar sistemas políticos *religiosos*, tão bem como os *seculares*, ou de não criar qualquer uma delas; teologia e dogmas (e também a mitologia) podem servir como motivos sérios para executar decisões políticas tão bem como a lógica secular e os interesses racionais;
- O *vínculo* obrigatório de formas sociopolíticas e culturais ao *espaço* e à história como a um campo *semântico* específico, além do qual eles perdem seu sentido;
- Enfatizar uma instância como *Dasein*, diferente para representantes de diferentes sociedades, no ator básico da quarta teoria política[45];

---

[42] Alain de Benoist. Protiv liberalizma. SPb, 2009.

[43] Zharinov S. Svoboda kak fundament 4PT/ Tchetvertaya polititcheskaya teoriya. #1, M., 2011.

[44] Dugin A. The sociology of the imaginary. The introduction into the structural sociology. M., 2010. Idem. The sociology of Russian Society. M., 2010.

[45] Dugin A. Martin Heidegger and the possibilty of the Russian Philosophy. Op. cit.

- Reconhecimento da *pluralidade e diferenças como valor de vida superior*, qualquer tentativa sob a qual (especialmente em uma escala global) deve resultar de todas as instâncias políticas e estratégicas reconhecendo a quarta teoria política e a ordem mundial multipolar[46].

Se referir à teoria do "*Nomos* da Terra" de Carl Schmitt, é possível noticiar a seguinte regularidade. Alain de Benoist escreve sobre isto:

"Schmitt estabeleceu que houve três "nomos" da Terra antes de hoje. O "Primeiro Nomos" é o nomos da antiguidade e da Idade Média, onde as civilizações viveram isoladas umas das outras. Algumas vezes houve tentativas de união imperial como, por exemplo, os Impérios romano, germânico e bizantino. Esse nomos desaparece com o início da Idade Moderna, em que os Estados e nações modernos aparecem no período que começa em 1648 com o Tratado de Vestfália e termina com duas guerras mundiais – um nomos de Estados-nação. O terceiro nomos da Terra corresponde à regulação bipolar durante a "Guerra Fria", quando o mundo foi dividido entre o Ocidente e o Oriente; este nomos terminou com a derrubada do Muro de Berlin e quando a União Soviética[47] foi destruída" e diz mais:

"A questão é o quê será o novo nomos da Terra, o quarto? E aqui, chegamos ao sujeito da quarta teoria política, que deve nascer. Isso é precisamente "O Quarto Nomos da Terra" que está tentando nascer. Eu penso e profundamente espero que esse quarto nomos da Terra seja um nomos de grande lógica continental da Eurásia, o continente eurasiano[48]".

---

46 Dugin A. Tchetvertaya polititcheskaya teoriya. SPb, 2009..

47 Alain de Benoist. Protiv liberalizma. SPb, 2009.

48 Ibidem.

§ 4 Zona Central no século XXI

A Rússia como Zona Central

O mundo multipolar e sua muito provável construção dependem diretamente do fator principal – na posição, condição e conduta da Federação Russa moderna nos anos e décadas mais próximos de quando será realmente decidido o que o "Quarto *Nomo* da Terra" deveria ser. Esse "*nomos*" pode ser também globalista e unipolar, baseada na sociedade e na rede neoliberal ou multipolar, conectado com "A Terra" e com a "Quarta Teoria Política". Tudo depende de se a Rússia quer e pode de fato cumprir a missão e se seu "Sentido de Espaço" (Raumsinn) ditar no crucial desenrolar da história global.

Esse fundamento é baseado em cálculos frios e estranhos, e em dados geopolíticos objetivos – qualquer seja a versão que tomamos (geopolítica-1, geopolítica-2, ou geopolítica-3). A geopolítica opera com a ideia de Zona Central e constrói todo seu quadro do mundo em torno desse "eixo geográfico da história" (H. Mackinder). *A Rússia é a Zona Central*. Toda sua história e sua importância são expressas nisto. A Rússia faz sentido somente como Zona Central, como "A Terra Poderosa", como um continente. Além do mais, o que o "Quarto *Nomos* da Terra" deveria ser, inteiramente e completamente, depende precisamente da Rússia.

A Interpretação de Zona Central em Três Tipos de Geopolítica

Isso é reconhecido por todas as escolas e tendências de geopolítica, excetuando-se a propaganda ou pesquisas e publicações quase-geopolíticas que perseguem não um objetivo científico, mas alguns outros fins. Mas para Geopolítica-1, tudo é reduzido à ideia de fazer imperativa e desejável a divisão da Zona Central (sua marginalização e fragmentação), como uma condição de globalização e garantia definitiva da unipolaridade, irreversível, real e conclusiva. O destino da globalização depende, em uma grande medida, do quanto eles

suficientemente sucederem em dividir, afrouxar e desestabilizar, a Rússia, subjugando ela e seus fragmentos ao controle externo. Desde que isso não tem acontecido, a possibilidade de construir um mundo multipolar – quadripolar – não é removida da agenda e consequentemente, a globalização é desafiada. Por trás de toda essa indiferença ostensiva em relação à Rússia moderna, os EUA e o Ocidente mal ocultam um disfarce de horror ao ter que admitir que ela possa voltar atrás nas suas decisões ainda degradantes e entrar em uma nova órbita histórica, como aconteceu muitas vezes no passado.

Para a Geopolítica-3 ("zona costeira"), a Zona Central e o destino político da Rússia são também de grande importância, desde que a presença do "Poder da Terra" somente dê a Rimland a possibilidade de formar uma escolha de orientação estratégica ou combinar certos elementos (do Mar e da Terra). Caso contrário, o que quer que seja o papel dessa área será inútil e se tornará uma aplicação técnica para os EUA e, além disso, um tipo de "colônia estratégica".

A "Geopolítica-2" vê a função crucial da Rússia como o sinal oposto em comparação à Geopolítica-1, como "Poder da Terra" e todas as tendências que estão de alguma forma em ressonância com essa civilização obtêm uma chance para se desenvolver sob os princípios da Terra (e não atlantista, globalista, nem unipolar) se a Rússia somente suceder em preservar seu potencial estratégico, integridade territorial e independência política. Somente na presença da quarta região – eurasiana - o mundo multipolar pode surgir. Na ausência do completo controle russo sobre a Zona Central e da sua participação na reorganização global do espaço político em novos fundamentos, sejam as forças estratégicas e econômicas da União Europeia ou da China tão significantes, elas cedo ou tarde passarão a ficar sob o controle direto do "núcleo" global, sendo forçados a aceitar suas regras e leis e, assim, serem dissolvidos na "sociedade global". E estando sozinhos, eles não podem resistir aos EUA.

O Local e o Papel da Rússia no Mundo Multipolar

Para todos aqueles que pretendem seriamente enfrentar a hegemonia americana, a globalização e a dominação planetária do Ocidente (o atlantismo), a seguinte afirmação deve se tornar um axioma: *no presente, o destino da ordem mundial é somente decidido na Rússia, pela Rússia e via Rússia*. A assunção do papel de líder natural pela Rússia na construção do mundo multipolar é uma condição necessária (mas não significa que seja suficiente) de existência do Multipolarismo. Quaisquer que sejam os processos que se passem em todos os outros países e sociedades, eles permanecem com perturbações técnicas locais, com as quais a globalização lidará mais cedo ou mais tarde. A única chance de realizar os interesses de todos os países, sociedades e de todos os movimentos políticos e religiosos, que não podem ver seu futuro de outra maneira a não ser em um mundo multipolar, está na Rússia e na sua política.

Pelo que, é absolutamente irrelevante como umas e outras forças consideram a Rússia, sua cultura, suas tradições e seu modelo social, sua política, etc. Isso não é de importância alguma. *A parte central da Rússia é estipulada pela estrutura da geografia política*. É notável que ainda o geopolítico alemão Carl Haushofer, no auge da Guerra contra a URSS, continuou estabelecendo que a realização da missão terrena alemã fosse somente possível via aliança com a URSS (um "bloco continental") e que o Guarda Branco P. Savitsky previu a vitória dos bolcheviques na Guerra Civil em 1919, conforme eles revelaram serem capazes de consolidar os territórios da Zona Central e forçaram os Brancos para a região costeira (que os Brancos confiavam na Entente foi o último argumento para sua derrota e para a identidade atlantista do seu movimento).

Portanto, também atualmente, não russos, mas geopolíticos estrangeiros de orientação continental (J. Parvulesco[49], A. de Benoist[50],

[49] Parvulesco Jean. Putin i evraziyskaya Imperiya. SPb, 2006.

A. Chauprade[51] e muitos outros) predominantemente falam sobre um significado maior da Rússia para o “Poder da Terra” inteiro.

Objetivos da Zona Central

O objetivo da Rússia nessa situação é reorganizar o espaço da Zona Central para providenciar uma *real* soberania para si. Como ele é somente possível no contexto do mundo multipolar, o objetivo “egoísta” adquire uma escala planetária. O mundo multipolar deve ser construído simultaneamente em diferentes regiões e somente através de coordenação e parceria mútua na criação do “Quarto *Nomos* da Terra” em uma base multipolar; cada participante desse processo pode providenciar liberdade e independência por si mesmo. A soberania da Rússia depende diretamente de a Europa Continental poder alcançar a independência dos EUA, e da China preservar e reforçar sua influência na Região do Pacífico. Tanto a Europa quanto a China e também todos os outros “Grandes Espaços” potenciais, dependem de um grau ainda maior da habilidade russa em repelir o desafio da globalização e em criar um sistema de alianças continentais eurasianas. Portanto, o objetivo estratégico de apoiar sua própria independência por uma sociedade que é absolutamente diferente das outras sociedades, causa a essa sociedade uma maior cooperação com parceiros em potencial no multipolarismo, não importa o quão longe estejam.

A Rússia não pode proporcionar seus interesses estratégicos e sua segurança sozinha. Portanto, ela tem de seguir uma política ativa na escala mundial. Mas como a Rússia é a Zona Central e possui armas nucleares, grandes reservas de recursos naturais, enormes territórios, uma tradição centenária de encorajar sua independência e (o que não deixa de ser essencial) consciência de sua própria missão histórica

---

[50] Alain de Benoist. Protiv liberalizma. SPb, 2009.

[51] Chaudrad A. Rossia prepyatstviye dlya USA//Russkoye vremya, 2010. # 2.

(aparecendo em formas diferentes em diferentes estágios – do cristianismo ortodoxo ao comunismo), ela exatamente se torna *a chave* na realização do cenário multipolar, também no caso de outros países não satisfeitos com a unipolaridade e o globalismo (China, União Europeia, etc.).

Capítulo 4: Passos Práticos Para a Construção do Mundo Multipolar: Orientações Básicas. Eixos Multipolares

§ 1 Reorganização da Zona Central

Objetivos

Tendo descrito a estrutura do mundo multipolar nos termos mais gerais, podemos nos transferir a uma análise mais objetiva das direções específicas para sua construção.

Consideremos os vetores básicos da atividade geopolítica que reforçarão qualitativamente o agregado potencial da Zona Central, "ser ou não ser", do qual o mundo multipolar depende. O principal princípio dessa atividade é a *reorganização estratégica do espaço* circundante russo, em todas as direções, de maneira que isto:

- Permita a Rússia ter o acesso direto aos objetos geográficos vitais (portos, mares quentes, recursos, posições estratégicas cruciais);
- Providencie a ausência das bases militares e da influência política direta dos EUA;
- Previna a integração com a OTAN;
- Contribua para uma maior integração no espaço eurasiano;
- Favoreça o desenvolvimento dos vários sistemas sociais diferentes do padrão globalista;
- Reforce as posições dos poderes e dos blocos orientados na via multipolar, continental e distanciados em relação à globalização.

Para construir o mundo multipolar, a Zona Central deve consolidar e acumular recursos, mobilizar estruturas sociais e se transferir a uma fase de maior atividade geopolítica o que demanda

algum trabalho político intensivo. Um tipo de “mobilização geopolítica” é necessária e para isso a reconsideração dos instrumentos, recursos e vantagens potenciais que não chamam atenção em períodos de desenvolvimento inerte. A Rússia deve executar um salto geopolítico, executar jorros que a elevariam bruscamente a uma nova qualidade.

Pelo que é necessário utilizar as vantagens que podem ser obtidas no decurso dos processos de integração o mais amplamente possível. Uma coisa é considerar a Rússia em si mesma e os países vizinhos como Estados nacionais que seguem seus próprios interesses (o que dita uma aproximação competitiva e emulativa, se não a rivalidade) e bem outra é considerar os vizinhos como parte de um único espaço estratégico que é necessário ser criado. Neste caso, uma consideração diferente é necessária e uma visão absolutamente diferente de desenvolver possibilidades.

Consciência Geopolítica da Elite

O começo da construção do mundo multipolar deve ser uma *modificação da consciência da elite política russa*, abrindo o horizonte geopolítico continental e planetário para eles, enxertando responsabilidade pelo destino do espaço social, político, econômico e histórico, confiado a eles. Tanto quanto o globalismo e a construção do mundo unipolar são baseados na inserção das várias gerações das elites americanas e europeias no espírito atlantista (via clubes selecionados, organizações especialistas, corporações intelectuais, instituições educacionais especializadas, etc.) que inclui em si mesmo, entre outras coisas, um campo mínimo obrigatório de geopolítica e sociologia – a criação do mundo multipolar e a reorganização da Zona Central deve começar com um despertar geopolítico e com a educação da elite russa, sua ativa preparação para a reação aos desafios presentes e futuros que irão certamente surgir.

Neste campo, um mínimo de conhecimento geopolítico e sociológico é também fortemente necessário e a coisa mais importante é

o horizonte amplo de ideação estratégica e histórica, abraçando todo o quadro de transformações que acontecem com a Rússia e com o resto do mundo durante os últimos séculos. A elite russa deve se considerar como a elite da Zona Central e com razão da Eurásia, não somente em escala nacional, e claramente compreender a inaplicabilidade do cenário globalista e atlantista para a Rússia. Somente uma elite assim pode formar uma mobilização geopolítica necessária e efetivamente seguir na ativa com a política de reestruturação de todo espaço eurasiano, com fim de construir o mundo multipolar e também no interesse da segurança russa.

§ 2 A Estratégia Ocidental da Zona Central: Visão Global dos Objetivos e Prioridades

A Zona Central e os EUA

Agora vamos considerar os parâmetros gerais de como o renascimento da Zona Central deve se desenvolver por direções essenciais no decurso da construção do mundo multipolar. Comecemos com a direção ocidental.

A importância primordial e a mais fundamental é um modelo de construção das relações russas com os EUA. Nas condições atuais, é um assunto extremamente difícil. Do ponto de vista da geopolítica clássica e também vindo da oposição radical dos globalistas (unipolares) e dos cenários multipolares, toda a estratégia dos EUA é direcionada contra a Zona Central: para contê-la, involucrá-la, enfraquecê-la, fragmentá-la e marginalizá-la. Essa estratégia não depende absolutamente de uma administração americana específica e de pontos de vista pessoais de um ou de algum político americano específico. Os EUA não podem deixar de raciocinar e agir uma vez que constitui de vetores constantes da sua estratégia planetária (começando com Woodrow Wilson) que tem dado resultados convincentes e deixou os EUA pertos da dominação global. Não pode haver razões ou argumentos que poderiam causar aos EUA

uma recusa da hegemonia global e da construção do mundo global, especialmente se muitos americanos acreditam que esses objetivos têm sido quase alcançados. Pedir aos EUA que tomem outra posição, que não uma rígida e consistente hostilidade em relação à Zona Central, é apenas irresponsável e estúpido.

Tudo que os EUA se esforçam a fazer no continente eurasiano é diretamente opor-se aos interesses estratégicos da Zona Central e à construção do mundo multipolar. Essa oposição na visão sobre a organização do espaço eurasiano é um axioma absoluto que não admite exclusões ou nuances. Os EUA querem ver a Eurásia e o balanço do poder de tal forma que maximamente corresponde com a unipolaridade e a globalização. A Zona Central mantém diretamente o ponto de vista oposto.

As autoridades russas não podem deixar de compreender isto e o presidente da Rússia Vladimir Putin repetidamente declarou exatamente essa, rispidamente negativa, estimativa do mundo unipolar e à hegemonia americana (em particular, no assim chamado "Discurso de Munique"[52]). Mas nesse momento, a assimetria existente é entre os EUA como "hiperpotência" global e a Federação Russa como poderosa, mas apenas poder regional não permite formar uma resistência geopolítica entre o Mar e a Terra, entre a globalização e o multipolarismo em um confronto explícito e direto. A União Soviética primando muito mais que a Rússia moderna em suas capacidades estratégicas não transpassou a tensão bipolar. E ainda menos é capaz de transpassar, ainda que teoricamente, a Rússia moderna (sozinha). Assim, a Rússia tem que constantemente agir em correspondência com essa

[52] *Путин В.В.* Выступление и дискуссия на Мюнхенской конференции по вопросам политики безопасности. -- kremlin.ru. 2007. [Electronic resource] URL: http://archive.kremlin.ru/appears/2007/02/10/1737_type63374type63376type63377type63381type82634_118097.shtml (дата обращения 20.09.2010.)

assimetria, evitando o confronto direto, obscurecendo sua posição por trás das ambiguidades diplomáticas, enquanto "ressoa" a estrutura de pressão dos EUA, pelo método da tentativa e erro, na pesquisa por brechas e pontos fracos, tentando evitar ataques localizados nos territórios de interesses vitais da Rússia em seu "estrangeiro próximo" e na Europa oriental, e também latentemente tentar construir um projeto de alianças multipolares.

A Rússia está estrategicamente interessada na ausência dos EUA ou da OTAN no espaço pós-soviético. Os EUA estão interessados no diretamente oposto. A Rússia quer ter relações diretas de relacionamento com seus vizinhos ocidentais na Europa Oriental (países do bloco soviético). Os EUA enxergam uma área de sua influência preferencial nelas (um cordão sanitário prevenindo Moscou de reaproximar-se com a União Europeia). A Rússia pretende criar um modelo de integração com a Ucrânia e a Bielorrússia. Os EUA apoiam a "Revolução Laranja" em Kiev, cujos líderes fazem seu melhor para isolar a Ucrânia da Rússia e descreditar o presidente bielorrusso A. G. Lukashenko em nível global – em primeiro lugar, para sua política independente e orientação distinta por união com a Rússia. A Rússia reforça contatos com as maiores potências da Europa continental (Alemanha, França, Itália), em primeiro lugar, no campo de cooperação energética. Os EUA, em todo caso, sabotam esses contatos através de sua influência sob os países da Europa oriental e sob certos círculos políticos na União Europeia (euro-atlantistas) impedindo os projetos energéticos, constantemente desafiam as rotas de oleodutos, e ainda tentam segurar, por meios legais, a possibilidade de uma intervenção militar em caso de situações energéticas disputáveis por suprimentos, obviamente, em primeiro lugar, suprimentos da Rússia.

Em tal situação de continuação da tensão geopolítica periodicamente vindo à tona, é difícil construir uma política russo-americana construtiva – em virtude da ausência de qualquer fundamento para isto. A efetividade das relações russo-americanas é medida pelo

método reverso de ambos os lados. O sucesso da Rússia nas relações com os EUA é medido através do quanto Moscou, ultimamente, tem reforçado a Zona Central. O sucesso dos EUA é tratado nesse país de uma maneira exatamente oposta – depende de quanto os EUA tem enfraquecido a Zona Central.

A Zona Central e a Europa

Um modelo absolutamente diferente existe em relação à União Europeia. Na versão expandida da teoria da Zona Central que H. Mackinder havia desenvolvido em 1919, além da Rússia, se faz referência ao território da Alemanha e da Europa central. Lá existe uma profunda tradição continental, uma identidade continental, que tem as mais diversas expressões culturais, sociais e políticas. Isso é claramente visto na política de tais países como França e Alemanha, e em um grau menor na Itália e na Espanha. O desenvolvimento de parceria estratégica com o núcleo europeu é de alta prioridade para a Rússia assim como que o multipolarismo possa ser formado exatamente nesta base. No momento da invasão unilateral não aprovada pelo Conselho de Segurança da ONU (os EUA e a Grã-Bretanha) no Iraque em 2001, o plano de uma aliança continental russo-europeia se torna evidente na forma do eixo Paris-Berlin-Moscou[53], quando os três presidentes desses países (J. Chirac, G. Schröder e V. Putin) conjuntamente condenaram as ações de Washington e Londres, deste modo expressando interesses consolidados da Zona Central em sua estrutura extensa (Rússia+Europa continental). Isso quase provocou pânico nos EUA, que foi tão grande que tal aliança pode terminar com a hegemonia global americana no caso de sua intensificação e continuação[54] e assumiu a contribuição à

[53] Grossouvre Henri de. Paris, Berlin, Moscow: Prospects for Eurasian Cooperation// World Affairs. 2004. Vol 8 No1. Jan–Mar.

[54] *Hulsman J.* Cherry-Picking: Preventing the Emergence of a PermanentFranco-German-Russian Alliance. --www.heritage.org. 2003. [Electronic resource] URL:

sua maior demolição em todos os sentidos.

A União Europeia tem outro constituinte personificado na Grã-Bretanha e também em outros países da "Nova Europa" (países do antigo bloco soviético), cujas autoridades políticas são, via de regra, rigidamente orientadas na via anti-russa e pró-americana. A estratégia desse setor da política europeia não é independente e depende completamente de Washington. No espírito da geopolítica clássica anglo-saxã, os EUA estão interessados hoje em criar um "cordão sanitário" dos países da Europa oriental que estariam sob direto protetorado estratégico dos anglo-saxãos, para dividir a versão expandida da Zona Central (Rússia mais Europa central) em duas partes como uma fatia. Mackinder viu o meio para a dominação global assim: "Quem governa *a Europa oriental* (ênfase acrescentada A.D.) comanda a Zona Central, quem governa a Zona Central comanda a "Ilha-Mundo"; quem governa a "Ilha-Mundo" controla o mundo"[55]. Nada mais muda tampouco.

O "cordão sanitário" dos Estados nacionais da Europa oriental anti-russos que fracamente tomam a responsabilidade por sua própria identidade europeia-continental têm sido construído pelo antigo objetivo e continua servindo o mesmo. Esses países são integrados à OTAN e seu plano é deslocar diretamente alguns elementos do sistema de mísseis antibalísticos americanos, evidentemente contra a Rússia, no território de alguns deles. Naturalmente, a relação da Rússia com esses países euro-atlantistas não se desenrolará facilmente porque seus regimes

---

http://www.heritage.org/Research/Reports/2003/08/Cherry-Picking-Preventing-the-Emergence-of-a-Permanent-Franco-German-Russian-Alliance (дата обращения 03.09.2010).

[55] *Mackinder H.* Democratic Ideals and Reality: A Study in the Politics of Reconstruction. Washington, D.C.: National Defense University Press, 1996. C. 106.

políticos estão orientados em uma via anti-russa e, além disso, não são independentes e estão sendo usados pelos EUA.

O Projeto da "Grande Europa Oriental"

Por meio do que, em relação à Europa oriental, a Rússia pode também propor um projeto construtivo que pode ser chamado tentativamente de "A grande Europa oriental". Em teoria, ele deve ser construído sob peculiaridades históricas, culturais, étnicas e religiosas, das sociedades da Europa Oriental. Ao longo de toda a história da Europa Ocidental, suas etnias eslavas e suas sociedades ortodoxas estiveram na periferia; elas foram privadas de atenção e superficialmente influenciaram o desenvolvimento do paradigma social, cultural e político comum. Os católicos consideraram os "ortodoxos" como "cismáticos orientais" ("dissidentes" e "hereges") e os eslavos foram muitas vezes tratados como povo de "segunda-classe". Tudo isso é consequência do típico eurocentrismo e da estimativa do nível cultural de uma sociedade pelo grau de sua similaridade com a sociedade europeia ocidental. Mas os eslavos e as culturas essencialmente ortodoxas diferiram e diferem das sociedades romano-germânica e católico-protestante.

Se a Europa Ocidental historicamente interpretou essa diferença em favor da superioridade da cultura romano-germana sobre a eslava e do catolicismo sobre a ortodoxia, é possível agir de outra maneira dentro dos limites do surgimento multipolar e afirmar a diferença dos países e nações da Europa Oriental como independentes e autoavaliados como um fenômeno sociológico e cultural.

O projeto da "Grande Europa Oriental" pode incluir tanto o círculo eslavo (os poloneses, búlgaros, eslovacos, tchecos, sérvios, croatas, eslovenos, macedônios, bósnios e sérvios islâmicos, e também etnias menores como os sérvios lusitanos) quanto os ortodoxos (os búlgaros, sérvios, macedônios, mas ao mesmo tempo os romenos e os gregos). A única nação da Europa Oriental que não cai sob a definição

“eslava” ou “ortodoxa” são os húngaros. Mas por outro lado, nesse caso, sua origem de estepe eurasiana é presente e comum com outras nações fino-úgricas, a vasta maioria vive no território da Zona Central e tem um caráter cultural eurasiano marcado.

A Grande Europa Oriental pode se tornar um “Grande Espaço” independente dentro dos limites da Europa unida. Mas nesse caso, esses países e sociedades deixariam de carregar a função de um “cordão sanitário” e servir como patas no jogo geopolítico atlantista e encontrariam um espaço decente no conjunto comum do mundo multipolar. Do ponto de vista da Zona Central, isso seria a alternativa ideal.

A Zona Central e os Países Ocidentais da CIS

Consideremos as relações da Zona Central com os países da CIS situados a Oeste do território da Federação Russa. As terras da atual Ucrânia e da Bielorrússia foram inicialmente uma parte integral, mais ainda, o núcleo, central do Principado de Kiev e tanto a soberania e o desenvolvimento russo de todo espaço da Zona Central pelos eslavos orientais começou justamente nesses territórios. Depois da libertação dos mongóis, os grandes duques moscovitas e depois czares consideraram a restauração da integridade estratégica das terras antigas do Principado de Kiev sob a única autoridade de um Estado eslavo ortodoxo ser o vetor básico da sua política exterior. Inúmeras guerras contra Lituânia, a Ordem Livoniana, e mais tarde (em São Petersburgo) contra o Império Otomano foram ditadas por sua restauração muito objetiva do único espaço político.

Os atores políticos e públicos russos viram a união do grão-russos, russos-menores e russos-brancos, como cumprimento do decurso histórico por Moscou. É à região da Zona Central que a Ucrânia e a Bielorrússia essencialmente pertencem, e, consequentemente, a integração das três sociedades e Estados eslavos orientais em uma única e bem consolidada estrutura estratégica é absolutamente necessária para

que a Zona Central se torne um poder geoestratégico independente em escala regional e também global. Os geopolíticos atlantistas – de H. Mackinder a Z. Brzezinski – claramente percebem isto. H. Mackinder ativamente trabalhou na criação da "Ucrânia independente" nos anos da Guerra Civil e Z. Brzezinski já o fez nos nossos tempos, em finais dos anos 80 e início dos 90. Por meio do qual Brzezinski absolutamente nota simplesmente que a possibilidade de um renascimento geopolítico da Rússia como um jogador independente da Grande Geopolítica depende diretamente da sua relação com a Ucrânia.

Sem a Ucrânia, a Rússia não é suficiente tanto no espaço e estratégia como no sentido político ou demográfico. É exatamente o porquê o Ocidente (e os EUA especificamente) ativamente patrocinou a "Revolução Laranja" na Ucrânia para assim estabelecer um regime que, não obstante, fazia com que todos os interesses vitais dos ucranianos cortassem as relações com a Rússia e integrassem no pacto estratégico-militar da OTAN em um ritmo acelerado. Em 2004-2009, depois da performance bem sucedida da "Revolução Laranja", os eventos envolveram exatamente este cenário. Depois da tomada do poder por Victor Yanukovich em 2009, a situação tem sido levemente melhorada e estabilizada, dando uma chance para a Zona Central novamente.

Em relação à integração com a Ucrânia e com a Bielorrússia, a Rússia deve atuar de uma maneira extremamente delicada para não repetir os erros dos czares imperiais e do período da União Soviética, nesse processo em que os processos de integração foram bastante custosos. Em relação a isso, a filosofia do multipolarismo, que positivamente valoriza todas as diferenças, – na cultura, etnia, socialismo e história – pode reter um papel fundamental. Se essa filosofia for dominada pelas elites políticas russas, o diálogo com os ucranianos e com os bielorrussos desenvolverá em um cenário absolutamente diferente do que o de hoje. A integração multipolar não é uma absorção, uma fusão ou, ainda mais, uma "russificação". A Rússia não aparece aqui como um Estado-nacional com seus interesses egoístas

e ambiciosos, mas como um núcleo de uma formação nova, pluralista e policêntrica, onde a centralização será somente no que concernem as questões mais fundamentais (guerra, paz, parceria com blocos externos, sistema de transporte, macro-energética, etc), e todos os outros problemas serão considerados a nível nacional. É absolutamente evidente que o multipolarismo fortemente exclui a possibilidade de entrar no pacto com a OTAN pela Ucrânia ou Bielorrússia.

A Moldávia é uma área especial, cujo território também parcialmente constituiu o Principado de Kiev e foi dominado pelas tribos eslavas dos Ulichi e Tivertsi com outras nações – em primeiro lugar, pelos descendentes dos antigos trácios, os moldávios. Etnicamente, os moldávios são consanguíneos com os romenos e são explicitamente ortodoxos. Eles representam, do ponto de vista geopolítico, uma típica sociedade limítrofe em que tanto características puramente eurasianas quanto alguns traços das culturas da Europa Oriental são bem nítidos. A existência de alguma hipotética Grande Europa Oriental ajustaria completamente o problema da Moldávia e faria da sua integração com a Romênia uma simples questão técnica. Mas enquanto a Romênia for um membro da OTAN e uma parte do "cordão sanitário" construído contra a Zona Central pelos estrategistas atlantistas, tal integração não será possível, pois perturba os interesses estratégicos da Rússia e vai contra o vetor do desenvolvimento básico do multipolarismo.

Os Objetivos Básicos da Zona Central na Direção Ocidental

As direções do segmento ocidental na construção do mundo multipolar com as quais nós contamos em não assumir uma sequência, mas eles devem envolver-se em um caminho paralelo como se referem a níveis diferentes e esses níveis são interconectados entre um e outro. Assim, as relações da Rússia com os EUA são diretamente influenciadas pelas relações da Rússia com a Europa Ocidental, Europa Oriental e com os países CIS, e vice-versa. Isso é um simples sistema geopolítico

que simultaneamente relaciona a todos os constituintes e predetermina a estrutura geral das políticas exteriores. A Rússia pode coligar o vetor ocidental da Zona Central na construção do mundo multipolar da seguinte maneira:

- Derrotar os EUA no espaço europeu sem um confronto direto;
- Contribuir com a cristalização da identidade continental da União Europeia;
- Promover o projeto da Grande Europa Oriental;
- Evitar a OTAN em avançar ainda mais ao Leste e de criar um "cordão sanitário" entre a Rússia e a Europa;
- Integrar a Rússia, a Ucrânia e a Bielorrússia, em um único espaço estratégico;
- Neutralizar a integração da Moldávia e da Romênia (enquanto que a última for membro da OTAN.

§ 3 A Estratégia do sul da Zona Central: Visão Geral de Metas e Prioridades

Oriente Médio Eurasiano e o papel da Turquia

Vamos considerar a direção sul da estratégia russa. É também possível aqui alguns guias incondicionais especificamente voltados para o projeto de construção do multipolarismo. Como no caso anterior, o problema do suporte eficaz contra a estratégia dos EUA para a região será crucial aqui. A estratégia norte-americana declarou que o espaço de todo o globo é sua área de interesses nacionais e, portanto, o EUA têm estratégias de instrumentação para redistribuição do poder de equilíbrio regional em prol de seu próprio benefício, em cada ponto do espaço político do planeta terra.

Deixemos de lado a situação na região norte-africana que não concercene diretamente os interesses estratégicos da Zona Central. No estágio moderno, os processos evolutivos no Oriente Médio e abaixo da região do Pacífico começam a preocupar seriamente a Rússia. Nós

podemos separar os assuntos de geopolítica do sul e do leste na linha nominal paquistanesa. Do Egito e da Síria para o Paquistão é nominalmente o sul. Da Índia para a área do Oceano Pacífico (Japão) é o Oriente.

Para o Oriente Médio, os EUA têm o seu "grande projeto" próprio – O Projeto do Grande Oriente Médio[56]. Ele especifica "democratização" e "modernização" das sociedades do Oriente Médio e modificação das estruturas dos Estados Nacionais na região (provavelmente desintegração do Iraque, aparição de um novo Estado do Curdistão, possível separação da Turquia, etc.). Inteiramente, o sentido geral do projeto é reforçar a presença militar dos EUA e da OTAN na região, enfraquecendo as posições dos regimes islâmicos e de países nacionalistas árabes bem desenvolvidos (Síria), e contribuir para a introdução profunda do padrão globalista na tradicional estrutura religiosa das sociedades da região.

A Zona Central está interessada no cenário totalmente oposto ao anterior, ou seja:

- Na preservação das sociedades tradicionais e seu desenvolvimento natural;

- No apoio dos países árabes e nas suas aspirações de construir sociedades baseadas em fundamentos étnicos e culturais de uma cultura única;

- Na redução do número ou ausência total de militares americanos em todas as bases do Oriente Médio;

---

[56] Achcar G. Greater Middle East: the US Plan – www. mondediplo.co. 2004. [Electronic resource] URL: http://mondediplo.com/2004/04/04world (дата обращения 03.09.2010); Greater Middle East Project- en.emep.org. 2009. [Electronic resource] URL: http://en.emep.org/index.php?option=com_content&view=article&id=53%3Athegreatermiddleeastproject&catid=36%3Aarticles&Itemid=55 (дата обращения 03.09.2010);

- No desenvolvimento das relações bilaterais com todas as potências regionais nesta área – em primeiro lugar, com a Turquia, Egito, Arábia Saudita, Israel, Síria, etc.

A saída da Turquia da OTAN seria ótimo para a Rússia, permitindo-lhe com isso intensificar acentuadamente a parceria estratégica com esse país que é eurasiano em sua identidade, cujas proporções entre a sociedade tradicional e a sociedade moderna iriam lembrar bastante ao caso da sociedade russa. Nos últimos anos, autoritários e influentes políticos turcos estão falando cada vez mais acentuadamente sobre a possibilidade de retirada da Turquia da OTAN – por exemplo, o general Tuncer Kilinç[57], o ex-chefe do Conselho de Segurança Nacional da República Turca e muitos outros.

Durante as últimas décadas, a Turquia tem mudado nitidamente a maneira do seu comportamenteo geopolítico, girando de uma segura influência atlantista em direção a uma independente potência regional capaz de prosseguir sua política independentemente, mesmo quando diverge ou mesmo se contradiz com os interesses dos EUA e da OTAN. Portanto, atualmente é bem possível falar sobre a criação de um eixo "Moscou – Ankara", sendo absolutamente improvável há 15-20 anos atrás[58].

Eixo Moscou – Teerã

Mais ao leste, está situado o principal elemento do setor eurasiano no modelo multipolar – este é o Irã continental, um país com uma história multimilenar, uma cultura espiritual única e uma localização geográfica crucial.

---

[57] Kilinc T. Turkey Should Leave the NATO -- www.turkishweekly.net. 2007. [Electronic resource] URL: http://www.turkishweekly.net/news/45366/tuncer-kilinc-%F4c%DDturkey-should-leave-the-nato-.html.

[58] Dugin A. Moska-Ankara aksiaynin. Istambul:Kaynak, 2007

O Eixo “Moscou – Teerã” é a linha principal para se construir o que K. Haushofer chamou de “Pan-Ideia” Eurasiana. O Irã é o próprio espaço estratégico que automaticamente resolve o desafio de transformar-se em uma potência mundial para a Zona Central. Se a integração com a Ucrânia é uma condição necessária para isso, a parceria estratégica com o Irã é a suficiente. É absolutamente evidente que no momento a Rússia não tem o desejo nem a possibilidade de anexar estes territórios, independentemente das mais vantajosas situações históricas (todas as guerras russo-persas deram à Rússia uma mera e parcial preponderância e contribuíram para a reorganização do Cáucaso do Sul e dos territórios do Daguestão em seu favor). Além disso, as sociedades russas e iranianas são diferentes e representam culturas muito distantes uma das outras. Portanto, o Eixo “Moscou – Teerã” deve representar uma parceria baseada no cálculo estratégico racional e no pragmatismo geopolítico em nome da realização do modelo da ordem mundial multipolar – o único que serviria tanto ao Irã moderno quanto à Rússia moderna.

O Irã, como qualquer “zona costeira” do continente eurasiano, teoricamente possui dupla identidade: ele pode fazer sua escolha em favor do atlantismo ou à favor do eurasianismo. A singularidade da nossa situação é que, no momento, as autoridades políticas do Irã, em primeiro lugar, o nacionalista e escatologicamente disposto sacerdócio xiita possui posições extremamente antiatlantistas, positivamente negadoras da hegemonia americana e rigidamente se posiciona contra a globalização. Ao agir mais radical e consistentemente do que a Rússia, o Irã torna-se, dessa forma, logicamente o inimigo número 1 dos EUA. Nesta situação, o Irã não tem possibilidade de continuar a insistir em tal posição, sem dependência de uma empresa de força militar técnica: o próprio potêncial iraniano será obviamente insuficiente no caso de um confronto com os EUA.

Portanto, o momento histórico une a Rússia e o Irã em um espaço estratégico em comum. O Eixo Moscou – Teerã resolve todos os

problemas principais para os dois países: Ele dá à Rússia acesso aos mares quentes e dá ao Irã garantia de segurança nuclear. A essência da Rússia como Zona Central e da terra (Eurasiana, pois é antiatlantista) escolhida pelo Irã moderno colocam os dois poderes na mesma posição em relação à estratégia dos EUA em toda a região da Ásia Central. Tanto a Rússia quanto o Irã estão vitalmente interessados na ausência dos americanos nas proximidades das suas fronteiras e na ruptura do equilíbrio de redistribuição de poder nesta zona em favor dos interesses americanos. Os EUA já desenvolveram o plano da "Grande Ásia Central[59]", cujo sentido é reduzido na divisão desta área, transformando-a nos "Balcãs Eurasiano" (Z. Brzezinski[60]) e deslocando as influências russas e iranianas a partir daí. Este plano representa a criação de um "cordão sanitário" - desta vez, nas fronteiras meridionais da Rússia, que são moldadas para separar a Rússia do Irã como o "cordão sanitário" ocidental é elaborado para separar a Rússia da Europa Continental (e continentalista) . Este "cordão sanitário" consiste nos países da "Grande Rota da Seda": Armênia, Geórgia, Azerbaijão, Afeganistão, Uzbequistão, Quirguistão e Cazaquistão – que estão sob a mira de serem colocados sob a influência norte-americana. O primeiro acordo desse cenário é a colocação de algumas bases militares americanas na Ásia Central e a disposição da presença militar americana no Afeganistão (sob o pretexto de luta contra os talibãs e perseguir Bin Laden).

---

[59] Starr F. A 'Greater Central Asia Partnership' for Afghanistan and Its Neighbors – www. www.stimson.org. 2005. [Electronic resource] URL: http://www.turkishweekly.net/article/319/the-greater-central-asia-partnership-initiativeand-its-impacts-on-eurasian-security.html (дата обращения 03.09.2010); Purtaş Fırat. The Greater Central Asia Partnership Initiative and its Impacts on Eurasian Security -- -- www.turkishweekly.net. 2009. [Electronic resource] URL: http://www.turkishweekly.net/article/319/the-greater-central-asia-partnership-initiative-and-its-impacts-oneurasian-security.html.

[60] Brzezinski Z. The Grand Chessboard: American Primacy and Its Geostrategic Imperatives. New York: Basic Books, 1997.

O desafio da Rússia e do Irã é de destruir este projeto para reorganizar o espaço político da Ásia Central, de modo a remover a presença militar norte-americana nesta região, superando o "cordão sanitário" asiático, construir conjuntamente a arquitetura geopolítica da região do Mar Cáspio e Afeganistão. Os interesses estratégicos Russo-Iranianos se coincidem inteiramente aqui: O que é benéfico para a Rússia é benéfico para o Irã e vice-versa.

Os danos causados pelo egoísmo nacional nas relações russo-iranianas e Mitos Instrumentais globalistas.

Mas isso se torna claro apenas no caso de observarmos esta região geopoliticamente e com respeito ao imperativo da construção especificamente multipolar. Se, de outra forma, considerarmos a Federação Russa e a República Islâmica do Irã como dois estados nacionais com objetivos egoístas e mercantilistas, a imagem se tornará menos evidente. Neste caso, um campo para o jogo diversificado nas diferenças entre as sociedades iraniana e russa será criado para o propósito de manipulações políticas. Assim, para a opinião pública russa, os centros globalistas já prepararam o mito instrumental sobre o "agressivo fundamentalismo islâmico" do sistema político iraniano e que a Rússia pode sofrer um "golpe direto" por parte dos iranianos "fanáticos religiosos" em qualquer momento – incluindo também um ataque "militar".

Esta tese é infundada por várias razões: os reais interesses estratégicos do Irã, sendo que eles nunca ultrapassaram suas fronteiras nacionais, são apenas na direção ocidental. O Irã trata o segmento xiita da sociedade iraquiana (isto é, a maioria) de forma mais grave, bem como na Síria, o Hezbollah libanês e a resistência palestina (em especial sua facção xiita - "Jihad – ul Islami"). Os mulçumanos da Rússia são essencialmente sunitas (mas representantes da pequena comunidade religiosa Azerbaijana expatriada), o Irã é absolutamente não interessado em tal caso e não faz nenhuma propaganda ideológica na Rússia e nem

nos países islâmicos da CEI. Segundo o qual as autoridades iranianas perceberam perfeitamente que só é a Rússia que é capaz realmente de prevenir as severas formas da invasão americana. E finalmente, o Irã e a Rússia não possuem – mesmo que diferidas – disputas territoriais no momento.

Os mitos semelhantes em relação com a Rússia (com os recitados episódios da história do Imperialismo Tsarista e da propaganda ideológica da União Soviética) são lançados na sociedade iraniana com os mesmos objetivos – para prevenir, na medida do possível, criando o quadro principal de todo o potencial principal em uma estrutura quadripolar. Seria estranho esperar que os globalistas e os geopolíticos atlantistas observem friamente como a aliança estratégica russo-iraniana seja mortífera para a hegemonia global norte-americana ao alcance de seus olhos.

O Problema afegão e o papel do Paquistão

Se a região do Mar Cáspio é, em primeiro lugar, uma questão das relações russo-iranianas para reformatar o Afeganistão, é necessário engajar o Paquistão. Este país era tradicionalmente orientado pela maré da estratégia atlantista na região e além disso era, em geral, artificialmente uma criação dos britânicos por causa de sua saída da Índia Ocidental, criando problemas adicionais para os centros regionais de poder.

Mas nos últimos anos, a sociedade paquistanesa foi essencialmente alterada e a orientação anterior, pró-anglo-saxônica, é contestada em uma frequência cada vez maior – especialmente em vista da discrepância das normas globalistas das sociedades modernas e pós-modernas em relação com a sociedade arcaica e tradicional do Paquistão. O Irã tradicionalmente tem tensas relações com o Afeganistão, que se manifestou no fato de que o Irã e o Paquistão sempre apoiaram bandos internos em conflitos entre si, no caso Afegão: Irã apoiou os xiitas, os Tadjiques, os Uzbeques e as forças da Aliança do

Norte, enquanto que o Paquistão apoiou os Pashtuns e sua confraria radical, o Talibã. Nessas condições, a Rússia tem uma grande chance de desempenhar um papel importante na estruturação do novo Afeganistão através de uma nova convolução do desenvolvimento das relações russo-paquistanesas e, novamente, do horizonte multipolar tido em conta nos dita em que direção e em que base devemos desenvolver as relações entre Moscou e Islamabad. É necessário avançar no sentido da libertação territorial da Ásia Central da presença americana e, usando os conflitos do Taliban com as forças da OTAN, enfatizar constantemente o "posicionamento especial da Rússia" na questão afegã e não irrevogavelmente apoiar o "agressor" que, presumivelmente, coíbe o Talibã, que poderia, caso contrário, representar uma ameaça para os interesses estratégicos da Rússia.

Este é, aliás, também um mito comum lançado pelos atlantistas e globalistas. Os EUA nunca fizeram nada com isso em favor da Rússia, ainda. Se eles entrarem em um conflito com os talibãs, existem alguns sérios motivos estratégicos, militares e econômicos para isso. E a razão mais evidente é a necessidade de legitimar a presença norte-americana na região. É o Afeganistão controlado pelos EUA e o poder bélico da OTAN que formam o quadro do "cordão sanitário" asiático contra a Rússia e contra o Irã. Este é o sentido exato e único da guerra geopolítica no Afeganistão. Como o Paquistão pode influenciar de forma essencial o Talibã, a Rússia deve começar a preparar gradualmente o novo modelo de relacionamento com a maioria Pashtun do Afeganistão para que a Rússia não tenha que pagar pelos crimes que não cometeu depois da - inevitável e desejável – partida das tropas americanas do solo afegão.

Losango Geopolítico da Ásia Central

Todo o espaço geopolítico da Ásia Central representa um losango, em cujos dois cantos – norte e sul – pode-se colocar Moscou e Teerã (Irã e Rússia).

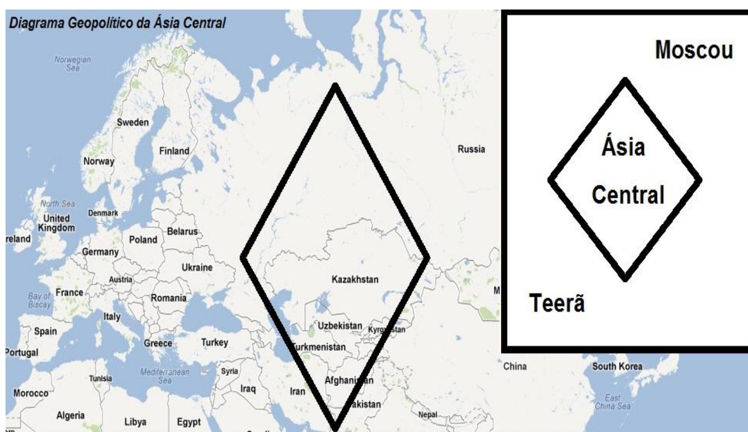


Diagrama Geopolítico da Ásia Central

Entre eles, há situado (do Ocidente para o Oriente) ao sul do Cáucaso (Armênia, Georgia, Azerbaijão), Turcomenistão, Afeganistão, Cazaquistão, Uzbequistão, Tajiquistão e Quirguistão. Vários Estados política e economicamente consolidados com ambições regionais (Armênia, Azerbaijão, Cazaquistão, Uzbequistão e Turcomenistão) e várias formações mais frágeis e dependentes (Georgia, Tajiquistão, Quirguistão) estão situados nesta área. O Afeganistão ocupado pelos EUA e as tropas da OTAN representam um fenômeno totalmente diferente.

Na perspectiva do mundo multipolar, o quadro de condições da Rússia e do Irã (que satisfazem os seus interesses estratégicos) para o modelo estratégico a ser construído a partir desses países é

completamente coincidente. Mas a realização do projeto da "Grande Ásia Central" ou da "Grande Rota da Seda" é tudo, menos tolerante. Por exemplo, tanto a Rússia quanto o Irã desaprovam positivamente a orientação pró-americana e a implantação de bases militares americanas no território da Georgia atual. Neste sentido, a Georgia se opõe a todo modelo regional e atua como um bastião do atlantismo, da globalização e do mundo unipolar.

E o cenário é mais complicado nas questãos polêmicas em que os EUA não têm interesses geopolíticos evidentes (por exemplo, na questão de Karabakh) e nem o Irã e a Rússia têm favoritos unívocos lá. Salvaguardando a neutralidade para razões de política interna, o Irã ajudou a Armênia tanto quanto a Rússia. Mas o Irã e a Rússia, no entanto, preservaram relações suaves com o Azerbaijão. Esta estrutura tem mudado um pouco nos últimos anos em virtude da transformação política turca cada vez mais fora do controle dos EUA. E, consequentemente, a influência turca no Azerbaijão deixa de ter o caráter inequivocamente atlantista. Ao mesmo tempo, uma parte das elites armênias estão cada vez mais em cooperações estreitas com os EUA e com as instâncias globalistas, enquanto que não deixam traçar muitas conexões entre as relações russo-armenas e armeno-iranianas. Mas todas essas modificações não excedem, ainda, no nível de flutuações e não alteram a correlação principal de forças. Tal situação permanecerá até que algumas mudanças decididas na questão da região de Karabakh sejam realizadas - independentemente da posição tomada.

Em relação ao Cazaquistão, Tajiquistão e Quirguistão, a Rússia precisa de intensificar os processos de integração no campo da criação de uma União Aduaneira. Ao mesmo tempo, é desejável o retorno do Uzbequistão, que primeiramente entrou na EURASEC e depois a deixou para arquivar o processo de integração; impedir a desintegração do Quirguistão que é abalado por contradições internas (sem a

participação de forças externas); estabelecer contatos de trabalho com as novas autoridades do Turcomenistão.

Objetivos básicos para a Zona Central na direção sul

O vetor sul de criação do *background* para a ascenção de um mundo multipolar, pela Zona Central, em geral, consiste nos seguintes objetivos:

- Vencer os EUA na região da Ásia Central, sem entrar em uma relação de conflito direto;
- Prevenir os EUA da criação do projeto da "Grande Ásia Central";
- Criar uma estrutura estrategicamente poderosa no Eixo "Moscou – Teerã" até a integração política, militar e a colocação mútua de poderio bélico no território de ambos os países;
- Tentar ao máximo uma aproximação com a Turquia em seu novo rumo geopolítico independente da influência norte-americana e globalista;
- Destruir o projeto da "Grande Ásia Central" e reorganizar o Mar Cáspio na terra (Eurasiano, multipolar) motivando a considerar o Mar Cáspio como um "O Lago Interno" das potências continentais;
- Impedir a criação de um "cordão sanitário" asiático entre a Rússia e o Irã;
- Integrar a Rússia, Cazaquistão e o Tajiquistão em um único e personalizado espaço econômico;
- Desenvolver um novo formato de relações com o Paquistão, em vista da sua transformação política;

- Oferecer uma nova arquitetura para o Afeganistão e contribuir para a sua libertação da ocupação americana e da OTAN.

§ 4 Estratégia leste da Zona Central: Visão Geral dos objetivos e prioridades

Eixo Moscou – Nova Delhi

Passemos agora para o leste. Aqui podemos ver a Índia como um "grande espaço" independente, que foi a base principal para garantir a dominação britânica na Ásia, no período do "Grande Jogo". Neste período, ela era detentora do "Poder Marítimo" preservando o controle sobre a Índia e impedindo a possibilidade de quaisquer outros poderes – em primeiro lugar, o Império Russo – que poderia violar o concentrado controle dos britânicos nessa região.

Os épicos afegãos também foram ligados aos britânicos quando o Império Britânico tentou continuamente tomar o controle sobre a complexa estrutura da sociedade afegã, apenas desgovernando, de modo a bloquear os russos em uma possível expedição à Índia[61]. Tal perspectiva foi teoricamente já estudada desde o período do Imperador Paulo I da Rússia, que praticamente começou (organizar e, um pouco ingenuamente, planejar) uma expedição cossaca para a Índia (em aliança com os franceses) o que, possivelmente, tornou-se a causa exata do seu assassinato (em cuja organização, como demonstra os historiadores, o embaixador inglês na Rússia Sir Whitwoth tomou parte[62]).

Atualmente, a Índia prossegue uma política de neutralidade estratégica, mas a sua sociedade, cultura, religião e sistema de valores não possui nada em comum com o projeto globalista ou com o estilo de vida da Europa Ocidental. Por sua estrutura, a sociedade hindu é

---

[61] Snesarev. Afganistan. Op. Cit.

[62] Eidelman N. Gran vekov. M., 2004.

absolutamente terrestre, com base em algumas constantes ligeiramente modificadas em milênios. Em seus parâmetros (demografia, o nível de desenvolvimento econômico moderno, a integração cultural), a Índia representa um “grande espaço” que pode ser incluído organicamente na estrutura multipolar. As relações russo-indianas após a independência da Índia eram tradicionalmente muito agitadas.

Ao mesmo tempo, os governantes indianos constantemente salientam a adesão ao modelo de ordem mundial multipolar. Pelo qual, a sociedade indiana em si demonstra um exemplo de multipolarismo onde uma grande variedade de etnias, cultos, culturas locais, tendências religiosas e filosóficas convivem perfeitamente de acordo uns com os outros com todas as suas diferenças internas e até mesmo com suas contradições. A Índia é, certamente, uma civilização que adquiriu – por motivos pragmáticos – o *status* de um “Estado Nacional” após a conclusão do período de colonização, no século 20.

Com estas circunstâncias favoráveis para o projeto multipolar que faz o Eixo “Moscou – Nova Delhi” ser mais uma construção de apoio no aspecto espacial da Pan-ideia Eurasiana, existem uma série de circunstâncias que complicam o processo. Em virtude da inércia histórica, a Índia continua a preservar os laços estreitos com o mundo anglo-saxão que foi capaz de influenciar essencialmente a sociedade indiana durante o período colonial e projetar seus preceitos formais e padrões sociológicos sobre ele (em particular, a língua inglesa). A Índia está intimamente integrada com os EUA e com os países da OTAN no domínio técnico-militar e os estrategistas atlantistas valorizam extremamente esta cooperação no que se encaixa bem no domínio estratégico do controle do “litoral” Eurasiano. Segundo o que, a própria mentalidade da sociedade indiana rejeita a lógica de alternativas rígidas e/ou para a mentalidade hindu é difícil perceber a necessidade de escolha irreversível entre a Terra e o Mar, entre a globalização e a preservação de sua identidade civilizacional. Mas a nível regional nas relações com os seus vizinhos próximos – e em primeiro lugar com a

China e o Paquistão – o raciocínio geopolítico indiano funciona muito mais adequadamente e deve-se usar este para a integração da Índia na estrutura multipolar da arquitetura estratégica eurasiana. O lugar natural da Índia é no espaço eurasiano, onde ela poderia desempenhar um papel estratégico comparável com o do Irã. Mas o formato de construção do Eixo "Moscou – Nova Delhi" deve ser absolutamente diferente, tendo em conta a especificidade da estratégia regional e cultural indiana. No caso do Irã e da Índia, não devem ser aplicados diferentes paradigmas de integração estratégica.

Estrutura Geopolítica da China

O tema chinês representa uma questão muito importante. No mundo atual, a China desenvolve a sua economia tão bem por encontrar proporções ideais entre a preservação do poder político do reformado Partido Comunista, dos princípios de economia liberal e a incentivação dos usos culturais chineses (em alguns casos, na forma de "nacionalismo chinês") e que muitos atribuem isto ao fato de ser, em parte, um pólo mundial independente na escala global e com um futuro hegemônico.

No seu potencial econômico, a China cai no âmbito dos cincos países do mundo com o maior PIB. Junto com os EUA, Alemanha e Japão, o país formou uma espécie de clube das principais potências comerciais mundiais. Os próprios chineses chamam a China de "Zhongguo", que é literalmente "O País Central". A China é uma complexa unidade geopolítica, onde os seguintes principais constituintes podem ser distinguidos:

- A China continental – regiões agrícolas pobres e pouco irrigadas ao longo do ano, predominantemente habitada por nativos unidos no conceito étnico de "Han";

- As áreas costeiras centrais do Leste representam a economia e o comércio em desenvolvimento, pontos do país ao acesso do mercado global;

- A zonas de amortecimento povoadas por alguns grupos humanos (Manchuria, Mongólia Interior, Xinjiang e Tibet);

- Os Estados vizinhos – ilhas com população nativa chinesa (Taiwan);

O problema da geopolítica chinesa é o seguinte: A China carece de demanda interna para desenvolver sua economia (China continental é muito pobre). O acesso ao mercado internacional só acontece na desenvolvida área costeira do Oceano Pacífico, que aumenta consideravelmente o nível de vida nessa região, mas cria desproporções sociais entre a "Costa" e o "Continente" e também contribui para o controle externo através das relações econômicas e de investimentos que ameaçam a segurança do país.

No início do século 20, esta desproporção resultou num colapso do reino chinês, com o estabelecimento do controle externo sobre as mãos da Grã-Bretanha e, finalmente, a ocupação das áreas costeiras pelo Japão.

Mao Zedong (1893 – 1976) escolheu uma forma diferente para centralizar e fechar completamente o país. Isso fez com que a China se tornasse independente, mas totalmente condenada à pobreza. No final da década de 1980, Deng Xiaoping (1904 – 1997) começou a convolução da próxima reforma, cujo sentido foi um equilíbrio entre o desenvolvimento aberto da "zona costeira", com atração de investimentos estrangeiros e na preservação do estrito controle político sobre todo o território da China nas mãos do Partido Comunista, com vista de garantir a unidade do país. Esta fórmula define de forma clara a função geopolítica da China moderna.

A identidade da China é dualista: há uma China Continental e

uma China Costeira. A China Continental é orientada por si própria e preserva os seus paradigmas sociais e culturais, enquanto que a China Costeira é cada vez mais integrada no “mercado global” e, consequentemente, na “Sociedade Global” (ou seja, gradualmente assume as características de uma Potência Marítima). Essas contradições geopolíticas são suavizadas pelo Partido Comunista Chinês que tem de agir de acordo com o modelo de Deng Xiaoping – transparência proporciona crescimento econômico, o centralismo ideológico e político apoiado pelas pobres regiões agrícolas continentais suporta relativamente o isolamento da China com o mundo exterior. A China se esforça para levar essas características, mas se rejeitá-las ou refutá-las, o globalismo e o atlantismo a destruirá. Enquanto isso, Pequim tem sucesso em manter esse equilíbrio e isso a eleva para os líderes mundiais. Mas é difícil dizer até que ponto pode-se combinar o inconsciente: a globalização de um segmento da sociedade e a preservação de outro segmento da sociedade nas condições de uma ordem tradicional.

É a solução desta equação extremamente complexa que vai condicionar o destino da China no futuro e, correspondentemente, o algoritmo de seu comportamento geopolítico. Em qualquer caso, hoje a China insiste fortemente na ordem mundial multipolar e se opõe à abordagem unipolar por parte dos EUA e dos países ocidentais, na maioria dos encontros internacionais. A única ameaça séria para a segurança da China atual origina-se dos EUA – a Marinha americana, no Oceano Pacífico, pode a qualquer momento estabelecer um bloqueio ao longo de toda a costa chinesa e, assim, momentaneamente derrubar completamente a economia chinesa, que é tão dependente dos mercados externos. A tensão em torno de Taiwan está ligada com o fato de que Taiwan é um Estado poderoso, parcimoniosamente em desenvolvimento com a população chinesa, mas que representa uma sociedade puramente atlantista integrada no contexto liberal global.

No modelo da ordem mundial multipolar, a China é atribuída

como um grande papel no pólo da região do Pacífico. Esse papel será uma espécie de compromisso entre o mercado global, em cujas condições a China possui e desenvolve atualmente, fornecendo uma enorme parcela de bens industriais, de uma forma totalmente fechada. Isso, em geral, corresponde à estratégia chinesa de esforçar ao máximo para potencializar sua economia e sua tecnologia de Estado antes do momento da inevitável coalizão com os EUA.

O Papel da China no modelo de mundo multipolar

Nas relações entre a Rússia e a China, há uma série de questões que podem impedir a consolidação dos esforços para construir a estrutura multiplar. Trata-se de uma expansão demográfica dos chineses para os territórios pouco povoados da Sibéria que ameaça de forma radical a estrutura social da sociedade russa e tem em si uma ameaça direta para a segurança nacional russa. Nesta questão, o controle rigoroso das autoridades chinesas sobre os fluxos migratórios no sentido norte deve ser uma condição necessária para uma parceria equilibrada.

A segunda questão é a influência da China no Cazaquistão, aliado da Rússia e um sábio poder orientado na questão Eurasiana, rico em recursos naturais, territórios enormes, mas bastante povoado. O movimento chinês para o Cazaquistão também pode se tornar uma pedra no caminho. Ambas as tendências infrigem um princípio importante do multipolarismo: organização do espaço ao longo do eixo “norte-sul” e de nenhuma maneira vice-versa. A direção aonde a China têm todos os motivos para desenvolvimento é a região do Oceano Pacífico situado ao sul da China. O mais ponderável será a presença estratégica chinesa nesta área, firmando, assim, a estrutura multipolar.

O reforço da presença chinesa no Oceano Pacífico afeta diretamente os planos estratégicos da hegemonia global dos EUA, pois a partir da posição da estratégia atlantista, garantindo o controle sobre os oceanos se possui a chave para todo o controle mundial. As forças navais dos EUA no Oceano Pacífico e a colocação de suas bases

militares estratégicas em diferentes partes do Pacífico, e também do Índico, na ilha de San Diego, permitirá o controle marítimo de toda a região, tornando-se o principal problema para a reorganização espacial do modelo mundial da ordem multipolar no Oceano Pacífico. A libertação desta área à partir das bases militares dos EUA pode ser considerada como um objetivo de importância planetária comum.

Geopolítica do Japão e da sua eventual participação no Projeto Multipolar

A China não é o único polo nessa parte da Terra. O Japão é um poder assimétrico regional, no entanto, comparável pelos seus parâmetros econômicos. Uma sociedade absolutamente terrestre e tradicional, depois de 1945, com os resultados da II Guerra Mundial, o Japão acabou por não resistir à ocupação americana, cujas estratégicas consequências o influenciam até hoje. O Japão não é independente na sua política externa, bases americanas estão localizadas em todo o seu território e sua importância político-militar é insignificante em relação ao seu potencial econômico. Do ponto de vista teórico, a única maneira orgânica de desenvolvimento para o Japão, seria a sua inclusão no Projeto Multipolar, o que presssupõe:

- O estabelecimento de relações de parceria com a Rússia (com a qual o tratado de paz não foi concluído até agora – tal situação é artificialmente apoiada pelos EUA que temem uma aproximação russo-japonesa);
- A restauração do seu poderio técnico-militar como um poder soberano;
- A participação ativa na reorganização do espaço estratégico no Oceano Pacífico;

- Tornar-se o segundo, junto com a China, polo de toda a região do Oceano Pacífico. Para a Rússia, o Japão seria um parceiro ideal no Extremo Oriente, pois demograficamente, ao contrário da China, não representa qualquer problema, porém necessita de forma vital recursos naturais (o que permitira que a Rússia apoiada pelo Japão equipar uma taxa de crescimento socialmente e tecnologicamente viável para a Sibéria) ao mesmo tempo em que possui um poder econômico colossal, especialmente no campo de tecnologia de ponta, o que é altamente estratégico para a economia russa. Mas para que essa parceria se torne possível, o Japão precisa dar um passo decisivo para se libertar da influência norte-americana.

Caso contrário (como ocorre na situação atual), os EUA consideram que o Japão seja apenas um mero instrumento da política externa norte-americana dirigido para conter a China e os movimentos russos em direção ao Oceano Pacífico. Z. Brzezinski possui absolutamente algumas razões sobre o assunto, em seu livro "*The Grand Chessboard*"[63], onde ele descreve a estratégia ideal dos EUA para a região do Oceano Pacífico. Assim, ele apóia o comércio e a aproximação econômica com a China (desde que a China, é claro, se insira na "Sociedade Global") ao mesmo tempo em que insiste em formar um bloco estratégico-militar contra a China. Com o Japão, Z. Brzezinski, ao contrário, sugere uma melhora militar na "parceria estratégica" contra a China e a Rússia (na verdade, a questão não é "parceria", mas uso mais ativo do território japonês para a implantação dos objetivos estratégico-militares dos EUA) e competir estritamente no campo econômico junto do mercado japonês fará os EUA dominar economicamente em escala mundial.

[63] Brzezinski Z. The Grand Chessboard: American Primacy and Its Geostrategic Imperatives. New York: Basic Books, 1997

A ordem mundial multipolar estima, logicamente, que a situação mude futuramente: a economia liberal da China não é um autovalor em si e apenas reforça a sua dependência do poder econômico e militar dos ocidentais, especialmente no seguimento naval, mas é ao contrário, com a perspectiva de criação de um fundo de libertação dos Oceanos Pacífico e Índico da presença norte-americana, que o Japão e a China poderão competir com as economias ocidentais como uma solução para a hegemonia das regras do atual mercado global (há esperança que o Japão possa usá-lo em determinado momento à seu favor), porém o Japão sendo instrumento passivo da estratégia americana é muito menos atrante como parceiro do mundo multipolar. Em todos os casos, seria ótimo um cenário de libertação do Japão da domição norte-americana e sua saída da órbita de influência geopolítica *yankee*. Neste caso, é dificil imaginar um candidato melhor para a construção do novo modelo de equilíbrio estratégico no Oceano Pacífico. Atualmente, com relação ao estado das coisas, é possível reservar o lugar de um "polo" na região do Oceano Pacífico por duas potências – China e Japão. Ambos têm motivos sérios para desempenharem o papel de um líder ou de dois líderes, essencialmente maiores do que todos os outros países da região do extremo oriente.

Coreia do Norte como exemplo de um Estado Terrestre Geopoliticamente autonômo

Deve-se destacar o fator da Coreia do Norte, país que não quer ceder à pressão do Ocidente e continua a manter a lealdade aos seus padrões sócio-políticos muito específicos (Ideia Juche), por isto tantas tentativas de derrubá-lo, desacreditá-lo, satanizá-lo. A Coreia do Norte é um exemplo de coragem e eficiência na sua resistência contra a globalização e a unipolaridade que ataca uma nação relativamente pequena, sendo de uma grande importância isto. A nuclear Coreia do Norte preserva a sua originalidade étnica e social, além de preservar sua real independência com restrições "democráticas" (compreendidas no

sentido liberal/burguês) dramaticamente contrastante com a Coreia do Sul, um país que precipitadamente está perdendo sua identidade cultural (um exemplo disto é que a maioria dos habitantes da Coreia do Sul pertence a seitas protestantes), sem poder dar nenhum passo sem que olhe para os EUA, mais ou menos livre de problemas (materiais, mas não psicológicos) populacionais. Com o exemplo das duas partes de uma nação histórica e etnicamente integrada, irrompe um drama moral de escolha entre a independência e o conforto, a dignidade e o bem-estar, o orgulho e a prosperidade. O polo norte coreano ilustra em si os valores da terra, o polo sul coreano representa em si os valores do mar. Roma e Cartago, Atenas e Esparta, Behemoth e Leviathan no contexto do extremo oriente moderno.

Objetivos principais na direção leste da Zona Central

O vetor oriental (extremo oriente, asiático) da Zona Central pode ser reduzido para os seguintes objetivos principais:

- Garantir a segurança estratégica da Rússia na costa do Pacífico e no Extremo Oriente;

- Integrar territórios da Sibéria socialmente, economicamente, tecnologicamente e estrategicamente em um contexto comum com a Rússia (em relação ao catastrófico estado da situação demográfica russa);

- Desenvolver parcerias com a Índia, incluindo o domínio técnico-militar (Eixo Moscou – Nova Delhi);

- Estabelecer relações equilibradas com a China, apoiando a sua política multipolar e incentivando a sua aspiração ao *status* de um grande poder naval em todos os sentidos, mas previnir as consequências negativas da expansão demográfica da população chinesa em direção ao norte e sua invasão de influência no

Cazaquistão, contribuindo para a redução da presença naval norte-americana na região do Pacífico, liquidando toda a presença de bases navais e outros objetivos estratégicos norte-americanos;

- Incentivar a libertação do Japão da influência norte-americana e o estabelecimento de uma força regional independente, que irá permitir a adaptção de parceria estratégica no Eixo "Moscou – Tóquio";

- Apoiar as potências regionais do Extremo Oriente, defendendo a sua independência do jugo atlantista e do processo de globalização (Coreia do Norte, Vietnã e Laos).

§ 5 *A Geopolítica do Ártico: A importância do Ártico*

Em relação ao vetor norte, a Zona Central enfrenta o problema da reorganização do Ártico. O espaço ao lado do Polo Norte e do Oceano Ártico essencialmente aumenta a sua importância ao longo do desenvolvimento da navegação aérea e em especial na produção de foguetes, além da grande quantidade de recursos naturais a nível mundial. O menor percurso entre a Eurásia e a América atravessa o Ártico e seu platô rico em recursos naturais pouco explorados (como é estimado, até 25% de todos os recursos inexplorados de petróleo e gás no mundo estão depositados nessa região). Em tal situação, cada espaço do Ártico terrestre ou o desenho de suas fronteiras marítimas adquirem um valor geopolítico especial.

Hoje, os países que possuem pedidos de controle sobre o espaço do Ártico são os EUA, Canadá, Noruega, Dinamarca e Rússia. Os EUA, Canadá, Noruega e Dinamarca são membros da OTAN, ou seja, representantes do bloco atlantista. No momento, o processo de obtenção de independência por parte da Groelândia ganha força (atualmente é uma autonomia dentro da Dinamarca), mas o novo país sob a liderança

dos esquimós Inuit (que são menos de 60.000 no grande espaço da Groelândia) dificilmente podem agora, ou num futuro próximo, tornarem-se uma força independente. Entretanto, existem bases navais americanas no território da Groelândia (Kanaq). Portanto, do ponto de vista geopolítico, o equilíbrio de poder no Ártico é determinado pela Rússia (Zona Central) e pelos EUA (junto dos outros países membros da OTAN). Percebendo a importância de recursos árticos, muitos outros países que não têm acesso direto ao Ártico desenvolvem a construção de sua própria frota de quebra-gelo (como, por exemplo, a China), demonstrando a enorme importância desta área para raciocínios estratégicos sobre o futuro.

Segurança Estratégica do Norte da Rússia

Nos últimos anos a Rússia começou a dar maior atenção para o Ártico por questões jurídicas, realizando expedições simbólicas e reaparelhando militarmente de forma acelerada objetos técnicos nessa área. Todas essas realizações podem muito bem ser consideradas como etapas construtivas para a garantia de uma estrutura multipolar do mundo. Se os territórios da Zona Central são invulneráveis a um possível ataque aéreo do continente norte-americano e desses territórios fizerem parte uma extensa e legítima parcela do recursos naturais do Ártico, isso irá aumentar significativamente a probabilidade de se estabelecer o modelo multipolar. Portanto, todos os poderes de qualquer maneira ligados ao multipolarismo devem teoricamente apoiar reinvindicações russas no Ártico, que, nestes casos, não agem apenas como mais um Estado Nacional preocupado com seus próprios interesses (energéticos, econômicos, securitários), mas como a criação de uma força geopolítica multipolar equilibrada e harmoniosa.

Capítulo 5: Institucionalização do Multipolarismo

§ 1 Transformação da moderna estrutura das leis internacionais

Os níveis do sistema de Direito Internacional

Consideremos agora a questão da institucionalização multipolar. Multipolaridade, bem como unipolaridade e globalização (mundialismo), representa um volitivo projeto conceitual que, necessariamente, precede a execução legal e, portanto, não pode ter caráter legal por si só. Este projeto é uma fonte de direito internacional, mais precisamente da sua transformação de formas existentes para outras formas. Nem a Doutrina Monroe ou a concepção de Woodrow Wilson, nem o "Grande espaço" teórico de Karl Haushofer e Carl Schmitt possuíam *status* legal, mas, sendo trazidos (completamente ou parcialmente) à vida, eles predeterminaram o equilíbrio de poder mundial na política internacional e, consequentemente, tornaram-se formas jurídicas em determinados períodos.

O sistema de Direito Internacional sempre teve vários níveis:

- Princípios gerais partilhados por um número crítico de participantes do processo internacional capazes de defender esses princípios pela força;
- Interesses dos principais atores na política internacional;
- Um "*status quo*" de potências existente para o momento;
- Um "*status quo*" legal existente para o momento;

- Perspectivas futuras estabelecidas pelos principais atores da política internacional.

Todos estes pontos estão na condição da persistente dinâmica de transformação e de influenciar os outros. Isso define a estrutura básica do direito internacional: há alguns momentos relativamente constantes (onde os impulsos opostos estão em equilibrio) e momentos de variáveis (onde alguns jogadores acumulam potencial suficiente para mudar as regras gerais).

Estado de transição do sistema moderno de Direito Internacional

Atualmente a estrutura básica do direito internacional representa o seguinte:

- *O sistema de Vestfália* considera os estados nacionais reconhecidos pela comunidade internacional (representada pela ONU) como sendo soberanos (ou seja, os governos nacionais possuem o direito de seguir uma política independente de forças externas dentro de suas fronteiras) - "*O Segundo Nomos da Terra*" para Carl Schmitt;

- *Os remanescentes da inércia do sistema de Yalta*, o mundo bipolar, que são confirmados pela composição do Conselho de Segurança da ONU, onde potências nucleares possuem poder de veto - "*O Terceiro Nomos da Terra*" para Carl Schmitt;

- *A influência do "momento unipolar"* que se manifesta em declarações unilaterais e em ações dos EUA com seus parceiros da coalização atlantista sobre o que pode ser considerada a área de interesses nacionais dos EUA (todo o território do planeta Terra foi declarado como uma área de interesse nacional – a chamada doutrina Rumsfeld, cuja formulação em relação aos "ataques preventivos" foi um pouco, mas apenas na forma, amolecida por Barack Obama);

- *Os princípios da globalização* aos poucos foram tomando forma de instituições transnacionais (por exemplo, o Tribunal Internacional de Strasbourg) e de requisitos legais obrigatórios – democracia, direitos humanos, mercado livre, etc – como se fosse valores "universais".

É fácil distinguir o vetor de transformação geral nessa estrutura. O peso e a importância do aumento da unipolaridade e da globalização enfraqueceu o sistema de estados nacionais e enfraqueceu o mundo bipolar que estava em inércia. Assim, aceleradas mudanças são notadas no desmantelamento do sistema de Yalta e na eliminação dos vestígios de bipolaridade. Mas ao mesmo tempo, o caso sem precedentes da invasão unipolar das forças militares dos EUA e da Grã-Bretanha no Iraque em 2001, onde um presidente eleito legalmente foi eliminado e foi criado um governo de marionetes e iniciada a desintegração da soberania nacional – e tudo isso sob o falso pretexto de que Saddam Hussein possuia "armas químicas", cujas supostas provas jamais foram apresentadas, além da invasão do Afeganistão e dos bombardeios na Sérvia demonstraram que a importância da soberania nacional dos estados é cada vez mais e mais relativa e esse poder de fundo legal gradualmente enfraquece.

Afinal, nenhum dos países que protestaram contra a invasão do Iraque – tanto na Europa (França e Alemanha) ou na Eurásia (Rússia) ou na Ásia (China), podia pará-la por meios políticos e não ousaram aduzir um argumento de força, reconhecendo assim, de fato, a "lei do mais forte", por violar o princípio da soberania criando um precedente, que, mais cedo ou mais tarde, pode obter um *status* legal.

Uma transição do Segundo e do Terceiro *Nomos* da Terra para o Quarto *Nomos* da Terra possui um lugar no sistema de legislação internacional. E no momento, eles são globalistas e unipolares e de modo algum o mundo multipolar, que pretende tornar-se um Quarto *Nomos* da terra.

Com isto, a questão do estatuto jurídico multipolar é mais relevante atualmente na política global. Reflete o curso da batalha pela estrutura do "Quarto *Nomos* da Terra", que pode ser tanto unipolar e globalista ou multipolar. Dois projetos de uma futura arquitetura geopolítica cruzam entre si – o Projeto Maritímo (globalização) e o Projeto Terrestre (multipolarismo).

A institucionalização gradual da unipolaridade e da globalização contra o fundo de preservação de alguns elementos e modelos jurídicos anteriores (o Segundo e o Terceiro *Nomos* da Terra) já estão presentes. Certos círculos dos EUA já sugerem a formulação de um modelo legal mais distinto quando eles possuírem oportunidade para a criação de uma "Liga das Democracias", em vez da ONU (representando paradigmas das relações internacionais jurídicas anteriores)[64].

"A Liga das Democracias" é pensada para ser uma união de Estados liderados pelos EUA e será constituída pelos países que estão completamente dispostos a obedecer à estratégia dos EUA de implantação dos requisitos da democracia liberal e do atlantismo em escala global. A "Liga das Democracias" só será reconhecida em um modelo legal e legítimo do direito internacional e os restantes dos países serão classificados como Estado Párias já na forma legal, ou seja, através da privação de direitos.

---

[64] Present ambassador of the US in NATO, professional spy N. Daalder and theorist of international relationships Ann Baefski are considered the authors of the idea to create "The League of Democracies", as well as the participants of "The Prinston Project" (G. P. Schultz and Antony Lake). It was voiced in public by the US Republican Party candidate J. McCain. *McCain John.* League of Democracies (op-ed)//Financial Times. 2008. March 19. See also *Kagan Robert*. The Case for a League of Democracies// *Financial Times.* 2008. May 13. "The League of Democracies" project relations with the globalism and mondialism concepts by George Soros are analized in the article by Cliff Kincaid. *Kincaid Cliff.* McCain, Soros, and the New "Global Order" -- www.aim.org. 2008. [Electronic resource]URL: http://www.aim.org/aimcolumn/mccain-soros-and-the-new-global-order/ (reference date 20.09.2010.)

A formalização do projeto multipolar e sua formalização no campo jurídico não são tão distintas assim. E, no entanto, certas ações para a institucionalização do multipolarismo são executadas. E nós temos a obrigação de considerá-las agora.

Multipolaridade na Doutrina de Segurança Nacional Russa: Declaração multipolarista russo-chinesa, 1997

De longe, o termo "multipolarismo" não figura apenas em discursos de altos atores políticos, mas também em uma série de documentos oficiais, mostrando-se como um fato significativo. Assim, este pode ser considerado como o primeiro passo para a institucionalização desse conceito e de sua formulação legal. Talvez, pela primeira vez, a fórmula "mundo multipolar" foi aplicada na declaração mútua russo-chinesa, assinada em Moscou em 23 de abril de 1997. Foi preparada pelos embaixadores das atuais China e Rússia na ONU – Sergey Lavrov e Wang Zuezian e assinada pelo Presidente Yeltsin e pelo Chefe do PCC Jian Zemin[65]. Ela indicou que "*o mundo bipolar ficou no passado e deve dar lugar ao mundo multipolar*"[66]. Nesse período, ninguém deu grande importância a esta fórmula, mas o fato merece atenção.

Estratégia Nacional de Segurança da Federação Russa até o ano 2020

Atualmente, encontramos um apelo para que o mundo multipolar no conceito de segurança nacional da Rússia entre em vigor, formulado no documento "*A estratégia de segurança nacional da Federação Russa até o ano de 2020*", aprovado por decreto pelo então

---

[65] See the text on site http://www.fas.org/news/russia/1997/a52--153en.htm (reference date 20.09.2010.)

[66] Ibid.

Presidente da Federação Russa em 12 de maio de 2009, nº 537[67].

Multipolarismo é mencionado no início – no 1º ponto: "*1 – A Rússia superou as consequências da sistemática crise política e sócio-econômica do final do século 20 – parando a queda nos padrões de vida dos cidadãos russos, resistindo às avalanches de nacionalismo, separatismo e terrorismo internacional, impedindo o descrédito da ordem constitucional, preservando a sua soberania e integridade territorial, restaurando a capacidade de desenvolver sua força competitiva e defender os interesses nacionais como um sujeito crítico da multipolaridade (NdT: Grifo nosso) tomando a sua forma nas relações internacionais.[68]*"

O 25º ponto do mesmo documento diz:

"*25 – Os interesses nacionais da Federação Russa desde um longo período incluem: desenvolvimento da democracia e da sociedade civil, aumento do poder competitivo da economia nacional; manutenção da inviolabilidade da ordem constitucional, integridade da soberania e do território da Federação Russa; transformação da Federação Russa em uma potência global, cuja atuação é direcionada para o apoio da estabilidade estratégica das relações de parcerias mutuamente benéficas nas condições de um mundo multipolar (NdT: Grifo nosso)[69].*"

Existe também uma referência ao multipolarismo no 24º ponto do presente documento:

"*24 – Para garantir a segurança nacional, a Federação Russa, entre as realizações das prioridades básicas de sua segurança nacional, concentra seus recursos e esforços estratégicos na parceria equitativa*

---

[67] Strategiya nacionalnoy bezopasnosti Rossiyskoy Federatsii do 2020 goda. – www.scrf.gov.ru. 2009. [Electronic resource]URL: http://www.scrf.gov.ru/documents/99.html.

[68] Ibid.

[69] Ibid.

reforçada em razão da participação ativa da Rússia no desenvolvimento do modelo multipolar da ordem mundial (NdT: Grifo nosso)[70]*".*

A crítica do mundo unipolar realizada por V. Putin e as Teses Eurasianas

O termo "multipolarismo" transcrito neste documento é efetivo atualmente a partir dos textos anteriores semelhantes à ele. Em particular, logo após as eleições presidenciais, em 10 de janeiro de 2000, V. Putin assina o decreto nº 24 "*Sobre o Conceito de Segurança Nacional da Federação Russa*"[71], onde a primeira parte "A Rússia na comunidade internacional", um curso para o multipolarismo está diretamente declarado:

"*O estado do mundo é caracterizado com a transformação dinâmica do sistema de relações internacionais. Duas tendências mutuamente exclusivas prevaleceram após a conclusão do período de confronto bipolar. A primeira tendência se manifesta no reforço de posições política e econômicas de um número significativo de Estados e sindicatos integrados, na perfeição de mecanismos de controle multilateral dos processos internacionais. Segundo o qual, fatores econômicos, políticos, científicos e técnicos, ecológicos desempenham um papel cada vez maior. E por este motivo a Rússia irá ajudar a estabelecer a formação ideológica de um mundo multipolar (NdT: Grifo nosso)*[72]". Então, que não subsistam quaisquer ilusões em relação ao que se opõe ao mundo multipolar, o curso de construção do que é manifestamente declarado neste texto, no seguinte parágrafo, condena

[70] Ibid.

[71] O kontseptsii nacionalnoy bezopasnosti Rossiyskoy federatsii. -- www.businesspravo.ru. 2001. [Electronic resource] URL: http://www.businesspravo.ru/Docum/DocumShow_DocumID_11586.html

[72] Ibid.

diretamente o sistema unipolar da ordem mundial:

"*A segunda tendência se manifesta através da tentativa de criar uma estrutura de relações internacionais baseada na dominação da comunidade internacional, sob a liderança dos EUA e dos países ocidentais desenvolvidos, projetando para soluções unilaterias, primeiramente bélicas, os cruciais problemas da política internacional, afastando os requisitos fundamentais das leis internacionais*[73]".

Esta abordagem é explicitamente condenada. Vladimir Putin deu a mais argumentada crítica da ordem mundial unipolar em seu famoso discurso de Munique, depois de sete anos – em 2007[74], demonstrando assim que a resolução das autoridades russas para se opor à hegemonia norte-americana e de seus duplos padrões políticos é uma estratégia conscientemente à longo prazo. Vladimir Putin, em particular, disse:"*Quase todo o sistema de direito de um Estado, antes de tudo, menos, é claro, os EUA, ultrapassa suas fronteiras nacionais em todos os campos, econômicos, políticos,e até na esfera humana é imposta por outros Estados*[75]".

E terminou o seu discurso com palavras extremamente importantes: "*A Rússia é um país com uma milenar história e, na prática, ela sempre usou seus privilégios para perseguir uma política externa independente. E nós não iremos mudar essa tradição atualmente.*[76]"

A mesma ideia também foi sentida na formação do "Conceito de

---

[73] Ibid.

[74] Putin V.V. Vystupleniye I diskussiya na Munchenskoy konferencii ppo voprosam politiki bezopasnosti. -- kremlin.ru. 2007. [Electronic resource] URL: http://archive.kremlin.ru/appears/2007/02/10/1737_type63374type63376type63377type63381type82634_118097.shtml (reference date 20.09.2010.)

[75] Ibid.

[76] Ibid.

Segurança Nacional no ano 2000”, no primeiro ponto vemos o apelo direto para Geopolítica, Eurasianismo e temas da Zona Central tal qual nas palavras de Putin em Munique:

“*A Rússia é um dos maiores países do mundo e possui séculos de uma longa história e ricas tradições culturais. Apesar do complicado clima internacional e das dificuldades de caráter interno, ela objetiva a continuar a desempenhar um papel importante nos processos globais em virtude dos seus potenciais econômicos, científicos, técnicos e bélicos significativos, e em virtude da posição única estratégica dentro do Continente Eurasiano.*[77]”

A negligência do tema multipolar pelos especialistas russos

É interessante notar que tanto o primeiro documento assinado por V. Putin em 2000, ou a “Estratégia de Segurança Nacional” que está em vigor, aprovada pelo Presidente D. Medvedev, foram absolutamente não discutidas pela sociedade russa – ou pelo menos nos círculos de grandes especialistas ou em grandes programas de audiência, sendo, o discurso de Munique, interpretado apenas emocionalmente e casualmente.

Além disto, percebe-se a estável relutância da elite russa e em primeiro lugar, da MFA RF, em definir a sério a ideia de multipolaridade, fazendo pelo menos os passos para a sua própria interpretação que levará inevitavelmente à necessidade de formular explicitamente uma série de posições que, por razões lógicas, certamente vai desagradar os EUA. Qualquer conceituação grave do multipolarismo nos leva a um dilema nitidamente definido: ou um mundo unipolar ou um mundo multipolar. E isso supõe uma escolha clara e distinta. Desde que os EUA estão contruindo o mundo unipolar globalizado (sozinho, como os neoconservadores ou os proponentes da

[77] Ibidem.

“Liga das Democracias” sugerem, ou com “sócios menores”, como é sugerido por apologistas da abordagem multilateral e, em particular, por administração do Presidente Barack Obama) em que nada irá modificar essa forma, uma articulada declaração orientada pelo multipolarismo significa um desafio direto para os EUA.

E nem a sociedade russa e nem a elite russa estão preparadas para uma reviravolta nos acontecimentos. Isto é que cria certa discordância. Um curso de direção ao multipolarismo foi claramente registrado em documentos fundamentais que definem a estratégia militar e política da Rússia no campo internacional, ao mesmo tempo em que debates sobre tal assunto geopolítico são cuidadosamente retocados em debates públicos e na mída russa. E, também, temos que lidar com um fato importante: o rumo do multipolarismo está nos documentos básicos da estratégia Russa e, portanto, tem um certo *status* legal na legislação nacional, consequentemente lidando com a primeira etapa de sua institucionalização.

§ 3 Organizações Internacionais capazes de se tornar a Base para a ordem do Mundo Multipolar no campo legal

A ONU no período Moderno: uma análise geopolítica

Do ponto de vista do Multipolarismo é também possível mirar a Organização das Nações Unidas – na forma como existe nas condições geopolíticas atuais. A ONU representa o total do período precedente da globalização conectada com o sistema vestfaliano e, em parte, com o mundo bipolar. Na ONU, tratamos com um paradigma da lei internacional correspondendo com o segundo e com o Terceiro *Nomos* da Terra, por C. Schmitt, enquanto hoje, por inteiro, estamos gradualmente passando ao Quarto *Nomos* da Terra (unipolar ou multipolar). Isso é exatamente o motivo pelo qual os proponentes mais radicais da unipolaridade e da globalização cada vez mais frequentemente exprimem crítica da ONU e ainda apelam para a

dissolução dessa organização.

No lugar da ONU, os representantes da unipolaridade americanocêntrica rígida sugerem criar a "Liga das Democracias[78]" encabeçada pelos EUA e pelos mundialistas – "o governo global". Essas são duas direções para execução legal da nova correlação de forças no mundo. Em tal situação, a ONU se torna uma instituição conservadora, restringindo as tendências do desenvolvimento da globalização. Apesar de inicialmente a ONU em si (como a Liga das Nações, a qual foi sua antecessora entre a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais) ter sido inventada para servir de instrumento do "globalismo", seu formato se tornou obsoleto com respeito ao colapso do mundo bipolar e o fechamento do Campo Socialista e da URSS da arena global e freou a institucionalização e a legalização de um diferente quadro do mundo.

Em tal situação, se os processos de globalização estiverem sob o cenário atlantistas, a reforma (começando pela modificação da estrutura do Conselho de Segurança, que é referido já hoje) e então a dissolução da ONU seriam inevitáveis. No entanto, as condições transitórias do momento atual permitem aos apoiadores do mundo multipolar usar a ONU como quiserem. Antes do rosto das tendências unipolares e globais ativar, a ONU que não representa uma instituição do multipolarismo na forma pura pode cumprir –temporária e pragmaticamente – uma função defensiva através de opor mecanicamente essas tendências através da sua própria estrutura. Os EUA percebem isto perfeitamente quando expõe à ONU as críticas ainda mais fortes, ridicularizando sua inabilidade e incapacidade, repreendendo-a por recursos devastadores apropriados para seus limites e abonos antigos, etc[79]. Os apoiadores da ordem do mundo multipolar

[78] O presidente embaixador dos EUA na OTAN, o espião profissional N. Daalder e o teórico das relações internacionais Ann Baefsky são considerados os autores da ideia de criar a "Liga das Democracias".

[79] Por exemplo, O Senador da República Jesse Helms. Veja o Senator Jesse Helms Rebukes the U.N. – Newswatch.2000. [Electronic resource] URL:

podem muito bem utilizar a ONU como uma tela em tal caso para organizar mais instituições efetivas do multipolarismo. Tomando a ONU como uma forma da ordem cessante do mundo que sobrevive nas sombras de sua gradual decadência como até agora prolongando sua graduação tão longe quanto possível, se pode tentar colocar a fundação das novas instituições legais dentro dos limites antigos.

Se seguir essa linha concisamente e consistentemente (como a Federação Russa está exatamente fazendo hoje, tendo promovido sua atividade na ONU desde 2007 e aumentado sua distribuição ao financiar esta organização), é possível alcançar os seguintes resultados:

- Prolongar a resistência ao processo da globalização unipolar e assim ganhar tempo para a preparação adequada das estruturas e instituições multipolares (o mais provável);

- Transformar a ONU em uma "Estrutura Multipolar" tal como no momento da crise final nas relações com os EUA e a transição ao estabelecimento da "Liga das Democracias" (o menos provável, como será ativamente oposto pelas forças atlantistas que obviamente não deixarão uma instituição tal para seus inimigos estratégicos sem dar o bote).

Os BRICs: A Geopolítica do "Segundo Mundo"

A fundação do clube informal "BRIC" formado na base de quatro países – Brasil, Rússia, Índia e China - é um exemplo da primeira aproximação ao desenvolvimento da Estrutura Multipolar

---

http://www.garymcleod.org/helms.htm (reference date 20.09.2010.). A assinatura do Senador John Bolton, quem explicitamente demandou "dispensar a ONU" antes, o representante dos EUA na ONU por George Bush Junior é também demonstrativo. Veja Gill Kathy. John Bolton, UN Nominee. – www.about.com. 2005. [Electronic resource] URL: http://uspolitics.about.com/od/politicalcommentary/a/ed_bolton.htm (reference date 20.09.2010).

Internacional[80]. O grupo consiste em quatro Estados: três poderes eurasianos (Rússia, Índia e China) e um latino-americano (Brasil), com associação ao "Poder da Terra" fortemente marcada. Todos eles representam um "Grande Espaço", sendo líderes indisputáveis em suas regiões.

Os "BRICs" expressam por si mesmos a forma da consciência geopolítica do poder que, por um lado, tem enormes conquistas nos campos econômico, militar, técnico e de recursos, mas ao mesmo tempo essencialmente cedem os países para o Ocidente enquanto substancialmente excedem todos os outros países não-Ocidentais. Os três países possuem armas nucleares (Rússia, China e Índia) e Brasil, de acordo com algumas fontes, está perto disto[81]. A China e a Índia juntas são mais de dois bilhões de pessoas. A Rússia possui vastos territórios e recursos naturais e também mantém uma alta potência militar e técnica. A economia brasileira tem sido desenvolvida no passo acelerado, assim tornando o país um líder regional e o núcleo da América Latina inteira. Se colocar juntas as potências estratégicas de todos esses países, em conjunto, seria comparável em muitos parâmetros com o potencial estratégico dos países Ocidentais e em alguns aspectos, ainda superá-los[82].

Por meio disso, todos os quatro países estão em condição de ativar a modernização e absorvem – em um diferente algoritmo – as possibilidades tecnológicas que o mundo e a economia global disponibilizam.

Na estrutura unipolar, os países do BRIC são considerados estritamente *severos*, como cinturões intermediários entre o "núcleo" a

---

[80]] BRICs e além. Goldman Sachs Global Economics Group. NY, 2007.

[81] Rule G. Brazil sozdaet atomnuyu bombu? – www.inosmi.ru. 2010. [Electronic resource] URL: http://www.inosmi.ru/latamerica/20100508/159790133.html.

[82] BRICs e além. Op. cit.

“periferia global”. Tal confronto deve gradualmente integrar as elites desses países em uma elite global e, tão como as massas – fundí-las com outros estratos sociais inferiores das sociedades vizinhas, incluindo aquelas dos países menos desenvolvidos, através das migrações e, assim, fazê-las perder sua identidade cultural e civilizacional. A circunstância de que os processos da globalização evoluem nos países do BRIC dá base para os globalistas acreditarem que esses países estarão gradualmente dentro do sistema comum da unipolaridade.

Mas do ponto de vista do multipolarismo, as funções dos BRICs podem ser absolutamente diferentes. Se esses quatro países podem desenvolver uma estratégia comum, formular abordagens consolidadas para desafios básicos da modernidade e desenvolver um modelo geopolítico unido, obteremos logo um poderoso instituto internacional do mundo multipolar, possuindo recursos técnicos, diplomáticos, demográficos e militares, colossais.

Os BRICs podem ser considerados como o potencial “Segundo Mundo”[83]. Em certos parâmetros, será diferente do “Primeiro Mundo” (“O Núcleo”, o Ocidente) e do “Segundo Mundo” (a periferia global). Se não confrontar isto simplesmente das posições quantitativas (recursos, economia, população, tecnologia, etc.), mas com respeito à peculiaridade qualitativa das sociedades desses países, i.e., da posição da cultura e civilização, é possível enxergar os BRICs como algo absolutamente novo e original.

No prospecto unipolar, o “Segundo Mundo” (os BRICs) está sujeito à divisão em dois segmentos – as elites, integrando ao “Primeiro Mundo” e as massas, caindo no “Terceiro Mundo” e se misturando nela. Ocorre desse jeito no decurso do desenvolvimento inerte dos eventos. Mas se os BRICs não considerarem sua função histórica como um mero período no estabelecimento do sistema mundial global (I. Wallerstein),

---

[83] Khanna Parag. Der Kampf um die zweite Welt – Imperien und Einfluss in der neuen Weltordnung. Berlin: Berlin Verlag, 2008.

mas como um novo paradigma que desenvolverá uma estratégia diferente e preservará proporções entre as elites e as massas dentro dos limites de um projeto de civilização comum, então o “Segundo Mundo” pode se tornar uma alternativa séria ao “Primeiro Mundo” e uma indicação do caminho (e da salvação) para o “Terceiro Mundo”. Nesse caso, o formato de um simples clube de quatro países que têm muitas características em comum no momento presente de desenvolvimento pode organicamente sobrepor-se nos fundamentos de uma organização global poderosa capaz de ditar aos outros participantes do processo mundial sua demanda na forma ultimativa (se necessário), não meramente reportar uma opinião privada sobre aprovação ou desaprovação de uma das demais ações dos EUA e seus aliados (como ocorre agora).

Vamos imaginar tal situação. Os EUA estão começando uma operação militar no Iraque. A França e a Alemanha “não aprovam” tal ação. E os quatro países nucleares – Brasil, Rússia, Índia e China, estritamente dizem: “não, vocês não farão isto!”. A severidade do ultimato será confirmada pelo seu potencial geopolítico agregado. Os EUA podem trazer perdas irreparáveis para cada um desses países severamente – nos campos militar, econômico e político. Mas está excluso por todos os quatro países. Do mesmo modo, será também possível resolver as outras questões, opiniões, nas quais polarmente diverge entre os apoiadores do mundo unipolar e do mundo multipolar – Sérvia, Afeganistão, Geórgia, Tibet, Chingyang, Taiwan, Cachemira e também um número de problemas locais na América Latina. Claro, os EUA tentarão não criar situações que despertam interesses para os países do BRIC para desenvolverem uma posição comum por cada um dos países simultaneamente. É onde todo o suporte é colocado, desde que as relações possam ser arranjadas com cada um dos quatros países do “Segundo Mundo” severamente. Mas o senso de multipolarismo está exatamente desenvolvendo as regras da ordem internacional que não corresponderiam com uma situação especial onde um poder separado,

talvez grande, obtêm o desejado, mas eles fariam com um princípio geral quando os EUA e seus aliados não puderem iniciar uma invasão por livre-arbítrio sem avaliar ninguém mais. A invasão dos EUA no Iraque não consideram profundamente a China ou a Rússia, ou a Índia, ou Brasil. A invasão no Afeganistão foi instantaneamente (pelo menos pareceu ser) benéfica para a Rússia e em parte para a Índia (o bloqueio de um assento para baixo do Islã radical beligerante). Mas uma série de passos similares por parte dos EUA cedo ou tarde gerará uma direção a partir desse padrão de comportamento e a colocará na fundação de um modelo legal – como vemos no projeto da "Liga das Democracias". Portanto, é necessário deter severamente os EUA em tais casos – antecipadamente e por razões principais, não porque alguma coisa é situacionalmente benéfica ou maléfica para um ou para outro país do "Segundo Mundo". É aqui que a lei do "dividir e conquistar" (*divide et impera* – em latim) se manifesta. Se o "Segundo Mundo" é consolidado por uma filosofia, estratégia e geopolítica comum multipolar, será inacessível para as intrigas unipolares e pode seguir no caminho direto à sua institucionalização e atribuição de um caráter legal para regras multipolares.

Hoje, os BRICs como uma organização, estão apenas no começo de um grande caminho e ninguém pode prometer que será fácil. No entanto, a forma existente de um clube de quatro grandes poderes já representa uma forma, um protótipo de uma estrutura internacional que poderia gradualmente se tornar o núcleo institucional do mundo multipolar.

A Organização de Cooperação de Shangai e suas Funções Geopolíticas

Uma outra estrutura que tem atributos de uma instituição multipolar é a Organização de Cooperação de Shangai (SCO)[84]. Ela é

[84] O site da organização na internet: http://www.sectsco.org/RU/ (data de referência 05.10.2010).

designada como uma forma de consultas permanentes de um número de grandes potências do continente eurasiano em relação aos problemas regionais e desafia considerando cada um deles. A própria ideia da SCO testemunha o confronto multipolar na medida em que é baseada em suposições de que os problemas locais devem ser resolvidos pelos países e sociedades que têm relação direta com eles. Pelo que, as instâncias globais são deixadas de lado.

A Rússia, a China, o Cazaquistão, o Quirquistão, o Tajiquistão e o Uzbequistão participam na SCO como bases permanentes; esses países atualmente estabeleceram essa organização em 2001 depois do Uzbequistão tomar a decisão de entrar no "Cinco de Shangai", formado pela Rússia, China, Cazaquistão, Tajiquistão e Quirquistão, no período de 1996 a 1997, no decurso de assinar um número de acordos pela cooperação militar entre esses países. Com igualdade formal de todos os participantes da SCO, a disparidade de seu potencial é evidente: a China e a Rússia estão na fundação dessa organização e os outros países da anterior união das repúblicas da Ásia Central representam uma "região tampão", onde a presença estratégica russa é tradicionalmente forte e a dos chineses gradualmente surge. A SCO foi atualmente criada para coordenar esses processos e tomar em conta as posições dos países da Ásia Central e também resolver questões técnicas (lutar contra o terrorismo, tráfico de drogas, separatismo, crime organizado, etc.).

A Rússia e a China inequivocamente expressam sua orientação ao mundo multipolar, que também corresponde completamente com as posições dos outros participantes da SCO; portanto, essa organização pode ser considerada uma das instituições multipolares.

É convincente que a Índia, o Irã, o Paquistão e a Mongólia tomam parte aqui como países observadores próximos de todos os grandes Estados que possuem relação direta com a Região Central da Ásia são parte da SCO. Se novamente nos referirmos aos aspectos estratégicos da teoria multipolar, veremos um potencial na SCO em formar uma colisão valorizada da Zona Central, i.e., o quarto polo, que é

crucial para construir a arquitetura quadripolar. A Rússia, o Irá, a Índia e o Paquistão são os principais centros na região da pan-ideia eurasiana. E a China, em troca, é uma apoiadora do multipolarismo e da potência vizinha, da qual a construção do mundo multipolar depende em muitos sentidos. Isto é, na SCO, se assumir que os países observadores participam como bases permanentes, tratamos com um instrumento poderoso da política global, funcionalmente comparável aos BRICs (tanto mais, como três dos quatro países do BRIC estão presentes na SCO), mas tendo um laço ao continente eurasiano.

Mesmo consultas preliminares nas questões privadas em tal composição já torna essa organização em um poder mundial independente. E, em felizes circunstâncias, mantendo exercícios militares conjuntos (como anualmente desde 2007) pode se tornar a base para uma parceria estratégico-militar e quem sabe ainda para a "Aliança Eurasiana" simétrica a do Atlântico Norte (OTAN).

Na SCO, temos mais um exemplo de formalização legal gradual do multipolarismo. E que as declarações oficiais da SCO constantemente negam que essa organização tem um caráter político ou estratégico demonstra que seus líderes têm tentado maximamente adiar o momento de um confronto direto com o mundo globalista e unipolar. É a mesma lógica de negar a explicar o sentido geopolítico e estratégico do "multipolarismo" (que foi discutido previamente).

A Integração da Organização do Espaço Pós-Soviético

Agora, vamos considerar algumas estruturas de integração mais próximas diretamente considerando a Zona Central. A ela pertencem:

- A Comunidade Econômica Eurasiana, abreviada, EurAsEC (Rússia, Bielorrússia, Cazaquistão, Quirguistão e Tajiquistão)[85];

[85] O site da organização na internet: http://www.evrazes.com/ (data de referência 05.10.2010).

- A Organização-Tratado da Segurança Coletiva, abreviada, CSTO (Rússia, Bielorrússia, Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão e Armênia)[86];
- A União Aduaneira (Rússia, Cazaquistão e Bielorrússia)[87];
- Espaço Econômico Unido (Rússia, Cazaquistão, Bielorrússia e Ucrânia);
- A União da Rússia e Bielorrússia[88].

Todas essas organizações fazem sua missão, a nova integração da Zona Central nas novas condições em que eles estão, de qualquer maneira, orientados, em primeiro lugar, pela Rússia e pela recriação da um “Grande Espaço” comum ao redor dela. Tal objetivo e geografia política dos participantes demonstra que essas organizações estão orientadas em criar o mundo multipolar e, especificamente, criar um polo valioso da quarta zona (a pan-ideia eurasiana). Do ponto de vista geopolítico, todas elas são puramente eurasianas por suas propriedades. Por meio do que, se deve noticiar que a filosofia eurasiana da integração tem sido desenvolvida mais brandamente e fragmentária. A única coisa que está além da exceção: os processos de integração dentro dos limites dessas instituições não estão baseadas na expansão direta e territorial da Rússia (como foi no período do Império Russo) ou, o que é evidente, na ideologia comunista (como foi no período soviético).

[86] O site da organização na internet: http://www.dkb.gov.ru/ (data de referência 05.10.2010).

[87] O site da organização na internet: http://www.tsouz.ru/AboutETS/Pages/default.aspx (data de referência 05.10.2010).

[88] O site da organização na internet: http://www.soyuz.by/ (data de referência 05.10.2010).

Portanto, é lógico assumir que dessa vez a filosofia da integração do espaço pós-soviético será diretamente multipolar e eurasiana, i.e., baseada na originalidade cultural, étnica e histórica de cada sociedade que entra de novo no “Grande Espaço” recriado em uma nossa convolução histórica da Zona Central. Certos passos nessa direção são feitos por autoridades políticas do Cazaquistão, cujo presidente, Nurslutan Nazarbaev, claramente confessa pensamentos eurasianos[89]. É ele quem foi o iniciador da criação da maioria das estruturas de integração e, no MSU, em 1994, expressou um projeto ainda mais inovador para criar a 'União Eurasiana” – como uma analogia direta à União Europeia e ainda sugeriu o projeto dessa “Constituição”. No entanto, os outros participantes dessas estruturas, incluindo a Rússia em si mesma, não exibem grandes interesses nesse assunto, o que é de novo (como já temos visto muitas vezes), provavelmente, explanado por relutância em tensionar as relações com os EUA antecipadamente.

Ao mesmo tempo, os EUA perfeitamente pensam que toda o processo de integração no espaço pós-soviético inevitavelmente resulta em reforço da Zona Central e, consequentemente, eles representam uma ameaça para a hegemonia militar americana. Esses medos encontram sua expressão em documentos oficiais das autoridades americanas, tais como “Plano Wolfowitz” insistindo que o principal objetivo da estratégia de segurança dos EUA é prevenir qualquer bloco capaz de seguir uma política independente, sem consideração pelos interesses dos EUA na Eurásia, de aparecer no território da região[90]. Portanto, os EUA

---

[89] Dugin A. Evraziyskaya missiya Nursultana Nazarbaeva, M., 2004.

[90]] Prevent the Reemergence of a New Rival. – National Security Archive. www.gwu.edu 2008. [Electronic resource] URL: http://www.gwu.edu/~nsarchiv/nukevault/ebb245/index.htm (reference date 20.09.2010). Veja também 1992 Draft Defense Planning Guidance. -- www.rightweb.irc 2008. [Electronic resource] URL: http://www.rightweb.irconline. org/profile/1992_Draft_Defense_Planning_Guidance (reference date 20.09.2010).

desenvolveram um sistema de organização alternativa do espaço pós-soviético. Seu sentido foi esse:

- Isolar os países CIS da Rússia;
- Conciliá-los com os EUA e União Europeia;
- Começar o processo de sua integração à OTAN;
- Construir uma coalizão anti-russa no espaço CIS;
- Substituir regimes políticos dos países CIS amigáveis ou, ao menos, neutros, à Rússia por globalistas, pró-ocidente e anti-russos;
- Implantar objetivos militares americanos nos países pró-América.

Com essa proposição, os EUA e, em particular, o fundo do mundialista G. Soros, ativamente provocou "revoluções coloridas" na Ucrânia, Geórgia e Moldávia (algumas tentativas foram feitas na Bielorrússia, Armênia e Quirguistão). E alguns países que acabaram na área de influência atlantista criaram suas próprias coalizões anti-russas – como a GUAM[91] (Geórgia, Ucrânia, Azerbaijão e Moldávia) ou o efêmero "*Democratic Choice Commonwealth*" (declarado por Yuschenko e Saakashvili em 2005 – a Ucrânia, Geórgia, Lituânia, Latvia, Estônia, Moldávia, Eslovênia, Macedônia e Romênia).

Assim, o espaço pós-soviético inteiro foi dividido em áreas *Eurasianas* (integração) e *Atlantistas* (desintegração). Ambas regiões foram incluídas em processos legais e institucionais endereçados a arrumar a estrutura desse espaço em forma jurídica – em aspecto

[91] O site da organização na internet: http://guam-organization.org/ (data de referência 05.10.2010).

unipolar (atlantista, globalista) ou multipolar (eurasiano). Portanto, ao invés de o fato dos processos de integração no espaço pós-soviético e sua formalização institucional ter um caráter local, eles têm uma escala global por sua importância – depois de tudo, isso é referido à realização de uma condição necessária para o mundo multipolar: recriação do espaço político da Zona Central em um volume necessário para se tornar um polo valioso na estrutura quadripolar.

Todas as estruturas de integração do espaço pós-soviético têm um caráter diferente. A EurAsEC representa uma estrutura econômica destinada a unir as economias dos países que a constituem.

A CSTO é uma união político-militar. A União Aduaneira é um mecanismo que realmente funciona somente lançado em 2010 que integra os territórios da Rússia, Cazaquistão e Bielorrússia em uma única área com um sistema completamente idêntico de legislação econômica (dentro dos limites da União Aduaneira, todas as transações, taxas de transporte, etc., são feitos assim para no caso de estarem em um estado unido)

A União da Rússia e Bielorrússia é uma iniciativa aprovada pelas autoridades políticas de ambos países e ratificada pelos parlamentos com fim de criar um único Estado supranacional com um controle de sistema comum, parlamento comum, etc. A União existe legalmente, mas sua realização prática enfrenta uma série de dificuldades.

O Espaço Econômico Unido é uma iniciativa da integração econômica declarada em 2003 pelos presidentes dos quatro países (Rússia, Cazaquistão, Bielorrússia e Ucrânia). Isso difere da EurAsEC e da União Aduaneira com a presença da Ucrânia, para a qual um formato especial foi sugerido, conforme ela estava entrando ao WTO naquele momento e entrou em 2008. A Integração com a Ucrânia foi uma grande dificuldade e não é por acaso que esse país se tornou um membro do bloco anti-russo GUAM. Quando o presidente Kuchma veio à cuidadosa reaproximação com Moscou em 2003, as forças pró-ocidentais

(apoiadas pelos EUA) realizaram a “Revolução Laranja”, cujo objetivo foi, em particular, vigiar a entrada da Ucrânia na UES.

Assim, a institucionalização das iniciativas de integração no espaço pós-soviético, como podemos ver, não tem um caráter local, mas global, conforme seu sucesso bruscamente aumentou as chances de se criar um sistema multipolar e sua falha, pelo contrário, reforça as posições dos proponentes da hegemonia a globalismo Americano.

Capítulo 6: O Mundo Multipolar e a Pós-Modernidade

§ 1 Multipolarismo como uma Visão do Futuro e a Terra Pós-Moderna

Multipolaridade Como um Novo Conceito de Quebra de Paradigmas

A Teoria Multipolar representa um único sentido que não pode ser qualificado simplesmente em termos de “progresso" / "conservadorismo”, "velho" / "novo”, ”desenvolvimento” / “estagnação”, etc. A visão unipolar da história e, correspondentemente, a perspectiva globalista imagina o processo histórico como um movimento linear do pior para o melhor, do subdesenvolvido para o desenvolvido, etc. Nesse caso, a globalização é vista como um horizonte do futuro universal e tudo que impede a globalização – como uma inércia do passado, atavismo ou esforço para preservar o “*status quo*” a todo custo. Em virtude de tal percepção, o globalismo e “O Poder Marítimo” estão também tentando interpretar o Multipolarismo, interpretado exclusivamente como uma posição conservadora se opondo a “mudança inevitável”. Se a globalização é o Pós-Moderno (a sociedade global), o Multipolarismo aparece para ser a resistência ao Pós-Modernismo (contendo elementos do Modernismo e até mesmo do Pré-Modernismo).

Mas, de fato, é possível considerar as coisas sob um ângulo visual diferente e pôr de lado os dogmatismos do progresso linear[92] (ou

[92] Alain de Benoist. Protiv liberalizma. SPb, 2009.

“processo monótono"[93]). A ideia de tempo como categoria sociológica em que a filosofia do Multipolarismo se baseia, ajuda a interpretar o paradigma geral do Multipolarismo em um sistema coordenado absolutamente diferente.

O Multipolarismo em comparação com o unipolarismo e o globalismo não é apenas um apelo ao velho ou um chamado para preservar tudo como é. O Multipolarismo não insiste tanto na preservação dos estados nacionais (o mundo de Vestfália) ou na restauração do modelo bipolar (o mundo de Yalta), ou congelando esse estado transitório, onde hoje a vida internacional permanece.

O Multipolarismo é uma olhada no futuro (tal como ainda nunca foi), um projeto de organização e uma ordem mundial absoluta sobre novos princípios e elementos, uma séria revisão dos axiomas nos quais a modernidades se sustenta – nos sentidos ideológicos, filosóficos e sociológicos.

O Multipolarismo, assim como o unipolarismo e a globalização, é orientado para construir o que nunca houve antes, para o esforço criativo do espírito livre, a busca filosófica e esforço para construir uma sociedade melhor, mais absoluta, justa, harmoniosa e feliz. Mas o caráter dessa sociedade, seus princípios e valores e também os métodos para construir sua fundação são vistas apenas radicalmente diferente (do que entre globalistas). Multipolarismo vê um futuro múltiplo, variativo, diferenciado, dissimilar, preservando um amplo leque de escolhas de auto-identificação (coletiva e individual) e também nuances de sociedades limítrofes com interferência de diferentes matrizes de identificação. Este é um modelo de "complexidade florescente" do mundo, onde uma infinidade de lugares combina com uma infinidade de tempos, onde atores coletivos e individuais de múltiplas escalas se engajam em um diálogo, descobrindo e, às vezes, transformando suas identidades no decorrer de tal diálogo. A cultura, a filosofia, política,

[93] Dugin A. Protiv modernizacii// Odnako, 2010. №10 (26).

economia e tecnologia ocidental são vistas nesse mundo futuro para serem apenas alguns dos fenômenos locais e de modo algum para exaltar a cultura, filosofia, política, economia e tecnologia das sociedades asiáticas e tribos arcaicas. Todos nós acreditamos que as diferentes formas de etnias, povos, nações e civilizações são variações equitativas de "*sociedades humanas*" ("*Menschliche Gesellschaft*"[94]), algumas são "desencantadas" (M. Weber) e materialmente desenvolvidas, outras são pobres e simples, porém, "encantadas" (M. Eliade), sagradas, vivendo em harmonia e equilíbrio com o ambiente.

O Multipolarismo aceita as duas, qualquer escolha que uma ou outra sociedade faz, mas qualquer escolha se torna sensível apenas em vincular no espaço e um momento histórico e, portanto, continua a ser local. A cultura mais ocidental, percebida como algo local, pode contemplar e suscitar satisfação, mas um pedido de universalismo e de separação do contexto histórico torna isso um simulacro, em um quase ocidente, em um desenho animado e cafona. Assim, em certa medida, aconteceu com a cultura americana, onde é fácil reconhecer a Europa, mas esta Europa é hipertrófica, esterilizada, desprovida de harmonia e proporções internas, charme e tradição - a Europa como um projeto universalista, não orgânico, embora complexo, paradoxal, dramático, trágico e historicamente contraditório e espacial.

Multipolarismo como o Pós-Modernismo

Se nos referirmos ao passado, facilmente descobrimos que o mundo multipolar, a ordem internacional baseada no princípio do multipolarismo, nunca existiu.

O Multipolarismo é, portanto, exatamente um projeto, plano e estratégia do futuro e não uma inércia ou mera resistência lenta à globalização. O Multipolarismo observa o futuro, mas o vê de uma

94 Thurnwald R. Die menschliche Gesellschaft in ihren ethno-soziologischen Grundlagen, 5 B. Berlin: de Gruyter, 1931-1934.

maneira radicalmente diferente dos defensores da unipolaridade, universalismo e globalização e se esforça para fazer com que essa visão se torne realidade.

Estas considerações demonstram que, em certo sentido, o multipolarismo é também o pós-modernismo (e não o modernismo ou o pré-modernismo), mas apesar disso, diferente do Pós-Modernismo globalista e unipolar. E nesse sentido em especial, a Filosofia Multipolar concorda que a ordem mundial atual e também a de antigamente (nacional ou bipolar) é imperfeita e exige mudanças radicais. O mundo Multipolar não é uma afirmação do Segundo e Terceiro *nomos* da Terra, por C.Schmitt, mas uma batalha para o Quarto nomos, o qual deve vir no lugar do presente e do passado.

Sendo assim, o Multipolarismo não é a rejeição do pós-modernismo, mas o estabelecimento de um pós-modernismo radicalmente diferente da versão sugerida pelos globalistas e proponentes do mundo unipolar; Diferente em relação à versão dominante neoliberal e em relação à crítica posição antiglobalista e alterglobalista, sendo baseada sobre o mesmo universalismo e neoliberalismo, porém apenas com o símbolo inverso. O Pós-Modernismo Multipolar, portanto, representa alguma coisa diferente do Modernismo, ou do Pré-Modernismo, ou do globalismo neoliberal, ou do Imperialismo Americano e do esquerdismo antiglobalismo e alterglobalismo. Entretanto, no caso de formalização do Multipolarismo em uma ideologia sistematizada, a conversa deriva exatamente da "Quarta Teoria Política". A Ideia Multipolar reconhece que os Estados nacionais não correspondem com os desafios da história e, além disso, eles são apenas uma fase preparatória da globalização.

E, portanto, suporta os processos de integração em regiões específicas, insistindo de modo que suas fronteiras consideram peculiaridades civilizacionais das sociedades historicamente desenvolvidas nesses territórios. Esta é uma característica bem pós-moderna. A Ideia Multipolar leva em conta que a significância dos

novos atores não-estatais deve aumentar na política internacional.

Mas estes atores históricos devem ser antes de tudo, sociedades orgânicas originais historicamente desenvolvidas (tais como etnias), possuindo um elo com o espaço o qual se deve ouvir muito melhor do que antes. Isso também é um traço pós-moderno.

A Ideia Multipolar recusa das universais "Grandes Narrativas" (histórias), o Logocentrismo europeu, hierarquias de poder rígidas e o patriarcado normativo assumível. Ao invés disso, aprova o valor do local, multivariedade e identidades assimétricas, refletindo o espírito de cada cultura específica, qualquer que seja, mesmo que pareça estranha e execrável para o resto. E isso também é uma característica pós-moderna. A ideia multipolar rejeita a abordagem mecanicista da realidade, a divisão de Descartes em sujeito e objeto ao afirmar a integridade, o holismo e a abordagem integral para o mundo - orgânica e equilibrada, mais baseada na geometria "da natureza "(B. Mandelbrot) do que na "geometria da máquina". Essa produção ecológica do Mundo Multipolar sai do conceito de "subjugação da Natureza" (F. Bacon) e transita para "um diálogo com a natureza". Isso é muito mais uma característica pós-moderna.

O Multipolarismo Pós-Moderno contra o Unipolarismo Pós-Moderno (Globalismo/Antiglobalismo)

Mas quando a conversa deriva para a medida das coisas no mundo do futuro, contradições graves começam entre a Teoria Multipolar e o Pós-Modernismo. O Pós-Modernismo Liberal e Neomarxista operam com os conceitos básicos do progresso "individual" e linear, concebido na perspectiva da "libertação do indivíduo" e, na última etapa, na perspectiva da "libertação do indivíduo" e de transição para o pós-homem, um *cyborg*, mutante, rizoma, clone. Além disso, é o princípio da individualidade o qual considera universal. Aqui, a Ideia Multipolar diverge bruscamente com

a linha principal do Pós-Modernismo e postula a sociedade[95], a personalidade coletiva, a consciência coletiva (E. Durkheim) e o inconsciente coletivo (C. G. Jung), no centro das coisas. A sociedade é uma matriz da existência; cria indivíduos, povos, línguas, culturas, economias, sistemas políticos, tempo e espaço. Mas não há apenas uma sociedade, há muitas sociedades existentes. E elas são incomensuráveis umas com as outras. O indivíduo tornou-se "a medida das coisas" de forma tão absoluta e realizada apenas em um tipo de sociedade (Europa Ocidental). E nas outras sociedades, não. E ele não se tornará, porque eles estão estruturados de uma maneira absolutamente diferentes. E deve-se reconhecer um direito inalienável a cada sociedade - ser de tal forma que se queira criar a realidade pelos próprios exemplos, atribuindo ao indivíduo e ao homem o valor superior, ou sem atribuir valor algum.

O mesmo diz respeito ao "progresso". Uma vez que o tempo é um fenômeno[96] social, ele é estruturado de uma maneira diferente em cada sociedade. Em algumas sociedades, o progresso em si aumenta o papel de um indivíduo na história e em outras não. Portanto, a predestinação em relação ao individualismo e a pós-humanidade na escala de todas as sociedades da Terra não é nada. Provavelmente, esse é o destino do Ocidente, já que ele está conectado com a lógica de sua história. Mas isso tem uma relação colateral para outras sociedades e nações e, se ainda presente na cultura, isto é, como uma regra, sob a forma de percepções coloniais externamente impostas, paradigmas alienígenas para as próprias sociedades locais. Mas é o universalismo colonial imperialista do Ocidente que é o principal adversário do Ideal Multipolar. Utilizando os termos da geopolítica, pode-se dizer que o Multipolarismo é a versão da Terra, continental e telurocrática do Pós-

---

[95] Dugin A. The sociology of the imaginary. The introduction into the structural sociology. M., 2010

[96] Ibid.

Modernismo, ao passo que o Globalismo (bem como o antiglobalismo) é a sua versão do mar, talassocrática.

§ 2 Teorias do Multipolarismo e Globalismo

O Multipolarismo contra a Política Global

A partir da posição do Multipolarismo, vamos considerar agora as teorias básicas da globalização e relacioná-las entre si. A Teoria do Mundo Político - J. Meyer, J. Boli, etc, presumindo a criação de um estado global integrado, com o apoio dos cidadãos individuais, é maximamente oposto ao multipolarismo e representa sua antítese formal. Assim, bem como as teses do "fim da história" (rápida ou gradual) por F. Fukuyama e todos os outros projetos rigidamente globalistas e unipolares descrevem o futuro contrariando completamente o Multipolarismo como sendo desejável e provável. Neste caso, entre o Multipolarismo e a teoria da globalização, existe uma relação de mais e menos, preto e branco, etc, ou seja, um antagonismo radical ultimativo. Ou o "O Estado Mundial" ou o Multipolarismo.

O Multipolarismo e a Cultura Global (em Defesa da Localização)

O caso é mais difícil com a Teoria da Cultura Mundial - R. Robertson e também com os conceitos "transformacionistas" (E. Giddens, etc.). As avaliações críticas da globalização, no espírito de S. Huntington, também podem ser referidas aqui. Nessas teorias, eles analisam o equilíbrio de duas tendências - a universalização (globalismo puro) e localização (R. Robertson), ou o aparecimento de novos contornos civilizacionais (S. Huntington). Se a atitude da Teoria Multipolar para a universalização é inequivocamente antagônica, uma série de fenômenos, manifestando-se apenas no curso da globalização como seu efeito secundário, pode, ao contrário, ser avaliada positivamente. O enfraquecimento do contexto sociopolítico dos estados nacionais nas teorias desse sentido é demostrada a partir de dois lados:

parcialmente, as suas funções são transferidas para as instâncias globais e, parcialmente, elas acabam nas mãos de alguns novos, atores locais. Por outro lado, também por causa da fragilidade e frouxidão dos estados nacionais, um fator civilizacional e religioso assume ainda mais importância. É este conjunto de fenômenos, acompanhando a globalização em fatos e sendo as conseqüências do enfraquecimento dos modelos de ordem mundial anteriores (estadual e ideológico), que merecem atenção e devem se tornar elementos positivos da Teoria Multipolar.

Os efeitos secundários da globalização regressam as sociedades a um espaço específico, cultural e, ocasionalmente, de contexto religioso. Isso significa um reforço do papel da identidade étnica, um aumento da importância do fator confessionário e aumentou a atenção para as comunidades e problemas locais. Se resumindo esses fenômenos, eles podem ser bem compreendidos como posições estratégicas da Ordem Mundial Multipolar, que devem ser corrigidos, fixados e sustentados. No âmbito da "glocalização" descrita por Robertson, o Multipolarismo está interessado em "localização", sendo completamente solidário com isso. Robertson mesmo acredita que os processos de "glocalização" não são predeterminados e podem oscilar de um lado para outro. Aceitando essa análise, os adeptos do Mundo Multipolar devem conscientemente aplicar esforços para que os processos oscilem para o lado "local" e sobreponham o "global".

Conclusões Multipolares da Análise da Teoria do Sistema Global

A Teoria do Sistema Mundial por I. Wallerstein é interessante para a Teoria Multipolar pelo fato de descrever adequadamente o algoritmo econômico, político e sociológico da globalização. "O Sistema Mundial", por Wallerstein, representa a elite capitalista global, agrupando em torno de "O Núcleo", mesmo que seus representantes venham da "periferia" dos países. "O proletariado mundial" que gradualmente transita da identidade nacional para a classe

(internacional), personifica a "periferia" não apenas geograficamente, mas também socialmente. Estados nacionais não são mais do que lugares onde o mesmo processo mecânico ocorre – o enriquecimento de oligarquias e sua integração no supranacional (global) "Núcleo" e a pauperização das massas, gradualmente fundindo-se com as classes trabalhadoras de outras nações no curso dos processos migratórios.

Do ponto de vista da Teoria Multipolar, essa análise, correta em seu conjunto, não considera o fator cultural e civilizacional (essa desconsideração inerente para o marxismo como um todo, sendo antes de tudo confundido com a divulgação da mecânica econômica da organização da sociedade) e também geopolítica. No mundo atual, entre "Núcleo" e "periferia" situa-se "O Segundo Mundo", ou seja, formações de integração regional ("Espaços Grandiosos"). Sob a lógica de I. Wallerstein, a existência delas não muda nada na estrutura geral do sistema mundial e representa apenas um passo na direção da globalização completa – a integração das elites, "O Núcleo" e a "internacionalização das massas" entram nelas ainda mais rapidamente do que no contexto dos Estados nacionais.

Mas, sob a lógica da Teoria Multipolar, a presença do "Segundo Mundo" muda radicalmente isso tudo. Entre as elites e as massas das estruturas de integração dentro dos limites do "Segundo Mundo" pode surgir outro modelo de relações além da previsão da análise liberal ou marxista. S. Huntington chamou isso de "modernização sem ocidentalização"[97]. A essência desse fenômeno é que, obtendo a educação ocidental e dominando as tecnologias ocidentais, as elites dos países periféricos geralmente agem da seguinte maneira: eles não se integram na elite global, mas retornam à sua sociedade, confirmam a socialização e a identidade coletiva e colocam as habilidades dominadas a serviço de seus países, não seguindo o Ocidente e até mesmo se

---

[97] Huntington Samuel P. The Clash of Civilizations and the Remaking of the World Order. New York: Simon and Schuster, 1996.

opondo a ele. Devido ao fator da identidade cultural (geralmente a religião), a filiação civilizacional acaba por ser mais forte do que o algoritmo universalista previsto na tecnologia bem modernizada e o meio que a gerou.

Definitivamente, o processo de estratificação das sociedades e a ocidentalização da elite descrita por Wallerstein tomam lugar, mas há também um processo diferente – o de "modernização sem ocidentalização". A "modernização sem ocidentalização” e também a integração regional sem integração global representam uma tendência que o próprio I. Wallerstein ignora, mas é a sua análise que permite ver e claramente descrever isso. Para a Teoria Multipolar, isso se torna um elemento muito importante e a tese do programa.

Como para o horizonte global todas as sociedades têm de lidar com isso agora de acordo com maioria das teorias da globalização, a Teoria multipolar pode propor os seguintes princípios. A completude autêntica e a integridade do mundo são apreendidas no local, não na experiência global, mas de tal modo que é distinta da experiência comum, que é orientada ao contrário. Heidegger a chamou de "autêntica existência de *Dasein*"[98]. Compreender o mundo como um todo só pode ser possível através da modificação da existência, não por meio da acumulação habitual de novos dados, expressões, reuniões, conversas, informações e conhecimento. Segundo Heidegger, o homem é estimulado ao estudo de novos lugares e paisagens pela fuga da existência genuína, personificada na figura de “*das Man*”, ou seja, impessoal, mediana, base uniforme, substituindo por si só uma experiência genuína de existência e dissolvendo a concentração da consciência em "curiosidade" e "fofoca" (como nas duas formas de existências não autênticas)[99]. Quanto mais simples são as comunicações

---

[98] Dugin A. Martin Heidegger and philosopgiya drugogo nachala. M., 2010

[99] Heidegger called globalism with the term “Planeter Idiotism” having in mind the original Greek meaning of the word ιδιοτες that implies a polis inhabitant deprived of

no mundo global, mais não fazem sentido. Quanto mais saturada dos fluxos de informação são, menos as pessoas são capazes de raciocinar e decodificar o seu significado. Portanto, a globalização nada faz para contribuir para a aquisição de experiências do mundo todo, pelo contrário, engana a partir disso por dispersar a atenção em uma série infinita de fragmentos sem sentido, partes, não sendo atributos de algum conjunto, ou seja, peças como eles próprios. O horizonte global não é alcançado na globalização - é compreendido em uma profunda experiência existencial de um lugar.

Portanto, as diferentes sociedades não colidem com o horizonte global, mas com o desafio do globalismo como ideologia e na prática atacando todos e esse desafio é, na verdade, sentido em toda parte. A Teoria Multipolar reconhece o universalismo desse desafio, mas leva em conta que ele deve ser repelido universalmente - como uma catástrofe, desastre ou tragédia.

O horizonte do globalismo é concebido como algo que deve ser derrotado, superado, abolido. Cada sociedade vai fazê-lo em sua própria maneira, mas a Teoria Multipolar sugere generalizar, consolidar e coordenar todas as formas de resposta negativa para o desafio da globalização. Tão global quanto o desafio da globalização deve ser a sua rejeição, mas a estrutura dessa rejeição, de modo a ser plenamente desenvolvida, independente e prospectiva deve ser multipolar e sugerir um claro e distinto projeto que deve ser colocado no lugar da globalização.

---

civil identity, i.e., of affiliation to a phyle, caste, trade, cult, etc. See Dugin A. Martin Heidegger and philosopgiya drugogo nachala. Op. cit.

§ 3 Um Veneno em uma Cura

Sobrecarregando o Tigre da Globalização: a Rede Multipolar

A construção das demandas do Mundo Multipolar desenvolve uma atitude especial frente todos os aspectos básicos do processo de globalização. Vimos que, apesar do Multipolarismo se opor à unipolaridade e globalização, a questão não é apenas sobre rejeição de todas as transformações da modernidade, mas sobre como selecionar o rumo Multipolar para essas transformações, influenciá-las e dirigir para o padrão visto como desejável e ideal. Portanto, o Multipolarismo em certas situações não serve tanto para se opor frontalmente à globalização quanto para *recapturar a iniciativa*, permitir que os processos sigam adiante por uma nova trajetória e transformem "um veneno em uma cura" ("selar o tigre[100]", de uma expressão da tradição chinesa). Essa estratégia repete a lógica de "modernização sem ocidentalização", mas de um nível mais generalizado e sistematizado. Algumas sociedades separadas irradiaram na cultura regional tecnologias Ocidentais emprestadas, de modo a fortalecerem a si mesmos e repelir a pressão do Ocidente em certas condições.

O Multipolarismo sugere compreender essa estratégia como um sistema que pode servir como um algoritmo geral para as sociedades mais diferentes. Vamos dar alguns exemplos de tal reinterpretação dos aspectos do globalismo separado na visão multipolar.

Tomemos a rede e o fenômeno espacial da rede. Por si só, esse fenômeno não é neutro, mas representa o resultado de uma série de transformações graduais na compreensão sociológica do espaço no contexto do "Poder do Mar" no caminho da diluição cada vez maior do veículo de informação – do mar através do ar para a infosfera. Junto com isso, a rede representa uma estrutura que percebe a presença das relações entre os elementos do sistema e não no orgânico, mas de uma

[100] Evola J. Cavalcare la tigre. R, 2001.

forma mecânica. A rede pode ser construída entre elementos individuais separados, inicialmente, por meios não ligados uns com os outros e não tendo nenhuma identidade coletiva comum. E, finalmente, no fenômeno da rede é estabelecida uma perspectiva de superar o humano e uma pista para o pós-humano, se enfatizando o próprio funcionamento da auto-organização de sistemas onde a centralidade do homem torna-se cada vez mais e mais relativa (N. Luhmann , M. Castells, etc.) Desse ponto de vista, a rede representa uma realidade que é cardinalmente "Mar", atlantista e globalista.

Mas na geopolítica clássica, podemos ver que o suporte da Terra e do Mar não está tão ligado com a presença de um ou outro elemento como com conclusões sociológicas, culturais, filosóficas e só então estratégicas que diferentes sociedades tiram a partir de um contato com o mar. C. Schmitt enfatiza[101] que, apesar de criar um império global baseado em navegações, a sociedade espanhola continuou preservando estritamente a sua identidade da terra, o que também se manifestou, sobretudo, na organização social das colônias e na diferença entre o destino da América Latina e a América Anglo-Saxã. A presença da navegação desenvolvida não torna uma potência necessariamente marítima no sentido geopolítico desse termo. Além disso, o objetivo do poder terrestre e, em particular, da Zona Central é obter o acesso aos mares, romper o bloqueio de controle dos bancos na parte da talassocracia e começar a competir com ela no seu próprio elemento.

Exatamente a mesma é a situação com o espaço da rede. O campo Multipolar precisa dominar a estrutura dos processos de rede, as suas tecnologias, aprender as regras e regularidades do comportamento da rede, obter a possibilidade de realizar os seus objetivos e metas deste novo elemento. O espaço da rede abre novas possibilidades para os atores menores: afinal de contas, os locais de um grande nível planetário

---

[101] Schmitt C. Die planetarische Spannung zwischen Ost und West (1959)/Schmittiana – III von prof. Piet Tommissen. Brussel, 1991.

TNC, uma grande potência ou um indivíduo controlando minimamente habilidades de programação não são de maneira alguma diferentes um do outro e, num certo sentido, eles parecem estar em condições semelhantes. O mesmo é justo para as redes sociais e *blogs*. O código de difusão dos bancos da globalização em uma multidão de participantes da rede vai de uma forma ou de outra instalá-los em um contexto, cujos parâmetros básicos serão controlados pelos proprietários de servidores físicos, registradores de nomes de domínios, provedores e monopolistas de *hardware*.

Mas nas teorias antiglobalistas por Negri e Hardt, vimos como os teóricos anarcoesquerdistas sugerem transformar essa circunstância para os seus interesses durante a preparação de uma “rebelião das multidões", um chamado para derrubar o controle do “império"[102]. Algo analógico também pode ser sugerido na perspectiva Multipolar. Mas a questão não é sobre sabotagem caótica com "multidões" de requisitos estabelecidos pelos globalistas, mas sobre a construção da rede virtual de civilizações, amarrada a um lugar histórico e geográfico específico e possuindo um código cultural comum. Uma civilização virtual pode ser considerada uma projeção de uma civilização como tal no meio de rede, assumindo que na consolidação há exatamente aquelas linhas de força e percepções de identificação que são dominantes em um meio cultural correspondente. Este já é utilizado por diferentes forças religiosas, étnicas e políticas de modo algum globalistas e até mesmo antiglobalistas, coordenando suas atividades com a ajuda de instrumentações diferentes da rede de *internet* e também propagando suas ideias e opiniões.

Os domínios nacionais e o desenvolvimento da rede de comunicações em sistemas de linguagem local são outra forma. Com a operação eficaz neste meio, isso pode contribuir para o reforço da identidade cultural do jovem, naturalmente ponderável às novas

[102] Michael Hardt and Antonio Negri, Empire, Harvard University Press, 2000.

tecnologias.

O exemplo da "*Internet* Chinesa", onde o acesso a certos tipos de *sites* são legalmente e fisicamente limitados, pois podem, na opinião de alguns peritos governamentais chineses, prejudicar a segurança da sociedade chinesa - na política, no campo social ou moral, demonstra que, em alguns casos, puramente restringir medidas também exerce um efeito positivo para o reforço do Multipolarismo.

A rede global pode se transformar em uma rede Multipolar, isto é, em um conjunto de "continentes virtuais" que se cruzam mas são independentes. Assim, em vez da rede, irão aparecer redes, sendo cada qual uma expressão virtual de um espaço qualitativo específico. Todos juntos, estes continentes podem ser integrados em uma rede multipolar comum, diferenciada e moderada no chão do paradigma da rede multipolar. Eventualmente, o conteúdo do que está na rede não é nem mais nem menos do que uma reflexão das estruturas da imaginação humana[103]. Se percebendo estas estruturas de forma multipolar, ou seja, como aquelas que apenas fazem sentido em um determinado espaço histórico qualitativo, não é difícil imaginar o que a *internet* (ou seu futuro análogo) poderia ser no mundo multipolar.

E em um nível prático, já em condições atuais, uma rede pode ser considerada um meio de consolidar grupos sociais ativos, personalidades e sociedades sob a égide de promover o Multipolarismo, ou seja, a construção gradual da rede Multipolar.

Guerras da Rede do Mundo Multipolar

As guerras de rede são mais um fenômeno do período de globalização. Também é necessário estar armado com a metodologia da rede de guerras – as duas em comum no aspecto teórico e na aplicação - por construir o Mundo Multipolar. Nesse sentido, a adaptação do

---

[103] Dugin A. The sociology of the imaginary. The introduction into the structural sociology. M., 2010.

Princípio de Rede Central pela reorganização das Forças Armadas da Federação Russa representa uma decisão absolutamente justificada, destinada a reforçar as posições da Zona Central e aumentar o desempenho do exército que é um dos principais elementos na configuração multipolar.

O Princípio da Rede Central da guerra tem alguma técnica e aspectos principais. O equipamento de unidades separadas do Exército Russo, com atributos da rede (dispositivos de rastreamento, operativo de comunicação duas-vias e meios técnicos interativos, etc) é um lado evidente por si mesmo da questão, não exigindo qualquer fundamento especial geopolítico. Muito mais importante é considerar outro aspecto, mais comum da rede de guerras.

Uma rede de guerra, tal como aparece nas transações dos teóricos, é travada constantemente e em todas as direções - contra os inimigos, aliados e forças neutras. Exatamente da mesma forma, as operações de rede devem ser desenvolvidas em todas as direções e na parte do centro (ou alguns centros) para a construção Mundo Multipolar. Se assumirmos que o ator em busca de uma guerra de rede não é um estado, mas uma instância visando a criação do Mundo Multipolar (como os alvos da guerra de rede norte-americanos para estabelecer o mundo unipolar) veremos que travar essa guerra a partir de polos diferentes (por exemplo, Rússia, China, Índia, Irã, etc) vai criar interferências e ressonâncias, multiplicando o reforço da eficácia das estratégias de rede. Ao construir o mundo multipolar, cada polo está interessado em reforçar os outros polos, mas no enfraquecimento da hegemonia global da hiperpotência. Assim, uma guerra de rede do Mundo Multipolar pode representar uma estrutura de convergência do esforço espontâneo e então ser extremamente eficaz. O reforço da China é benéfico para a Rússia. A segurança do Irã é benéfica para a Índia.

A independência do Paquistão em relação aos EUA vai redundar positivamente sobre a situação no Afeganistão e na Ásia Central, etc. Ao se dirigir fluxos de rede, informação e imagem,

aplicado na forma multipolar, em todas as direções, uma guerra de rede pode tornar-se extremamente eficaz, sendo direcionada de modo a assegurar os interesses de um ator da Ordem Mundial Multipolar, que funcionará automaticamente para os interesses de outro. Nesse caso, a coordenação deve ser apenas no nível mais superior - no nível de representantes dos países no clube multipolar (como regra, esses são os chefes de estados), aonde o paradigma multipolar comum vai exatamente ser coordenado. E os processos de guerra de rede trarão a estratégia comum para a vida.

O segundo momento importante da teoria da Guerra de Rede Central está em enfatizar a sensibilidade aumentada às condições iniciais. A partir desse ponto começa um possível conflito e qual posição os países participantes ocupam e em quais meios de informação isso acontece pode vir a ser decisivo para o seu resultado. Portanto, atenção de maior prioridade deve ser dada à preparação do meio - o local e o global. Se a correlação de forças, a computação das consequências dos vários passos no campo da informação e também a preparação preliminar para a garantia da imagem são feitas corretamente, isso pode tornar uma situação de conflito impossível pela persuasão de um potencial adversário quanto ao desespero de resistência ou de uma escalada armada. Trata-se da guerra tradicional, bem como as guerras de informação onde a luta é travada pela influência sobre a opinião pública.

Portanto, os países, declarando a sua orientação para o Multipolarismo, podem e devem usar ativamente teorias e práticas de operações da rede central para seus interesses. Os teóricos das guerras de rede os consideram bastante como sendo um instrumento estratégico fundamental para travar uma guerra com as condições Pós-Modernas. O Multipolarismo assume o desafio da Pós-Modernidade e começa uma batalha pelo o Pós-Moderno. Operações da Rede Central representam um dos territórios mais importantes para empreender esta batalha.

Outro exemplo onde uma estratégia de transformar "um veneno em cura" pode ser seguida é o fenômeno do caos. O Caos cada vez mais freqüentemente figura em textos de geopolítica moderna[104], bem como nas teorias da globalização. Os defensores da abordagem unipolar rígida (como S. Mann[105]) sugerem a manipulação do caos em favor do "*The Core*" (ou seja, os EUA). Os antiglobalistas e pós-modernistas acolhem o caos no sentido literal – como anarquia e desordem. Outros autores tentam ver brotos de ordem na realidade caótica, etc.

A abordagem multipolar trata o problema do caos como se segue:

Primeiro, o conceito mitológico de "caos", como condição oposta a "ordem", é um produto da cultura predominantemente grega (ou seja, europeia). Essa oposição é inicialmente baseada sobre a exclusividade da ordem e, subsequentemente, como a filosofia desenvolve e a ordem é identificada com a racionalidade, o caos foi inteiramente transformado em um conceito puramente negativo, sinônimo de irracionalidade, escuridão e inanidade. Mas também é possível abordar esse problema de outra maneira, num sentido menos exclusivista. E então, o caos vai se descobrir para nós como uma instância não opondo a ordem, mas precedendo a sua tensa expressão lógica. O caos não é sem sentido, mas uma matriz de onde o sentido é gerado[106]. Na cultura da Europa Ocidental o caos é o "mal" não ambíguo, mas em outras culturas – de modo algum. O Multipolarismo rejeita considerar que a cultura europeia ocidental deve ser a universal e, portanto, o caos por si só perde sua imagem negativa não ambígua, bem

---

[104] Ramonet I. Géo-politique du chaos. Paris: Galilée, 1997; Idem. Guerres du xxie siècle - Peurs et menaces nouvelles. Paris: Galilée, 2002

[105] Mann St. R. Chaos Theory and Strategic Thought//Parameters. 1992. Autumn. № 55.

[106] Dugin A. Martin Heidegger and the possibilty of the Russian Philosophy. Op. cit.

como a ordem correlacionada com ele faz da sua imagem positiva.

O Multipolarismo não raciocina em termos de caos ou ordem, mas cada vez mais exige explicações – que caos e que ordem, e que sentido de um ou outro termo tem em uma cultura específica. Nós sabemos aproximadamente como o caos e a ordem são compreendidos pela cultura ocidental. Mas como, por exemplo, o chinês compreende isso? Na verdade, a ideia do "*Tao*" crucial para a filosofia chinesa ("O Caminho") é descrita em muitos textos em termos que surpreendentemente lembram as descrições do caos. Portanto, a abordagem multipolar relata que o entendimento do caos e ordem deve ser amarrado a uma civilização e essa não pode ser em absoluto apenas a civilização Ocidental.

Primeiramente, muitas vezes os globalistas entendem como "caos" no sentido geopolítico o que não entra em suas percepções de estruturas ordenadas sociopolíticas e econômicas e o estabelecimento dos valores globais e "universais", em sua opinião. Nesse caso, tudo de valor para a construção do Mundo Multipolar, insistindo em outras formas de identidade e, conseqüentemente, tendo em si as sementes da Ordem Multipolar, cai dentro da classe de "caos". Nesse caso, o "caos" é um suporte para construir o Mundo Multipolar e sua origem vivífica.

E, finalmente, o caos como desordem pura ou processos espontâneos fracamente organizados que ocorrem em uma sociedade também pode ser considerado da posição do Multipolarismo. Se uma situação caótica (conflito, perturbação, colisão, etc) surge de forma natural ou artificial, é necessário aprender a controlá-la, ou seja, dominar a arte da moderação do caos. Como contra estruturas ordenadas, os processos caóticos não se prestam à simples lógica, mas isso não significa que eles não têm nada disso. O caos não tem lógica, mas é mais complexo e abrangente do que os algoritmos de processos não-caóticos. Ao mesmo tempo, presta-se à pesquisa científica e é ativamente estudado por físicos e matemáticos modernos. Do ponto de

vista de aplicação geopolítica, pode tornar-se um dos instrumentos eficazes pela construção do Mundo Multipolar.

Aliança Revolucionária Global

(Manifesto)

(Programa, Princípios, Estragégia)

Insatisfeitos de todo o mundo, uni-vos!

Parte 1 - Situação do fim

1. Vivemos no final de um ciclo histórico. Todos os processos que constituem o sentido da história chegaram a um impasse lógico.

O fim do capitalismo: O desenvolvimento do capitalismo chegou ao seu limite natural. Há somente uma coisa deixada para o sistema econômico mundial – entrar em colapso no abismo. Baseado em um aumento progressivo das instituições puramente financeiras, bancos em primeiro lugar e, em seguida, estruturas de ações mais complexas e sofisticadas, o sistema do capitalismo moderno, completamente divorciado da realidade, a partir do equilíbrio da oferta e da procura, a partir de relação de produção e consumo, a partir da conexão com uma vida real. Toda a riqueza do mundo está nas mãos da oligarquia financeira mundial através das manipulações complicadas com a construção de pirâmides financeiras. Essa oligarquia desvalorizou não somente o trabalho, mas também o capital ligado ao mercado fundamental, garantiu uma renda financeira e todas as outras forças econômicas entraram em cativeiro para essa elite ultraliberal impessoal e transnacional.

Independentemente de como nos sentimos sobre o capitalismo, é claro agora que não está apenas passando por uma crise, mas está à

beira de um colapso total do sistema inteiro. Não importa o quanto a oligarquia mundial tenta esconder o colapso em curso das massas da população mundial, mais e mais pessoas começam a suspeitar que isso é inevitável e que a crise financeira global causada pelo colapso do mercado hipotecário estadunidense e dos principais bancos é apenas o início de uma catástrofe global. Essa catástrofe pode ser atrasada, mas não pode ser prevenida ou evitada. A economia mundial, na forma em que opera agora, está condenada.

O fim dos recursos: Na atual situação demográfica, levando em conta o crescimento constante da população mundial (especialmente dos países do terceiro mundo), a humanidade está perto de esgotar os recursos naturais, necessários não apenas para manter os níveis atuais de consumo, mas para a simples sobrevivência em nível mínimo. Os limites do crescimento são alcançados e a fome global, privação, epidemias e morte estão na agenda. Esse planeta não pode mais manter a vida de tal número de pessoas. Assim, nos deparamos com a catástrofe iminente demográfica. Quanto mais nascem hoje, mais terão que ser exterminados amanhã. Esse dilema não tem solução. Mas fingir que isso não existe é preparar o pior cenário de massacre mundial por recursos e de extermínio de grande parte da humanidade pelas próprias mãos.

O fim da sociedade: Sob a influência do padrão ocidental e americano, a fragmentação das sociedades em unidades atômicas, não ligadas entre si por quaisquer laços está em pleno andamento. O cosmopolitismo e o novo nomadismo tornam-se estilos de vida mais comuns, especialmente para a geração mais jovem. Isso provoca fluxos migratórios sem precedentes, que destroem as sociedades, cujos membros são retirados do cenário, bem como aquelas onde os migrantes se enquadram. Laços culturais, nacionais, sociais e religiosas se quebram, os códigos tornam-se quebradiços, contatos orgânicos colapsam. Vivemos em um mundo de multidões solitárias, sociedades de pulverização catódica que já não são algo sólido. Solidão cosmopolita se torna a norma e destroem a identidade cultural do povo

do interior. No lugar das sociedades vem nomadismo e a teia, que dissolve os coletivos históricos orgânicos. Ao mesmo tempo, desaparecem a cultura, língua, costumes, tradição, valores e a família.

O fim do indivíduo: A divisão do indivíduo em seus componentes se torna a tendência dominante. A personalidade humana se espalha através da rede, apelidos e impulsos distintos, transformando-se em um conjunto de jogos de elementos desorganizados. Então o indivíduo perde a sua integridade e a ele é dada mais liberdade, mas à custa de alguém que pode tirar proveito delas. A cultura Pós-Moderna compulsivamente move as pessoas para mundos virtuais de telas planas, tira-nos da realidade, captura pelo fluxo de alucinações sutilmente organizadas e habilmente manipuladas. E esses processos são gerenciados pela oligarquia mundial, que procura fazer as massas do mundo controláveis e programáveis. Nunca antes o individualismo foi tão glorificado e nunca antes pessoas do mundo todo foram tão semelhantes entre si no comportamento, hábitos, aparência, técnicas e gostos.

Na busca pelos direitos humanos, o humano foi perdido em algum lugar. Logo ele vai ser substituído por um pós-humano: um mutante, um produto de clonagem, um *biorobô*, um replicante, um *cyborg*. O fim das nações e dos povos: O Mundo Global consistente destrói qualquer identidade nacional, uma após a outra, destrói os estados soberanos, cada vez mais interfere nos assuntos internos de outros países. A oligarquia global pretende derrubar todas as barreiras nacionais, impedindo a sua presença onipresente. As corporações transnacionais tentam colocar seus interesses acima dos interesses nacionais e administrações estatais, o que leva a uma dependência de sistemas externos e perda de independência. Desta forma, em vez da diversidade de Estados Independentes, forma-se a estrutura de um governo mundial com base na oligarquia financeira mundial. Os países ocidentais e os monopólios tornam-se o núcleo desse governo mundial, no qual gradualmente integra a elite econômica e política, em parte, de

outros países não ocidentais. Assim, partes das elites nacionais tornam-se cúmplices da globalização e traem os interesses dos seus cidadãos - povos e Estados.

O fim do conhecimento: A Mídia Global criou um sistema de desinformação total, organizado de acordo com os interesses da oligarquia global. Só que o que é relatado pela mídia global é considerado a "realidade". E que, como um ou outro evento ou fenômeno é relatado, está sendo automaticamente aceito pela comunidade global como uma "verdade auto-evidente" (Sabedoria Convencional). Visões alternativas, embora possam se espalhar nos segmentos da rede de sistemas de comunicação interativa, permanecem na periferia porque o apoio financeiro é fornecido apenas para aqueles elementos que servem os interesses da oligarquia global. Quando opiniões críticas atingem o limiar e tornam-se perigosas, estão sendo usados os instrumentos clássicos de repressão - pressão financeira, eufemismo, demonização, assédio legal e físico. Em tal sociedade, todo o sistema de conhecimento se torna um objeto de uma moderação global pela elite global.

O fim do progresso: Nos últimos séculos, a humanidade tem vivido pela fé no progresso e na esperança de um futuro melhor. Uma promessa disso foi vista no desenvolvimento da técnica, nas acumulações do conhecimento e descobertas científicas, no crescimento do humanismo e da justiça social. O progresso parecia estar garantido e auto-evidente. No século XXI, essa crença é compartilhada apenas por um ingênuo ou por aqueles que deliberadamente fecham os olhos para a realidade (por certo suborno ou privilégios). A crença no progresso é refutada por todo o curso das coisas. Nosso mundo não está ficando melhor, mas, pelo contrário, está sendo rapidamente degradado ou, pelo menos, continua a ser tão cruel, cínico e desleal como antes. A descoberta desse fato leva ao colapso da cosmovisão humanista. O padrão duplo do mundo ocidental, sob *slogans* cativantes sobre direitos humanos e liberdade, nos quais hoje apenas cegos não veem a vontade

egoísta de colonizar e controlar, torna-se vulgaridade. O progresso não é apenas não garantido, mas improvável. Se as coisas continuarem a se desenvolver como se desenvolvem hoje, prognósticos mais pessimistas, catastróficos e apocalípticos tornar-se-ão reais.

2. Em geral, estamos lidando com o fim de um grande ciclo histórico, no qual os parâmetros básicos estão esgotados, perturbados e as expectativas associadas a ele iludidas e riscadas. O fim do mundo não vem, ele se desdobra diante de nossos olhos e nós somos os seus observadores e participantes. Será que é o fim da civilização moderna ou o fim da humanidade? Ninguém pode prever. Mas a dimensão da catástrofe é tamanha que não podemos excluir o fato de que o agonizante mundo ocidentocêntrico global vai levar consigo para o abismo todos os outros. A situação se torna ainda mais dramática pelo fato de que no âmbito da situação atual e a existente organização do poder global mundial da oligarquia transnacional, todos os processos catastróficos não podem continuar (o limite é atingido), nem parar (a força de inércia é muito alta), nem mudar o curso (a taxa das principais tendências não permite fazer uma manobra brusca para mudar de trajetória).

3. A situação atual é intolerável, não só como é, mas para onde vai por si só. Hoje - uma catástrofe, amanhã - a morte garantida. O futuro foi roubado da Humanidade. Mas o homem difere dos animais por ter um horizonte histórico. E mesmo se num dado momento não sente todas as exigências da situação, seu conhecimento do passado e previsão do futuro construído reproduziu nele perspectivas otimistas ou sinistras. Vendo onde estávamos ontem e para onde estamos indo agora, não podemos subestimar esse caminho como do mal, da ameaça, do desafio e ataque. Somente aqueles que são privados do pensamento histórico, tornando-se consumidores cada vez mais entretidos pelo fluxo agressivo da propaganda e desinformação, os quais são cortados da educação e das traduções dos códigos culturais podem ignorar o horror da situação real. Apenas o mecanismo bruto ou de consumo, *biorobô*,

não pode reconhecer que vivemos no campo de uma catástrofe global.

4. Aqueles que salvaram pelo menos um grão de intelecto independente e livre não podem deixar de imaginar: qual é a razão da situação existente? Quais são as origens e os gatilhos do desastre? Está claro agora que eles deveriam olhar para o entusiasmo excessivo da civilização ocidental no desenvolvimento técnico, individualismo, na busca da liberdade a qualquer custo, no materialismo, egoísmo, no culto ao dinheiro e a toda ideologia liberal capitalista burguesa, bem como na crença racista das sociedades Ocidentais de que esse curso é o universal, o melhor e obrigatório para o resto do mundo. Se no início essa paixão deu resultados positivos, dinâmicas engendradas, abriu possibilidades de humanismo, ampliou a zona de liberdade, melhorou a situação das pessoas, abriu novas perspectivas a elas, então, depois de ter atingido seu limite as mesmas tendências começaram a produzir resultados opostos: a técnica passou de um instrumento para um princípio autossuficiente (a perspectiva da revolta das máquinas); o individualismo foi levado ao extremo, privou-nos de sua natureza, a liberdade perdeu seu sentido, a idolatria da matéria levou a degradação espiritual, o egoísmo destruiu a sociedade, o poder absoluto do dinheiro forçado a sair não somente do trabalho, mas também do espírito empreendedor do capitalismo; a ideologia liberal destruiu qualquer forma de solidariedade social, cultural ou religiosa.

E se nos países Ocidentais, que cresceram a partir da lógica de seus desenvolvimentos históricos e depois em outras partes do mundo, os mesmos princípios foram impostos pela força, pelas práticas coloniais e imperialistas, sem levar em conta as especificidades das culturas locais. O Ocidente, tendo embarcado nesse caminho na era moderna, não só trouxe para si mesmo um final lamentável, mas causou também danos irreparáveis para todas as outras nações da terra. Tornou-se global e universal, portanto ninguém pode simplesmente evitar ou isolar-se disso. Isso só pode ser alterado ao arrancar todo o espectro de fenômenos catastróficos. E, apesar do fato de que em sociedades não

ocidentais, a situação é um pouco diferente, simplesmente ignorar o desafio do Ocidente não pode mudar nada. As raízes do mal são muito profundas. Elas devem ser claramente entendidas, compreendidas, identificadas e colocadas no centro das atenções. É impossível lutar contra as consequências sem entender as razões.

5. Há razões para a situação desastrosa atual e também há aqueles que estão interessados nela, aqueles que querem que ela dure, quem obtém o benefício, o lucro, quem lucra com isso, aqueles que são responsáveis por isso – os quais apóiam, fortalecem, protegem e guardam essa situação, bem como a impedem de mudar o seu curso de consecução e desenvolvimento. Essa é uma oligarquia mundial global, a qual inclui estratégia política, financeira, econômica, o núcleo estratégico-militar da elite mundial (principalmente ocidental) e uma ampla rede de intelectuais servindo-a, executivos, magnatas da mídia, formando um séquito fiel de globalistas oligárquicos. Tomados em conjunto, a oligarquia global e seus assistentes são a classe dominante do globalismo. Isso inclui os líderes políticos dos Estados Unidos, alguns dos maiores países da OTAN, magnatas econômicos e financeiros, agentes da globalização que os servem, que compõem a gigantesca rede planetária, na qual os recursos são alocados para aqueles que são leais ao principal curso dos processos globais, bem como os fluxos de manipulação da informação, lobby político, cultural, intelectual e ideológico, a coleta de dados, a infiltração nas estruturas dos Estados nacionais, ainda não totalmente privados de soberania, bem como a corrupção pura e simples, suborno, influência, as campanhas de perseguição de indesejados, etc.

Essa rede globalista consiste em vários andares, incluindo as missões políticas e diplomáticas, bem como as empresas multinacionais e sua gestão, rede de mídia, o comércio global e estruturas industriais de consumo, organizações não governamentais e fundos e etc. A catástrofe na qual estamos e a qual chega ao seu auge tem uma natureza artificial feita pelo homem - há forças que estão interessadas em tudo para serem

exatamente como isso é e nada mais. Esses são os arquitetos e gerentes do egocêntrico mundo hipercapitalista global. Eles são responsáveis por tudo. A oligarquia global e sua rede de agentes é a raiz do mal. O mal é personificado na classe política mundial. O mundo é como é porque alguém quer que seja assim e se esforça muito para isso. Essa vontade é a quintessência do mal histórico. Mas se isso é verdade e alguém é responsável pela situação atual, então a oposição e a discordância com o *status quo* obtêm seu destinatário. A oligarquia mundial é colocada numa posição de inimigo de toda a humanidade. E é o inimigo. E mais, a própria presença do inimigo dá uma chance de derrotá-lo, o que significa uma chance para a salvação e superação da catástrofe.

Parte 2 - A imagem do mundo normal

1. É nos dito (através da hipnose e propaganda) que "não pode ser" de outra forma (do que é agora). Ou que qualquer alternativa seria "ainda pior". Essa melodia familiar diz que "a democracia tem muitos defeitos, mas todos os outros regimes políticos são muito piores, é melhor tolerar o que já está". Isso é mentira e propaganda política. O mundo em que vivemos, é inaceitável, intolerável, levando-nos à morte inevitável e encontrar uma alternativa para isso é uma condição de sobrevivência. Se não derrubarmos o *status quo*, não mudarmos o curso do desenvolvimento da civilização, não privarmos do poder, não destruirmos a oligarquia mundial como um sistema e como forças específicas, grupos, instituições, corporações e até mesmo indivíduos, nós vamos nos tornar não apenas vítimas, mas também cúmplices do fim iminente. As alegações de que "tudo não é tão ruim”, "antes era pior”, "de alguma forma tudo vai ficar melhor”, etc, é uma forma deliberada de sugestão, hipnose, destinada a acalmar os resquícios de consciência livre, independente e análises sóbrias. A oligarquia global não pode permitir que os vassalos da elite global ousem pensar de forma independente, sem referência aos seus secretos e sorrateiros padrões impostos. Essa elite não age diretamente, como nos regimes totalitários

do passado, mas sutilmente, insidiosamente, produzindo seus dogmas por certo e até mesmo como uma livre escolha de cada pessoa. Mas a dignidade humana consiste na capacidade de escolher e escolher especificamente entre dizer "sim" ou "não" à situação atual.

Nada e nunca sob qualquer circunstância pode provocar automaticamente um "sim" humano. "Não" pode ser dito para tudo, a qualquer hora e sob quaisquer circunstâncias. Negando esse direito, a elite global nos nega ter dignidade humana. Isso significa que se opõe não só a humanidade, mas também a natureza humana. E isso nos dá o direito de revolta contra ela, de radicalmente dizer "não" a ela e todo o estado das coisas, para refutar a sua sugestão, para acordar de sua hipnose, para aprovar outro mundo, de outra forma, uma ordem diferente, sistema diferente, presente e futuro diferente. O mundo que nos rodeia é inaceitável. É ruim sob todos os pontos de vista. É injusto, desastroso, indigno de confiança, mentiroso, não é livre. Deve ser invadido e destruído. Precisamos de um mundo diferente. E não vai ser pior, como a oligarquia global e seus servos fiéis assustam-nos, mas vai ser melhor e salvífico.

2. O que é, nesse caso, o mundo correto, a desejada ordem mundial? Qual é a plataforma padrão a partir da qual se estima o existente como uma patologia? A imagem do mundo normal de diferentes forças, *pari passu* discordante com a situação atual pode ser muito diferente. E se você se aprofundar nos detalhes dos projetos alternativos, as controvérsias inevitavelmente surgirão no campo dos apoiantes das alternativas globais, a unidade será abalada, a sua vontade de resistir será paralisada, a concorrência de projetos irá prejudicar a consolidação de forças, a qual é necessária para resistir. Assim, um mundo normal, um mundo melhor, deve ser discutido com o maior cuidado. No entanto, existem alguns princípios absolutamente evidentes e pontos de referência, os quais dificilmente podem ser questionados por ninguém em sã consciência. Vamos tentar encontrá-los.

I - Um modelo econômico é necessário, uma alternativa

ao existente sistema atual do capitalismo financeiro especulativo. A alternativa pode ser vista como no capitalismo industrial real, na economia islâmica, no socialismo, também em projetos ambientais, como os ligados ao setor de produção real, também em busca completamente de novos mecanismos econômicos, incluindo novas formas de energia, organização do trabalho, etc. A economia normal não será essa que existe hoje.

II - Em poucos recursos o problema da distribuição deve ser resolvido na base comum a todos os planos da humanidade, não com base na luta egoísta para controlá-los. As Guerras pelos Recursos - militares ou apenas econômicas - têm de ser drasticamente suprimidas. A humanidade está ameaçada de morte e em face dessa situação, temos que mudar para uma atitude diferente, para a questão democrática e de recursos. Nesse jogo não vai haver vencedores. Todo mundo vai perder. Em um mundo normal, essa ameaça deveria ser respondida por todos os povos do mundo juntos, não individualmente.

III - O normal e o melhor estado da existência humana não é a fragmentação e degradação em indivíduos atômicos, mas a preservação de estruturas sociais coletivas, mantendo a transmissão da cultura, conhecimento, línguas, práticas, crenças. O homem é um ser social e é por isso que o individualismo liberal é destrutivo e criminal. Nós temos que salvar a sociedade humana a qualquer custo. A partir disso conclui-se que a orientação social deve prevalecer sobre a liberal individualista.

IV - Em uma sociedade que deve tomar lugar deve-se manter a sua dignidade de espécie, sua identidade, sua essência, sua integridade, bem como as estruturas sem as quais sua personalidade não pode se desenvolver e corrigir - família, trabalho, instituições públicas, o direito de participar de seu próprio destino, etc. A tendências que levam à dispersão das pessoas e da sua substituição por outros tipos humanos universais devem ser interrompidas e afastadas. O homem é algo que deve ser mantido e até mesmo recriado.

V - A sociedade normal é aquela onde os povos, nações e estados são mantidos como formas tradicionais de comunidade humana, como as formas criadas, criados pela história e tradição. Eles podem mudar ou se transformar, mas eles não devem ser abolidos ou mesclados forçadamente em um único caldeirão global. A diversidade de povos e nações é um tesouro histórico da humanidade. Abolindo isso, iremos para a abolição da história, para o fim do casamento plural, liberdade e riqueza cultural. Os processos de globalização devem ser imediatamente cortados.

VI - A sociedade normal é baseada na possibilidade de obter conhecimento, da transferência de conhecimentos, em abrir habilidades para a osmose do mundo, a existência, o ser humano com base na tradição, experiência, descobertas e busca livre. A esfera de conhecimento não deve ser um campo de concurso virtual, de hipnose da mídia de massa ou um espaço para a manipulação da consciência em uma escala global. Mídias de massa suplentes e estratégias virtuais que substituem a realidade devem ser designadas para a autorreflexão sóbria baseada em fontes abertas, intuição, criatividade e experiência. Para isso, é necessário esmagar a ditadura atual da mídia, para quebrar o monopólio das elites globais para controlar a consciência de massa.

VII - A sociedade normal deve ter um horizonte positivo para o futuro na frente de si. Mas, ao mesmo tempo, para atingir o objetivo pretendido, é necessário abandonar a ilusão de que as coisas em si estão se desenvolvendo bem ou, pelo contrário, a suposição de que a catástrofe é inevitável. O ponto da história humana é que este é aberto e inclui um componente de vontade humana e da capacidade para programar a sua liberdade. Isso faz as futuras zonas de possibilidades: não será em si melhor nem pior, uma vez que pode ser criado pelas pessoas enquanto tal e mais. Tudo depende do que escolhemos e o que fazemos. Se rejeitarmos a escolha e a força de vontade de construção, o futuro pode não chegar a todos. Ou ele não seria humano.

3. A sociedade normal deve ser diversificada e plural,

policêntrica. Deve conter muitas possibilidades, muitas culturas. O normal é livre, não diálogo forçado. Cada sociedade pode escolher por si mesma o equilíbrio entre os componentes espirituais e materiais. No entanto, como mostra a história, a dominação acentuada do materialismo, invariavelmente, leva ao desastre. Esquecer-se da dimensão espiritual do indivíduo é fatal e funesto para ele. A atual guinada forte para o materialismo exagerado deve ser compensada por uma curva acentuada para o princípio espiritual. E absolutamente inaceitável é a dominação total do dinheiro sobre todos os outros valores. Os valores podem ser de qualquer tipo, mas em qualquer sociedade normal eles não devem ser colocados em um nível mais elevado. Neste sentido, toda a sociedade onde o papel do dinheiro não é tão grande como no nosso, por definição, é mais normal, justa e aceitável do que aquela em que vivemos hoje. Quem pensa o contrário ou é doente, ou é um agente de influência da oligarquia global. Justiça e harmonia são mais importantes do que o sucesso pessoal e a ganância. A ganância e o desejo de bem-estar individual são considerados um pecado pela maioria das culturas humanas ou pelo menos uma fraqueza. E a justiça, a preocupação com o bem comum, é um dos valores mais comuns. Uma sociedade justa é mais normal do que essa, que é baseada no egoísmo. A ordem do mundo normal é essa, a qual reconhece o equilíbrio de poder, o direito das sociedades e culturas diferentes para o seu próprio caminho. Isto é, essa é a norma. E essa norma, mesmo na forma mais geral e aproximada, radicalmente contrasta com aquilo o que temos ao nosso redor. *Status quo* não é normal, isso é patologia. Uma vez que a hipnose da oligarquia global é esmagada, todas as coisas retornam ao foco.

4. Em uma sociedade normal, não podemos ficar sem poder em geral. De uma ou outra forma foi, é e será. Também está presente na sociedade global que existe hoje. Esse poder pertence a uma oligarquia global que a disfarça sob o pretexto da "democracia" e "cumplicidade", "dispersão dos centros de decisão". A oligarquia mundial continua

sendo o poder em todos os sentidos, mas não direto e sim indireto, age não por coerção direta, mas com o controle sutil. É menos grosseira do que outras formas de poder, mas é mais insidiosa, enganadora e mentirosa e não menos brutal e totalitária. Ocasionalmente, ela toma a forma de um anarquismo paradoxal totalitário, dando total liberdade para as massas, mas apenas mantendo o controle total sobre o conteúdo dessa liberdade e seus parâmetros. Você pode fazer tudo, mas apenas de acordo com as regras estabelecidas. A regra é ditada pela oligarquia global. Em uma sociedade normal, o poder deveria pertencer não à elite anônima política e financeira, que constantemente leva a humanidade à sua morte, mas deveria pertencer aos melhores - aos mais fortes, mais inteligentes, mais espirituais e justos, aos heróis e aos sábios, e não a uma rede de globais funcionários corruptos, mentirosos e usurpadores. O poder sempre envolve a projeção de múltiplas vontades para uma única instância. A formação dessa instância deve proceder de acordo com as tradições históricas, sociais, culturais e, às vezes, religiosas, de cada sociedade em particular. Não existe nenhuma fórmula geral de potência ótima. A democracia funciona em uma sociedade e é um fiasco em outra. A monarquia ocorre para ser harmoniosa e pode renascer em tirania. A gestão coletiva fornece resultados positivos e negativos. Não há receitas universais, adequadas para todos. Mas qualquer poder (e até mesmo a falta dele) é melhor do que o que existe hoje e o que tomou controle sobre a humanidade global.

5. A norma vem de uma história particular de uma determinada sociedade humana. E não deve ser diferente. A norma, a amostra, o ideal, as sociedades de direito e os povos adquirem através de muitos sofrimentos, provações, erros, avaliações, experiências, eles eclodem essa regra ao longo dos séculos. E é por isso que cada sociedade tem o direito inalienável à sua própria norma. Para os seus próprios valores. Ninguém à parte tem o direito de criticar essa norma com base na sua própria sociedade histórica, distinta das demais. Se os povos e as nações não se desenvolvem da mesma maneira, como seus vizinhos fazem, isso

não significa simplesmente que não podem fazê-lo, mas que na íntegra não querem, que eles estimam o tempo histórico e a escala de sucessos e fracassos de acordo com outros critérios. E isso deve ser declarado de uma vez por todas e quaisquer preconceitos coloniais e racistas devem ser categoricamente recusados: se alguma sociedade não é semelhante a nossa, não significa que é pior, mais atrasada ou primitiva, é apenas diferente e sua alteridade - é a sua natureza, que devemos admitir. Só tal abordagem é normal. O globalismo, o ocidentocentrismo e o universalismo são a profunda patologia que demandam erradicação. Especialmente, é patológico ou mesmo criminal, se os padrões universais são definidos pela ilegítima, auto-proclamada elite global, que tem usurpado o poder planetário. Existem muitas normas, assim como existem muitas sociedades, isto é, essa é a norma universal, a ausência de um padrão uniforme para todos, liberdade e direito de escolha.

Parte 3. Imperativo Revolucionário

1. Contra a ordem existente, percebida como um mal intolerável, como a patologia e a situação, a qual conduzirá inevitavelmente à catástrofe e à morte da humanidade, é necessário propor uma alternativa ideal, o padrão, esse projeto, o qual não existe agora, mas que deverá existir. Mas a oligarquia mundial não vai desistir de seu próprio poder sob quaisquer circunstâncias. Seria ingênuo pensar o contrário. Assim, a tarefa é deslocá-lo de suas mãos, para arrancar o poder, para tomá-lo através da força. Isso pode ser feito somente sob uma condição: se todas as forças, insatisfeitas com a situação atual agirão em conjunto. Esse princípio da ação conjunta é um fenômeno único da história recente, que se tornou global. A oligarquia global define sua posição dominante a nível planetário. Sua natureza global não é uma qualidade secundária, mas reflete a sua essência. Essa oligarquia mundial ataca todos os povos, nações, estados, culturas, religiões e sociedades. Não algum tipo, não alguns regimes, não

quaisquer determinados objetos de ataque selecionados.

Essa elite vem frontalmente e totalmente, buscando transformar todas as áreas da Terra para a zona do seu controle. Mas nessas áreas existem sociedades diferentes, culturas diferentes, povos diferentes, religiões diferentes. E ainda assim elas não perderam totalmente a sua originalidade. A globalização traz a morte para todas elas, que ainda podem compreender ou sentir isso intuitivamente. Mas na situação atual, nenhum país, por si só, tem força suficiente para oferecer resistência eficaz a uma oligarquia global. E mesmo se você combinar os esforços de uma ou outra cultura, ou uma ou outra comunidade regional, que vão além das fronteiras de um único país, todas as mesmas forças não são iguais. Somente se toda a humanidade se tornar consciente da necessidade de oposição radical ao globalismo, teremos a chance de fazer da nossa luta eficaz e trazer resultados gratificantes. A ação conjunta não nos obriga a estar lutando pelos mesmos ideais ou a ser solidários com essas normas, as quais irão substituir a atual catástrofe e patologia. Esses ideais podem ser diferentes e até, em certa medida, conflituosos, mas todos nós devemos perceber que se não formos capazes de estrangular a oligarquia global, todos esses projetos (sejam eles quais forem) continuarão sem se realizar e morrerão em vão.

E se encontrarmos inteligência suficiente, vontade, sobriedade e coragem em nós mesmos para agir em conjunto contra a oligarquia mundial no âmbito da Aliança Revolucionária Global, teremos uma chance e uma oportunidade aberta não só para lutar em igualdade, mas também para ganhar. As diferenças entre nossas sociedades e seus normativos só importarão depois de derrubarmos a oligarquia global. Até o momento, contradições de projetos só jogarão nas mãos da oligarquia mundial, agindo no antigo princípio de todos os impérios - o "dividir e conquistar". A revolução global tem dois aspectos: a unidade do que está para ser destruído e a multiplicidade do que está para ser aprovado.

2. A revolução do século XXI não pode ser uma mera

reencenação das revoluções dos séculos XIX e XX. As revoluções anteriores, às vezes corretamente avaliadas nas falhas dos três regimes, contra os quais foram direcionadas. Mas o panorama histórico não permitiu perceber as raízes mais versáteis e profundas do mal. Aos ataques contra as características verdadeiramente patológicas de configuração sociopolítica e injusta, o poder alienado usurpado misturou elementos históricos e sociológicos menores e incidentais que não merecem tal árdua rejeição. As revoluções anteriores, muitas vezes espirraram a criança com água, atingindo o mal, mas afetando alguma coisa, que no contrário, merecia a restauração e preservação. O mal puro nas fases anteriores estava escondido, camuflado e às vezes essas revoluções em si trouxeram algo do espírito, dessas orientações e as tendências, que levaram hoje para a tirania financeira, midiática e global da oligarquia. Além disso, as revoluções anteriores na maioria das vezes procederam sem as condições locais e mesmo lá, onde elas alegaram serem globais, essa escala não estava possuída. Somente hoje existem condições propícias para uma revolução se tornar realmente global.

Desde que o sistema, contra o qual é direcionado, já é global na prática (não apenas no projeto). Outra característica das revoluções anteriores era que apresentavam claras alternativas de modelos sócio-políticos, que na maioria das vezes fingiam ser universais. Se agora repetirmos esse caminho, inevitavelmente repeliremos da revolução aqueles que vêem outra forma padrão (através do prisma de sua sociedade, sua história, sua cultura) e que querem um futuro diferente para si mesmos, do que outros revolucionários contra a oligarquia global. Daí, a revolução do século XXI deve ser verdadeiramente planetária e plural em seus objetivos finais. Todas as nações da terra devem se revoltar contra a ordem mundial existente conjunta e solidariamente, mas em nome de ideais diferentes e para aprovar normativas diferentes na realidade. Para ter futuro, é preciso concebê-lo como um buquê complexo de oportunidades, realização do que está sendo impedido pelo atual sistema mundial e da oligarquia global. Se

não esmagarmos a oligarquia global todos juntos em nome de finalidades e horizontes diferentes, não teremos nem um buquê, nem qualquer outro futuro, nem mais de outros futuros.

Que cada sociedade lute para o seu próprio projeto de futuro. A revolução do século XXI só será bem sucedida se no seu âmbito todas as nações lutarem contra o inimigo comum, em nome de objetivos diferentes.

3. Esses espetáculos que vemos hoje nas chamadas "revoluções coloridas" não têm nada de revolucionário genuíno em si mesmo. Eles são organizados pela oligarquia mundial, são preparados e apoiados por suas redes. As "revoluções coloridas" são quase sempre dirigidas contra as sociedades ou os regimes políticos, que ativa ou passivamente resistem à oligarquia global, desafiam seus interesses, que tentam manter certa independência de sua política, estratégia, assuntos regionais e economia. Assim, as "revoluções coloridas" ocorrem de forma seletiva, baseando-se em redes de comunicação de massa desenvolvidas pela elite globalista. Trata-se de uma paródia da revolução e servem apenas fins contrarrevolucionários.

4. A nova revolução deverá ser orientada para a derrubada radical da oligarquia mundial, para destruir a elite mundial, para destruir toda a ordem das coisas associadas a ela, ou melhor, controlar a desordem das coisas. Destruindo o nervo do mal, vamos liberar a história dos povos e das sociedades do vampiro parasita – a oligarquia mundial. Só isso pode abrir a perspectiva de construção de um futuro alternativo. Por definição própria a revolução deve ser global. A oligarquia global está agora dispersa por todo o mundo. Ela está presente não só sob a forma de estrutura hierárquica com um centro claramente definido, o núcleo, mas sob a forma de uma rede dispersa em um campo, dispensada em todo o mundo. O centro de tomada de decisões não é necessariamente no mesmo lugar onde os centros visíveis de gestão política e estratégica do Ocidente se encontram - ou seja, nos EUA e outros centros do mundo Ocidental. A especificidade da elite

global é que a sua localização é móvel e fluida, e o centro de decisão é móvel e disperso. Assim, é extremamente difícil de atacar o núcleo da oligarquia global, focando na sua forte fixação territorial. Para vencer essa rede má, é necessário arrancar simultaneamente a sua presença de diferentes partes da terra. Além disso, é necessário se infiltrar na própria rede, para semear pânico, acidente, pôr vírus e processos destrutivos. A destruição radical da oligarquia global exige das forças revolucionárias dominar os procedimentos de rede e estudar os protocolos de rede do globalismo em si. A humanidade deve lutar contra o inimigo em seu território, porque hoje toda a área tornou-se uma zona, de uma maneira ou outra controlada pelo inimigo. A luta pela destruição da elite global, portanto, deve ser não apenas comum, mas também sincronizada em diferentes partes do mundo, embora assimétrica. Além disso, a revolução no presente caso envolve uma estratégia de guerrilha no território ocupado pelo inimigo. Particularmente, isso significa que a batalha deve ser implantada no espaço cibernético também. A revolução cibernética e a prática da luta radical no espaço virtual deve ser parte integrante da revolução do século XXI.

5. De todas as ideologias dos tempos da modernidade até os tempos atuais, apenas uma sobreviveu, consubstanciada no liberalismo ou no capitalismo liberal. É exatamente essa, onde a visão de mundo e a matriz ideológica da oligarquia mundial tem se concentrado. Essa oligarquia global é aberta ou veladamente liberal. O liberalismo tem uma função dupla: por um lado, serve como um cartão filosófico para reforçar, preservar e expandir o poder da oligarquia global, isto é, atua como uma guia para o seu curso político global e por outro lado, permite recrutar voluntários e colaboradores dessa elite por uma grande aderência, e sua comitiva, em qualquer lugar do mundo; aceitando o liberalismo, personalidades diferentes - os políticos, burocratas, industrialistas, comerciantes, intelectuais, comunidade científica, a juventude, em qualquer país geram automaticamente o ambiente no qual a equipe para o globalismo está sendo recrutada, através do que as redes

são definidas, a informação é recolhida, os centros de influência são organizados, transações e soluções para o benefício das corporações transnacionais são pressionadas, outras operações estratégicas para o estabelecimento da dominação global da oligarquia mundial são conduzidas. Por isso, o principal impacto da revolução deve ser sobre os liberais em todas as suas expressões - como representantes da direção ideológica, política, econômica, filosófica, cultural, estratégica e tecnológica. Os liberais são a concha, na qual a oligarquia mundial está oculta.

Qualquer ataque contra o liberalismo e os liberais, tem uma grande chance de afetar as partes sensíveis da oligarquia mundial, seus órgãos vitais. A luta total contra o liberalismo e os liberais é o principal vetor ideológico da revolução global. A revolução deve ser de caráter rigidamente antiliberal, porque o liberalismo é exatamente um nó concentrado do mal. Qualquer outra ideologia política pode ser considerada como uma alternativa possível e não há restrições. A única exceção é o liberalismo, que deve ser destruído, esmagado, tombado, obsoleto.

Parte 4. A Queda do Ocidente: os Estados Unidos como um país do mal absoluto

1. As origens da situação atual jazem profundamente na história do Ocidente e nos processos sócio-políticos, que estão ocorrendo nessa parte do mundo. A história da Europa Ocidental levou suas sociedades ao ponto, em que gradualmente o individualismo, o racionalismo e o materialismo reducionista começaram a dominar, e na sua base o capitalismo formado e a burguesia tornaram-se triunfantes. A ideologia do liberalismo tornou-se uma expressão máxima do sistema burguês. Exatamente essa linha ideológica, filosófica, política e econômica levou à situação atual. Nos tempos de modernidade, a Europa foi o berço da civilização liberal materialista, a qual impôs isso aos outros povos da terra através da sua política colonial imperialista. Com isso as formas

mais abomináveis de coerção foram utilizadas: por exemplo, no século XVI os europeus recriaram a instituição da escravidão, que deixou de existir há milhares de anos sob a influência da ética cristã. Os europeus voltaram-se para essa prática repugnante no momento em que o Ocidente começou a desenvolver a teoria do humanismo, o livre pensamento e a democracia. A escravidão, portanto, foi uma inovação do capitalismo e da ordem burguesa. O sistema burguês foi instalado em colônias europeias, em algumas delas ele teve uma expressão mais consistente e viva, trazendo o conjunto democrático burguês a um final lógico.

Os Estados Unidos da América, um estado colonial baseado na escravidão, no individualismo, no egoísmo, na dominação de dinheiro e de bens tangíveis, tornou-se um coronal dessa civilização burguesa ocidental da era moderna. Gradualmente, as ex-colônias europeias tornaram-se centros independentes de poder e no meio do século XX tornaram-se o centro da civilização ocidental inteira, o pólo do sistema capitalista mundial. Após o fim da União Soviética, os EUA ficaram sem seu bloco de equilíbrio socialista, tornando-se um centro do sistema burguês global. Isso é exatamente a elite americana mais estreitamente fundida com a oligarquia global, praticamente identificada com ela. E, embora a oligarquia global seja maior do que a classe política americana, ela também inclui a oligarquia europeia e parcialmente as elites burguesas ocidentalizados de outras partes do mundo, nomeadamente os Estados Unidos se tornou a espinha dorsal da ordem mundial global moderna.

O poder militar americano é um fator estratégico importante na política global, o sistema econômico americano é um modelo para o resto do sistema mundial, o sistema dos meios de comunicação americano realmente coincide com uma rede global, os clichês culturais americanos são imitados em todo o mundo, a tecnologia americana está à frente de todos os outros desenvolvimentos tecnológicos. Em tal situação, a população dos EUA desempenha o papel de reféns passivos,

que são controlados pela elite global, usando as ferramentas da nação norte-americana para implementar seus objetivos globais. Os Estados Unidos são um golem gigante, controlado pela oligarquia. Nos Estados Unidos encarna o espírito de tal ordem das coisas, o que impõe uma catástrofe iminente em si, a qual é uma expressão do mal, da injustiça, exploração opressiva, alienação e do imperialismo colonial.

2. Os Estados Unidos e suas políticas em todo o mundo são um grande flagelo e um fator importante na defesa e reforço da ordem das coisas existente. Todas as tendências catastróficas do nosso tempo vêm de lá. A economia americana é baseada no domínio do setor financeiro, que substituiu completamente o mérito da produção, o capitalismo industrial clássico, para não mencionar a agricultura. *a.* A grande maioria dos cidadãos norte-americanos está empregada no setor de serviços terciário, ou seja, eles não produzem nada de concreto. O parasitismo financeiro dos EUA "se aplica a todo o planeta, porque o dólar impresso sem qualquer limitação por parte do Sistema de Reserva Federal, é uma moeda de reserva em um modelo de mundo global. A economia mundial está centrada nos EUA e trabalha para os EUA independentemente se essa economia é eficaz ou não. *b.* Com isso os Estados Unidos consome o maior percentual das reservas mundiais de recursos per capita, contaminando o ambiente com resíduos venenosos e bilhões de toneladas de detritos. Os Estados Unidos esgotam os recursos do resto do mundo e estabelecem (através do controle estratégico-militar, diplomático e econômico ao longo dos fornecedores) um preço para ele, do qual os Estados Unidos lucram. Exatamente esse modelo de hegemonia mundial dos EUA cria um grande desequilíbrio na economia mundial, a injustiça e a exploração, aproximando-se do inevitável colapso de recursos. Com isso, na distribuição dos recursos naturais os EUA são guiados apenas por seus interesses nacionais, o que gera pré-requisitos para desastres iminentes. *c.* A sociedade americana tem ido mais longe do que qualquer outra sociedade ocidental no caminho da atomização, individualização e ruptura dos laços sociais. Construída por

imigrantes de diferentes países, a sociedade americana inaugurou o nascimento da identidade individual.

Divorciado de uma coletividade específica, de suas raízes, o modelo Europeu Ocidental foi autorizado a ser realizado no território das Américas em condições puramente laboratoriais. A sociedade americana não apenas desintegra gradualmente os indivíduos, mas ela foi originalmente composta por eles. É por isso que aqui o individualismo alcançou seu limiar lógico e a sociabilidade (incluindo o socialismo) teve uma extensão mínima em comparação com todos os outros países ocidentais (para não mencionar o leste). *d.* Isso é exatamente os EUA, onde o processo de individuação atingiu os seus limites extremos e saiu na direção de experimentos para estabelecer os seres pós-humanos.

Os sucessos dos cientistas norte-americanos no domínio da engenharia de clonagem, genética e experiências com híbridos em desenvolvimento permitem sugerir que um dia vamos testemunhar o fenômeno do aparecimento de pós-seres humanos. *e.* A sociedade americana foi baseada principalmente na mistura de culturas, nações e grupos étnicos, sobre o princípio do "melting pot". A ausência de laços étnicos orgânicos era sua especialidade. Espalhando a sua influência para todo o resto do mundo, os EUA também estão promovendo esse princípio cosmopolita, tornando isso uma norma universal. Além disso, os EUA atuam como a principal força, privando um país após o outro de seu direito de soberania nacional e intrometendo-se nos territórios alheios sempre que é conveniente aos seus interesses. Tais como foram as invasões das forças armadas dos EUA e outros países da OTAN, seguindo a linha da política dos EUA na Sérvia, Afeganistão, Iraque, Líbia, etc.

São exatamente os EUA que desempenham um papel importante na promoção do cosmopolitismo e da dessoberanização das nações e Estados. *f.* A mídia mundial, em cuja consciência está a criação da absolutamente falsa imagem virtual do mundo, estabelecida no

interesse da oligarquia global, é em sua maioria americana e representa uma continuação da mídia dos EUA. Agindo nos interesses da elite mundial global, ela baseia seus sistemas na rede de informação dos EUA. Na sociedade norte-americana as massas da população são extremamente ignorantes e têm falta de cultura, combinada com a ingenuidade e confiando inteiramente nas noções falsas e fabricadas, que são distribuídas pela indústria do entretenimento, mídia e outros meios. Esse estereótipo da ignorância, a representação dos desenhos animados do mundo, sociedade, história, etc., em combinação com certas habilidades e competências tecnológicas, os Estados Unidos se espalham para as sociedades que ficam na zona de sua influência.

Nomeadamente, o sistema Americano do conhecimento, focado exclusivamente nos interesses pragmáticos e materiais, com base na exploração dos intelectuais, quase inteiramente composta por imigrantes de outros países, representa a culminação da distorção da esfera do conhecimento em prol da propaganda, pecuniária e benefícios utilitaristas. *g.* Os americanos têm uma ideia concreta do progresso, acreditam no crescimento ilimitado de seu sistema econômico, estão confiantes sobre o futuro, o qual no seu ponto de vista deve ser "americano". A maioria deles acredita sinceramente que uma expansão do "estilo de vida americano" para toda a humanidade é a bênção real e ficam perplexos quando se deparam com a rejeição e uma reação totalmente diferente, negativa (especialmente quando a propagação desse estilo de vida é acompanhada por uma invasão militar e extermínio em massa da população local, pelo desenraizamento violento dos costumes tradicionais e religiosos e outros deleites da ocupação direta).

Aquilo que os americanos chamam de "progresso", a "democratização", "desenvolvimento" e "civilização" é de fato uma degradação, colonização, degeneração, degenerescência e uma forma paradoxal peculiar da ditadura liberal. Não é exagero dizer que os Estados Unidos como um bastião do liberalismo militante, é uma

encarnação visível de todo o mal que assola a humanidade hoje, é um mecanismo poderoso que constantemente leva a humanidade à catástrofe final. Esse é o império do mal absoluto. E os reféns e vítimas do curso desastroso desse império não são apenas todas as outras nações, mas também os americanos comuns, não diferentes do resto das conquistadas, espoliadas, privadas e perseguidas nações de abate.

3. É significativo que os símbolos nacionais norte-americanos são um conjunto de detalhes sinistros. A estátua da Liberdade reproduz a deusa grega do inferno - Hecate e sua tocha, a qual as pessoas acendem à noite, alude que esse é um país da noite. O sinal do dólar copia os pilares de Hércules, os quais, de acordo com os gregos antigos, delimitavam onde terminava a zona habitável do Mediterrâneo e para além deles jazia o mundo do inferno oceânico - a área de titãs, demônios, e aquela que afundou por causa do seu orgulho, do seu materialismo e a sua corrupção, Atlântida; mas em vez da inscrição "nec plus ultra" ("Nada mais além"), que foi feita em égide, ligando as colunas, os americanos colocaram a inscrição “plus ultra” ("mais além"), quebrando, assim, uma proibição simbólica e moral que justifica a construção de sua civilização infernal. A pirâmide maçônica nos braços dos Estados Unidos não tem topo, o que significa uma sociedade sem uma hierarquia vertical, cortada de sua origem celestial. Não menos ameaçadores são os outros símbolos. Esses são detalhes e eles podem ser tratados de forma diferente, mas sabendo do grande papel na cultura humana que eles desempenham, não devemos negligenciar tais caracteres significativos.

4 Os EUA lideram outras sociedades para a ruína. E também perecem. Ao mesmo tempo, a escala dos processos catastróficos é tal, que seria ingênuo esperar que alguém nesta situação fosse capaz de se esquivar sozinho do poder destrutivo do ídolo incidente. A questão não é simplesmente "empurrar o incidente", mas para empurrá-lo para tal lugar que seja seguro para nós. De modo que não nos esmague. A Torre de Babel americana está destinada a entrar em colapso, mas é muito

provável que, sob seus escombros todos os outros países serão enterrados. Os EUA se tornaram um fenômeno global há muito tempo e não um país separado. Portanto, a luta com os Estados Unidos não pode ser de um personagem dessas guerras históricas, que foram levadas a cabo por uns Estados contra os outros (ou coalizões de Estados).

A América é um fenômeno planetário, global, e, portanto, a luta efetiva contra ela só é possível se isso tiver lugar simultaneamente em todo o mundo, incluindo o território dos próprios EUA, onde, como em outros lugares, estão presentes forças inconformistas revolucionárias, que categoricamente discordam do curso dos Estados Unidos, do mundo capitalista e do Ocidente global. Essas forças revolucionárias dentro dos EUA podem ser dos mais diversos grupos - ambos direitistas e esquerdistas, pessoas de diferentes orientações religiosas e étnicas. E eles devem ser considerados como um segmento importante da frente planetária revolucionária. Até certo ponto, hoje todos nós estamos no império americano - direta ou indiretamente e ainda desconhecidos, se é mais fácil e seguro para lutar contra ele na periferia, em países ainda não formalmente colocados sob o controle direto dos EUA. A suíte da oligarquia mundial, a qual está quase sempre ao mesmo tempo com os agentes de influência norte-americana, liberais ocultos ou diretos, está alerta para as manifestações de inconformismo em todas as regiões do mundo. E com a proliferação dos meios de controle e da capacidade de armazenamento, o processamento de informação e uma transmissão de total sombreamento depois de qualquer elemento suspeito em qualquer lugar do mundo já é um problema fácil de resolver, e amanhã vai ser uma ocorrência de rotina. É importante entender que vivemos em uma América global, e nesse contexto, aqueles que se opõem aos Estados Unidos e a hegemonia norte-americana, bem como a oligarquia mundial do exterior, não diferem muito daqueles que são contra o mesmo inimigo de dentro. Estamos todos rigorosamente na mesma situação.

1. A oligarquia global usa conflitos convenientes, divide e incita seus inimigos uns contra os outros. Ela participa de guerras agressivas, as provoca e continuará a agir assim no futuro. A questão não é: lutar ou não lutar, nós seremos forçados a lutar em qualquer caso. Hoje é mais importante o como lutar e com quem? A guerra é uma parte inevitável da história humana. Todas as tentativas de evadi-la na prática levaram apenas a mais guerras, cada vez mais violentas que as anteriores. Assim, o realismo nos compele a tratar a guerra de modo equânime e imparcial. A humanidade fez guerras, as faz agora e as fará até seu fim.

A maioria das profecias religiosas sobre o futuro o descreve em termos de "batalha final". Assim, a guerra deve ser entendida como um ambiente sócio-cultural da existência humana. Isso é inevitável e isso deve ser tomado como dado. As guerras rasgarão a humanidade, mas a cada vez nós temos que aprender a analisar corretamente as forças envolvidas na guerra. Essa análise muda qualitativamente sob as circunstâncias atuais. As guerras mais antigas foram travadas entre grupos étnicos, ou entre religiões, ou entre impérios, ou entre Estados nacionais e no século XX entre blocos ideológicos. Hoje um novo tipo de guerra emergiu, no qual o protagonista é sempre uma oligarquia global, implementando seus planos, ou com o uso direto das forças americanas e das tropas da OTAN, ou organizando conflitos locais de tal maneira que seu cenário seja consistente com os interesses dessa elite indiretamente. Em alguns casos, conflitos, guerras e distúrbios são provocados por participação de muitos grupos, nenhum que represente os interesses da oligarquia global diretamente; então estamos lidando com uma situação de caos controlado, manipulação com a qual procedem estrategistas americanos desde a década de 80. Em outros casos, a oligarquia global apoia simultaneamente partidos antagônicos, manipulando-os ao seu favor.

A correta análise da guerra moderna então é reduzida à definição do algoritmo do comportamento e escolha de objetivos e

estratégia táticos da oligarquia global e do Estado americano em cada caso particular. Esse tipo de análise requer um novo método, baseado numa consciência revolucionária e global. Participando da guerra ou a observando, devemos sempre tentar compreender sua estrutura oculta e sua verdadeira natureza, no que concerne o âmago do programa de conflitos do governo mundial e da elite planetária. A saber, este elemento é o causador de praticamente todas as guerras de hoje, com cuja ajuda a oligarquia global mantém e fortifica sua dominância, tentando adiar seu fim.

2. Uma Frente Antiamericana em condições de uma nova guerra deve primeiramente ser o centro da correta análise das forças antagônicas e dos interesses da oligarquia global, ocultos por trás destes, e em segundo lugar, deve possuir desenvolvidas habilidades de reorientação em ações militares contra o real culpado de qualquer conflito moderno – contra a oligarquia global mesma, o ambiente liberal, a influência da rede de agentes americanos e outros cúmplices. Hoje não há mais agressores e vítimas, interesses nacionais ou competição de forças acumuladas, que explicavam guerras do passado. Guerras do século XXI são personagens de episódios de uma única guerra civil global, insurgências e operações de retaliação simétricas pelo governo mundial. A Frente Antiamericana por sua mera existência deve servir de mecanismo de reorientação para qualquer conflito relâmpago no verdadeiro propósito e seus reais culpados – os EUA, o globalismo e suas estruturas.

3. As novas condições requerem que melhoremos as capacidades de luta clássicas, como também comandando novos territórios de guerra – incluindo redes cibernéticas, virtuais. Dominar essas áreas é a mais importante questão para a Frente Antiamericana, pois redes virtuais permitem um efetivo uso de formas assimétricas de operações militares. Se o poder militar no sentido de formas tradicionais de armas faz dos recursos da hierarquia global e seus instrumentos, EUA e OTAN, incomparavelmente e muitas vezes superiores ào poder

total dos adversários potenciais, e se nessa área do confronto frontal dificilmente haveria alguma chance de vencer, então a área das guerras virtuais, ciberestratégias e outros fatores são decisivos.

Não menos importantes são os papeis desempenhados pela criatividade, formas de pensamento não convencionais, inventividade e habilidade de agir fora da caixa. No ciberespaço, em certos estágios as forças da oligarquia global e da contra-elite revolucionária podem ser equiparadas ao menos temporariamente: em estruturas de uma área uma vez aberta, zona ou tecnologia, especialmente a principio, criatividade de sujeitos isolados, é comparável com as maiores construções orçamentárias de corporações transnacionais. Algo tal como um site pessoal ou um blog elegante de um solitário talentoso pode atrair público e ter um impacto comparável às fontes governamentais de informação de um país ou mídia de grande escala fundada por recursos de globalistas. Tendo capitalizado estratégias de rede, fica fácil travar uma excelente e dinâmica ciberguerra com a oligarquia global – incluindo vírus, *trollagem* revolucionária, *flaming, floodagem, spamming,* uso de *bots* e estratégias virtuais e *sockpuppets*. A respeito disso, a Frente Antiamericana da contra-elite global precisa tanto de treinadores militares e veteranos de conflitos à maneira antiga, quanto de tropas de hackers, programadores, administradores de sistemas e figuras singulares de uma resistência global virtual. A realidade inteira é agora um campo de guerra – localizada tanto em off-line quanto em zonas virtuais relacionadas. Devemos estar preparados para guiar toda uma guerra global, estendendo as operações de zona de combate a todos os atuais níveis – do comportamento comum, estilo de vida, moda, trabalho e lazer para ideologia, fluxo de informações, tecnologia, redes e mundos virtuais.

Devemos procurar infligir o dano máximo na oligarquia global e nos interesses dos Estados Unidos e OTAN a todos os níveis possíveis – pessoal, militar, econômico, cultural, informativo, redes, ciberespaço, etc. O inimigo deve ser atacado tanto abertamente quanto furtivamente.

Em qualquer lugar onde arde a resistência ao globalismo, à expansão americana e à dominação da oligarquia global, deve se concentrar esforços globais de uma Frente Antiamericana planetária, dando suporte aos rebeldes, manutenção de informações, assistência militar, conduzindo todo tipo de ação munida a infligir dano máximo na oligarquia global – moral, físico, informativo, imagem, ideológico, material, econômico, etc.

4. Uma contra-elite revolucionária mundial deve atuar por qualquer meio, dependendo da situação. Sob circunstâncias militares por meios militares, sob as pacíficas – como se der. Deve ficar claro: estamos lidando com um sistema de ilegítimo terror liberal, sistema político criado por uma junta canibal de maníacos internacionais, que desregradamente aumentam sua influência mundial, liderando a humanidade à morte. Se aceitarmos suas regras, estamos garantidos à escravidão, humilhação, degradação, dissolução e a morte vindoura. A atual situação não é somente uma condição temporária, oprimida por detalhes desagradáveis e custos vexatórios; é uma diagnose fatal: a perpetuação das atuais tendências não é compatível com vida. Em tal situação, para nós não há qualquer lei, obstáculo, atitude moral e código de conduta. Neste assunto falemos apenas após a destruição desse obsceno bando global de oligarcas e seus mercenários internacionais. Então, na luta contra o sistema qualquer meio é justificado pelo fim.

Devemos compreender claramente que o poder da oligarquia não pode ser considerado uma lei e seus parâmetros de autoridade de poder que cooperam com isso são colaboradores ilegítimos. A única lei é a luta revolucionária global para uma mudança radical no curso da história humana. Só essa guerra é legítima, justa e moral. Só estas regras e estes propósitos são justificáveis e válidos de respeito. Qualquer um que não se envolve na guerra pelo lado da Revolução, com esse simples fato já ajuda a oligarquia global a manter e acentuar seu poder. A lei da sociedade global moderna é ilegalidade, todas as proporções invertidas. E ao contrário, a única regra legítima agora é revolta, resistência, luta

contra o *status quo*, tentando classificar esse despotismo em termos reais. Enquanto o poder estiver nas mãos da oligarquia global, não teremos que contemplar quaisquer leis, exceto as leis de guerra e revolução.

Entretanto, a própria oligarquia global governa baseando-se no novo, provocando conflitos e manipulando-os. Em tais circunstâncias, estamos lidando com ladrões ilegais e maníacos, os quais matar é o dever de toda pessoa normal, consciente de sua dignidade de espécie. A guerra é a nossa pátria, nosso elemento, o nosso ambiente natural e nativa no qual devemos aprender a existir de forma eficaz e vitoriosamente.

Parte 6. A Estrutura da Aliança Revolucionária Global

1. O sujeito da nova revolução mundial deve ser a contra-elite mundial. Essa contra-elite destina-se a formar a Aliança Revolucionária Global (ARG) como cristalização dos esforços para atividades perturbadoras subversivas revolucionárias que mirem a demolição do atual sistema global e a queda do poder da oligarquia global e sua comitiva. Essa Aliança Revolucionária Global deve ser um novo tipo de organização, própria às condições do século XXI. Nenhum partido, movimento, ordem, loja, seita, comunidade religiosa, grupo étnico ou casta – como formas coletivas de eras anteriores – deve servir de modelo para sua estrutura.

A Aliança Revolucionária Global deve ser uma estrutura em rede, sem um único centro de controle, ou um círculo fixo de membros permanentes, nem grupo dirigido, ou um estabelecimento permanente ou algoritmo definido de ação. A Aliança Revolucionária Global deve ser espontânea, organicamente inscrita no processo lógico global, nunca sendo planejada antecipadamente e nem vinculada a tempo e lugar. Só uma presença móvel dará efetividade e imunidade contra o sistema global opressor e seu policiamento. As atividades da Aliança devem se basear no entendimento de um grupo de princípios comuns, objetivos de

luta, a identificar o inimigo, reconhecendo o *status quo* como catastrófico, intolerável e requerendo total destruição, como também entender as causas dessa situação, os estágios de seu desenvolvimento e processo instrumental, que fizeram isto possível e real. Todo aquele que entender isso é um membro da Aliança Revolucionária Global, todo aquele que não aceitar a atual situação e que está pronto para agir de acordo com este entendimento. É por isso que a Aliança Revolucionária Global deve ser policêntrica. Ela não deve ter um único território, nação, religião ou outro centro.

A Aliança deve operar em todos os lugares, sem fronteiras, raças ou religiões, na base da própria convicção e espontaneamente abrir janelas para oportunidades. É exatamente a ausência de uma estratégia geral o eixo da estratégia revolucionária e não estar fixada em um centro nervoso unificado hierárquico central – o modelo dominante dessa operação.

A Aliança Revolucionária Global deve estar em todo lugar e em lugar nenhum. Deve realizar suas ações rebeldes sempre e nunca em um tempo fixo. A Aliança Revolucionária Global deve aparecer ali mesmo, onde a oligarquia global menos espera. Nisso a Aliança Revolucionária Global deve ter uma atuação de vanguarda, para prática de Budismo Zen ou jogo vigoroso, para jogar a fundo o fim da humanidade. As regras desse jogo podem ser facilmente mudadas ao seu desenrolar; os jogadores podem mudar suas caras, identidades, história pessoal e outras características pessoais (incluindo residência e documentação).

A Aliança Revolucionária Global deve provocar a falha no sistema, um curto-circuito no funcionamento da hierarquia global e seu sistema configurado. É impossível realizar isso de maneira bem planejada, preparada e modelada; a oligarquia global irá descobrir imediatamente e tomar medidas preventivas. É por isso que devemos agir com foco na completa imprevisibilidade - combinando ações heróicas pessoais com ações coletivas em todos os segmentos da realidade.

2. A Aliança Revolucionária Global deve ser deliberadamente assimétrica – que poderia potencialmente tomar parte em estados, forças sociais, partidos políticos, movimentos, grupos, até indivíduos isolados. Tudo o que se opõe realmente ou moderadamente, frontalmente ou tangencialmente ao poder da oligarquia global deve ser considerado como território da Aliança Revolucionária Global. Esta área pode ser condicional ou concreta, nacional ou cibernética, natural ou em rede.

- Se qualquer país no mundo – grande ou pequeno – age contra a dominação global dos Estados Unidos, OTAN, o Ocidente global e o sistema financeiro liberal global, então esse estado deve ser considerado parte da Aliança Revolucionária Global e ser ajudado de toda maneira, independentemente se compartilhamos dos valores desse estado, se seus comandantes são atraentes ou repulsivos, se seu atual sistema é justo ou corrupto.

  Nada deve nos impedir de dar suporte a tal estado, como por toda parte no atual equilíbrio mundial da crítica de poderes, chantagem e demonização de tal estado não são nada além de propaganda difamatória das elites globais, desacreditando seus oponentes.

A Aliança Revolucionária Global proíbe categoricamente seus apoiadores e participantes de qualquer crítica aos regimes antiamericanos e também a tais países, cujas políticas ao menos diferem significativamente da estratégia da elite global. Aqueles que sucumbirem ao truque do sistema mundial de desinformação total e acreditarem em insinuações feitas contra tais regimes antiamericanos, merecem uma censura. Não podemos excluir, que se trate de provocadores procurando dividir os escalões da contra-elite. A observação dessa regra ou sua violação pode ser uma causa provável para determinação da adequação ou inadequação dos que pretendem participar da Aliança Revolucionária Global.

- O mesmo princípio é aplicável no caso de avaliar movimentos, partidos, religiões, organizações políticas e nacionais. Não importa o que eles estão reivindicando, se seus objetivos são bons ou ruins, se gostamos ou não de seus líderes, se seus valores são claros ou não, suas atitudes, motivos, objetivos. Importa outra coisa: se eles lutam contra os Estados Unidos e a oligarquia global, se eles destroem o sistema existente, ou pelo contrario, o mantém, o servem e dão assistência ao seu funcionamento. Se o primeiro, são automaticamente considerados elementos da Aliança Revolucionária Global; se o segundo – então caem dentro do campo do mal do mundo e satélites da oligarquia global; e nesse caso não devem esperar por misericórdia ou benevolência. Sobretudo critério de orientação sobre a discórdia deve ser distinguido aqui: ditos movimentos, partidos políticos, grupos religiosos ou outras associações, que se botam em confronto e competição com outros movimentos de mesmo nível acima do imperativo de oposição à oligarquia global, são cúmplices indiretos dessa oligarquia e são seus instrumentos inconscientes.

A oligarquia global incita maliciosamente um grupo contra outro para distrair ambos da luta contra ela mesma. Por isso apenas tais grupos (os enormes, como portadores de particular religião global e os pequenos, como associações separadas de cidadãos em uma plataforma comum) devem ser escalados para a Aliança Revolucionária Global, que claramente sabem do fato que em qualquer confronto local e regional o principal inimigo está na maioria dos casos escondido, como sua oligarquia global e para derrotá-lo, se necessário, devem se unir até mesmo com seus piores inimigos (a nível local), se estão também orientados contra a oligarquia. Os que desafiam esse princípio agem nas mãos da oligarquia global e podem ser culpados nisso com todos os motivos de acusação. Nessa esfera também não se pode confiar na mídia de massa global, desacreditando

certas organizações políticas, nacionais, ideológicas ou religiosas, que se satisfazem com a oligarquia global: de certo toda informação sobre estes será cientificamente falsa e acreditar nela deve ser considerado um erro, se não um crime. Os que são denegridos pela mídia global, são quase certamente os mais dignos grupos políticos, religiosos, ideológicos, e sociais que merecem o apoio da Aliança Revolucionária Global.

- O mesmo deve ser aplicado a indivíduos separados, mantendo a posição de rejeitar a oligarquia global ou seus críticos. Estes já são membros da Aliança Revolucionária Global em seu próprio modo, seja percebendo isso ou não, declarando ou dissimulando, garantindo ou negando. Não é necessário requerer uma clara posição de tais pessoas: por motivos técnicos, em certas situações pode ser desvantajoso para eles (logo para todos nós). Sobre isso, é necessário apenas avaliar o dano que eles podem causar na prática contra a oligarquia global e proceder a partir disto. Um programa categórico para que eles estão lutando é absolutamente irrelevante.

Isso deve ficar conosco e deve ser completamente alheio. É necessário avaliar essas pessoas por extensão e efetividade de sua resistência, sua subversividade, destruição para com o atual *status quo*. Se esse nível é bom, eles merecem um total e indubitável apoio. E novamente nesse caso deve ser um engano, até mesmo um crime aceitar informações detratoras, que são produzidas contra eles pela mídia oligarca globais e satélites nacionais. Se a oligarquia põe uma pessoa em particular na lista negra, a Aliança Revolucionária Global deve simplesmente apoiá-la. Na maioria das vezes tudo o que é alegado sobre essa pessoa pode ser uma mentira deliberada do começo ao fim. Mas isso não importa – se todas as insinuações globalistas eram verdade, não muda nada – vivemos sob uma lei marcial e o herói é aquele capaz de infligir maior dano ao inimigo, não alguém que seja exemplo moral ou tenha outras qualidades, crucial para a estima social humana em tempos

de paz. Um revolucionário tem sua própria moral: é a eficácia e sucesso de sua luta contra o despotismo mundial.

3. Seja qual for os motivos que fazem certos poderes rejeitar o *status quo* e desafiar a oligarquia, a globalização, o liberalismo e os Estados Unidos, eles devem ser, em todo caso, trazidos à aliança. O resto será decidido após a vitória sobre o inimigo e o colapso da nova Babilônia. Esse é o princípio mais importante que deve ser tomado por base da Aliança Revolucionária Global. A oligarquia global baseia seu poder no fato de que projetos de forças revolucionárias alternativas diferem de uma zona para outra, de uma sociedade para outra, de uma confissão, ou mesmo dentro de linhas confessionais, para outra, de um partido para outro e finalmente, de um atuante para outro. Essas contradições de objetivos afrouxam ao máximo a campanha dos oponentes do *status quo* e assim, criam condições para exclusiva dominação da elite global.

É exatamente esse princípio a espinha dorsal estratégica de seu poder despótico e bem sucedido. Foi observado repetidamente que até mesmo fracas tentativas de unir diferentes partidos, movimentos, grupos étnicos, estados ou até indivíduos isolados em uma plataforma anti-globalista e anti-oligarca geral causa uma reação histérica por parte da oligarquia global e seus aliados, repressões sem motivo, medidas preventivas para erradicar e prevenir e até dividir os termos de tais tentativas. Se referindo a esse assunto de criação de uma Aliança Revolucionária Global, ignorando diferenças nos objetivos em base de um único inimigo comum – oligarquia global, os Estados Unidos, o capitalismo financeiro planetário ocidental, nós acertamos o ponto mais vulnerável do sistema vigente, abrimos seu código, minamos a base de sua estratégia imperial, consistindo no jogo de contradições internas das diferentes forças. A história do século XX mostra que qualquer associação baseada em propósitos comuns, mesmo os mais massivos (como era no caso do sistema mundial do comunismo e dos partidos comunistas que operam praticamente em todos os países do mundo) tem

sua própria barreira restritiva e não pode ir além de um certo limite. E o colapso do socialismo mundial é relacionado com isto: tendo reunido todos possíveis ao redor de iniciativas anti-capitalistas com metas claramente categóricas, formações dogmáticas, tendo restringido outras interpretações, os comunistas esgotaram todos os recursos revolucionários do Marxismo, mas não angariaram uma massa crítica, necessária para uma verdadeira vitória sobre o capitalismo.

Fora do movimento marxista ficaram estratos ardentemente conservadores, religiosos, movimentos nacionais, que eram igualmente intransigentes em relação ao capitalismo global, mas não compartilhavam especificamente da utopia comunista. Aproveitando esta divisão, o Ocidente foi capaz de derrotar o bloco soviético. Este destino deve ser levado em conta pelos revolucionários do século XXI seriamente. Se hoje continuamos insistindo num consentimento de uma unidade de intenção que propomos como uma alternativa a oligarquia católica (capitalista?) global e a dominação mundial dos Estados Unidos, estamos condenados ao fracasso inevitável e nós mesmos passamos às mãos do inimigo a arma da vitória sobre nos mesmos.

4. A Aliança Revolucionária Global deve se nutrir do espírito da liberdade e independência em primeiro lugar, e somente secundariamente deve procurar recursos materiais para operações particulares e projetos. Nunca começar a partir de uma questão de recursos. Ela deve começar da vontade. Esse é o sentido de dignidade humana. Essa é a regra mais importante do desenvolvimento da Aliança Global Revolucionária. E no seu centro o espírito deve estar. Há situações em que não se pode lidar com circunstâncias externas, com as forças da natureza, com o poder do destino. Por vezes se confronta com obstáculos que são impossíveis de superar, que estão acima. Mas a essência do humano radica no fato, que mesmo reconhecendo a força bruta e a pressão das circunstâncias, pode moralmente admitir ou não admitir o que está acontecendo, de dizer tanto “sim” ou “não” às circunstâncias. E se este diz “não”, assim ele sentencia as circunstâncias

por seu veredito decisivo, então preparando a linha para mais decisões (solução? Resolução?). Estando em desacordo com o mundo objetivo, o espírito humano em seu desacordo já o muda e ainda que as consequencias de seu veredito não venham nesse caso, ele nunca estará morto. E exatamente esse espírito que move a história, a sociedade e a vida humana.

Qualquer bem material, qualquer potencialidade em desacordo com o espírito, a vontade e a aprovação moral será inútil e impotente. E conhecemos exemplos onde civilizaçoes inteiras negaram direitos às coisas materiais em serem considerados os verdadeiros valores, pelo contrário, colocaram os verdadeiros valores dentro do domínio espiritual – nos mundos da contemplação, divindade, fé, asceticismo. Inversamente, a presença da escolha moral é capaz de trazer uma completa falta de recursos e meios ao seu oposto, a construir um império sem fim começando com o mínimo de capital, cobrindo uma vasta área da existência material. O espírito humano pode fazer tudo.

É por isso que a Aliança Revolucionária Global deve estar pronta a começar sua luta contra a oligarquia global desde qualquer ponto – de um indivíduo em separado, pequeno grupo de pessoas, até movimentos, partidos, e assim aos confins de comunidades religiosas, sociedades inteiras, nações e civilizações. Pode-se entrar em uma batalha não tendo nada, com base em uma estimativa negativa da atual situação e descontentamento radical, insatisfação com o que ocorre. E pode depender da estrutura existente de qualquer escala. Recursos para implementação de atividades de revolução global, para uma guerra planetária total deve ser traçada de todo canto, não importando sua fonte ou destino. Aqui cabem todos – grande e pequeno, armas tradicionais e novas tecnologias, infraestruturas de estados inteiros ou plataformas internacionais, criatividade de indivíduos isolados, heroicamente se aliando à luta contra a besta oligarca global. Apenas o espírito move a história humana. No espírito, em sua doença, em sua fraqueza, em seu

declínio, em seu assombro devemos olhar para a raíz da atual patologia e essa deve ser curada somente pelo espírito.

Parte 7. Imagens do Futuro: a Dialética das Múltiplas Normas

1. O futuro só será possível se conseguirmos destruir o mundo existente e fazer a norma uma realidade. Cada segmento da Frente Antiamericana, cada elemento da Aliança Revolucionária Global tem sua própria visão de futuro, sua própria norma. Deve-se supor que estas imagens e estas normas são diferentes, díspares, e até mesmo mutuamente exclusivas. Mas esta circunstância será importante apenas se essas normas e as imagens do futuro forem realizadas como algo universal e obrigatório, algo que é exclusivo e exclui todos os outros imperativos comuns a toda a humanidade. Neste caso, a divisão no seio da Aliança Revolucionária Global é, mais cedo ou mais tarde inevitável, e, portanto, sua atividade está fadada ao fracasso em algum momento.

Os muçulmanos, ateus, cristãos, socialistas, anarquistas, libertários, conservadores, fundamentalistas, sectários, progressistas, ambientalistas, ou tradicionalistas dificilmente se darão bem uns com os outros, se eles tentam espalhar a sua visão do futuro para os seus vizinhos e consequentemente, a toda a humanidade. E a oligarquia global irá tirar proveito imediato disso, martelando uma barreira entre os adversários, que irá dividir a sua solidariedade e vai matar ou estrangular cada um individualmente.

Considerando a absoluta simplicidade e primitivismo de uma tal estratégia, tem invariavelmente e sistematicamente dado um resultado positivo para aqueles que têm usado nos últimos milênios. A Aliança Global Revolucionária não tem direito de sucumbir a tal reviravolta de eventos pré-programada e antecipada. A capacidade de extrair conhecimento da história e criar uma estratégia baseada no pensamento racional é um atributo essencial de uma pessoa inteligente. Assim, para que a guerra tenha sucesso, a Aliança Global Revolucionária deve evitar essa armadilha iminente. Com imagens diversas e díspares do futuro,

devemos aprender a imaginá-los em seu local, ao invés de um contexto universal. Islã para os muçulmanos, o cristianismo para os cristãos, socialismo para os socialistas, ecologia para os ambientalistas, o fundamentalismo para os fundamentalistas, a nação para os nacionalistas, anarquia para os anarquistas e assim por diante - que deve ser a maneira de conceber o futuro. Isto significa que tem de reconhecer a multiplicidade, a pluralidade de futuro, a sua variabilidade, bem como a coexistência de concepções diferentes do futuro em diferentes territórios contíguos ou não contíguos.

A Aliança Revolucionária Global se opõe ao futuro único, comum a todos, mas representa um ramo de futuro, para a humanidade ser alimentada com uma variedade de tons e cores, formas e variações, horizontes e balizas áreas direcionadas à frente ou o retorno para as raízes. Mas, para alguns desses futuros alternativos se realizarem, a ajuda de outras forças - os que estão determinados a ver o futuro de uma forma diferente - é necessária. Esta é a principal descoberta da estratégia revolucionária do século XXI. Ninguém recebe o seu próprio futuro se rejeita a ideia de que os outros vão ter o seu próprio futuro, bem como, diferente da de qualquer outro, sua norma própria e seu próprio horizonte. O futuro vai se tornar real e livre somente se todas as nações e culturas, todas as civilizações e os movimentos políticos, todos os estados e indivíduos separados conseguirem acabar com a hegemonia americana, a oligarquia global e do sistema financeiro. E isso só pode ser feito combinando os esforços de todos aqueles que estão descontentes. Ninguém deve ser excluído da Aliança Revolucionário Global. Todos aqueles que se opõem ao *status quo* e que vêem a raiz de todo mal no liberalismo, do globalismo e americanismo devem ser tratados como participantes de potenciais da nossa frente comum.

2. O futuro deve basear-se no princípio da solidariedade, em sociedades como unidades holísticas orgânicas. Cada cultura vai dar sua própria resposta a uma determinada forma espiritual e religiosa. Essa forma será diferente em cada caso. Mas elas terão algo em comum. Não

há tais culturas, religiões e estados, que elevam a matéria, dinheiro, conforto físico, a eficácia mecânica e prazer vegetativo para o valor mais elevado. A matéria nunca pode recuperar a sua própria forma, porque ela é informe. Mas é precisamente este tipo de uma civilização totalmente materialista que está sendo construída em uma escala global pela oligarquia, explorando os estímulos mais vis e tangíveis, e os impulsos mais primitivos da humanidade. Nas profundezas mais obscuras da alma, estão as mais vergonhosas, semi-animais, semi-demoníacas energias adormecidas, tendendo à matéria, a fim de fundir-se com o ser orgânico, físico.

Estas energias indolentes, resistentes ao fogo, à luz, à concentração e elevação, são a espinha dorsal mais explorada pelo sistema global, que ele cultiva, com o qual vagueia e que ele celebra. Esse abismo da alma, ou a voz da fisicalidade, arrunia qualquer forma cultural, qualquer ideal, qualquer normativa, qualquer que seja. Isto significa que, ao longo da história chega a uma parada, o eterno retorno do ciclo de consumo começa, assim como a corrida para os prazeres materiais, o consumo de simulacros e de imagens irracionais. É desta forma que as sociedades perdem o seu futuro.

Cada cultura se opõe a esses apetites mais básicos, as energias de entropia espiritual e decadência, mas o faz à sua maneira e marca as coordenadas para as suas próprias normas, suas ideias e seu espírito. E apesar do fato de que os traços e configuração dessas formas e ideais são diferentes, todos eles têm uma coisa em comum – de fato, como é o caso quando nós estamos falando sobre a forma, em vez de substância, sobre uma ideia, ao invés de fisicalidade, sobre a norma e esforço, ao invés de dissipação, entretenimento e libertinagem. Portanto, a imagem do futuro é comum em toda a sua diversidade e para alcançá-lo, todos os elementos da Aliança Revolucionária Global devem lutar contra a oligarquia global. Em todos os casos, é a forma, ao invés de deformidade, uma ideia, ao invés de matéria, algo que eleva o espírito humano, ao invés de afundar no abismo do vazio físico entrópico

inercial. No coração de qualquer norma suporta o bem comum, verdade e beleza. Cada nação tem seus próprios ideais - geralmente bem diferentes. No entanto, eles compartilham a visão de que são estes que são os ideais e não qualquer outra coisa. A oligarquia mundial destrói todos esses ideais, não deixa serem acolhidos. Ao fazê-lo, priva todas as sociedades do futuro.

3. Esses ideais devem ser conquistados na guerra e fortificados no fogo da revolução. Isto não ocorrerá simplemente por si mesmo. Essa é a razão pela qual a revolução contra o mundo global americano não é apenas um detalhe ou um acidente, mas o trabalho da história, o movimento do qual é bloqueada por certas forças. Estas forças não se retirararão por si só, não vão se afastar e não darão chance para as energias de existência. Estamos no fim da linha histórica e civilizacional. A estrutura desse fim de linha é tal que ambas as dimensões objetivas e subjetivas pressupõem que o bloqueio é de forma deliberada e egoista mantido por um fenômeno histórico e, ao mesmo tempo, anti-histórico – a oligarquia global. A fim de abrir as portas para o futuro, é necessário explodir a barreira que fica em seu caminho. Sem guerra, sem vitória. Sem vitória, sem futuro vindouro. Ao contrário da natureza, onde o sol nasce todas as manhãs, por si só, o início da aurora da história humana depende diretamente da eficácia e do sucesso da luta contra as forças das trevas - a oligarquia mundial, os Estados Unidos e o capitalismo global. Só depois de arrancada a elite global existente, o curso da história pode se mover para a frente, de onde ele ficou preso hoje. O futuro só pode ser criado na guerra e nascido do fogo da Revolução Global. Guerra e Revolução são um despertar. O dia é o tempo dos despertos. Enquanto isso, a oligarquia mundial faz todo o possível para garantir que a humanidade continue adormecida e visa garantir que nunca acorde. Para este fim mesmo, um mundo artificial virtual está sendo criado, onde a noite dura para sempre e o dia é representado em simulação electrônica refinada. Este mundo deveria ser explodido.

4. O projeto do futuro deve ser contemplado e criado abertamente. Povos e das sociedades devem selecioná-lo, mas não recebê-lo como algo imposto. Assim, a Aliança Revolucionária Global deve agradar a todos e para todos, que deve divulgar tudo sobre suas metas e objetivos e os seus horizontes e seus planos. A Aliança Revolucionária Global não deve procurar impor ou conceder nada a ninguém. A Aliança Revolucionária Global não promete nada, não instiga e não leva a um lugar que só é claro para a própria Aliança, mas que permanece um mistério para todos. Tais táticas não nos darão o resultado desejado. A Aliança Revolucionário Global insiste em um despertar universal, sobre a mobilização total, a perfuração e conscientização geral da catástrofe que se abriu e está ganhando força, e na construção de um novo mundo transparente - aberto a todas as pessoas – na sua fundação dramática. Devemos dizer a verdade às pessoas: o estado da humanidade é horrível, o auto-diagnóstico é altamente decepcionante. Sim, esta é uma doença, uma doença grave, profunda e implacável. Mas... curável. Ele é curável se for reconhecida como uma doença, considerada como tal e se houver a vontade de mudar a situação e para encontrar o horizonte de recuperação. Para encontrar a saúde, é necesário se reestabelecer. Para recuperar, temos de perceber que estamos seriamente doentes. E o primeiro passo para a recuperação será identificar onde a doença nos leva e quais são seus principais veículos. Os registros de casos estão localizados na cultura ocidental moderna e seu prelúdio histórico.

O portador da doença, parasitária sobre o seu desenvolvimento bem como as células tumorais em tecidos sadios, é oligarquia global, o monstro estatal Americano, a ideologia do liberalismo, viciosa em seus fundamentos, sua rede mundial de agentes de influência, servindo a interesses do império do mal em todas as sociedades, incluindo aquelas que foram capazes de manter pelo menos imunidade parcial em relação a esses malignos vírus corrosivos. Os médicos sabem que sem a vontade do paciente, a recuperação não é possível e nenhum truque ou método

externo vai ajudar. Portanto, os principais aliados da Aliança Revolucionária Global são as próprias pessoas, sociedades, culturas, toda a humanidade, que são simplesmente obrigados a acordar e se livrar da escória sanguessuga oligarca liberal norte-americana. Redefinir e começar a viver uma vida plena - de acordo com a própria vontade e confiar em nossa própria mente. Só então a missão da Aliança Global Revolucionária será realizada e não deixará de ser uma necessidade para ela. Em seu lugar virá o futuro, que a humanidade vai escolher para si e que ele vai fazer livremente com suas próprias mãos. Se criará a si mesmo, só por si e apenas para si.

A Visão Eurasianista

Princípios básicos da plataforma doutrinária eurasianista

O fôlego da época:

Cada época histórica tem o seu próprio "sistema de coordenadas" distinto - político, ideológico, econômico e cultural. Por exemplo, o século XIX na Rússia passou sob o signo da disputa entre "eslavófilos" e "pró-ocidentais" [zapadniki]. No século XX o divisor de águas passou entre "vermelhos" e "brancos". O século XXI será o século da oposição entre "Atlantistas" * (os partidários do "globalismo unipolar" **) e "eurasianistas". ***

*Atlantismo – termo geopolítico que denota:

- Do ponto de vista histórico e geográfico, o setor Ocidental da civilização mundial;
- Do ponto de vista estratégico-militar, os países membros da OTAN (em primeiro lugar, Estados Unidos);
- Do ponto de vista cultural, a rede unificada de informações criada pelos impérios midiáticos Ocidentais;
- Do ponto de vista social, o "sistema de mercado", alegado como sendo absoluto e negando todas as diferentes formas de organização da vida econômica;

Atlantistas são estrategistas da civilização ocidental e os seus partidários conscientes em outras partes do planeta, com o objetivo de colocar o mundo inteiro sob seu controle e impor os estereótipos sociais, econômicos e culturais típicos da civilização ocidental sobre o resto da humanidade. Os Atlantistas são os construtores da "nova ordem mundial" - o sistema mundial sem precedentes beneficiando uma minoria absoluta da população do planeta, o chamado "bilhão de ouro".

**Globalismo - o processo da construção da "nova ordem mundial", no centro do qual estão os grupos oligarcas político-financeiros do Ocidente, é chamado de globalização. As vítimas deste processo são Estados soberanos, culturas nacionais, doutrinas religiosas, tradições, manifestações econômicas de justiça social, meio ambiente - toda a diversidade espiritual, intelectual e material do planeta. O termo "globalismo" no habitual léxico político significa apenas "globalismo unipolar", ou seja, não a fusão das diferentes culturas, sistemas sócio-políticos e econômicos em algo novo (como este seria "o globalismo multipolar", "globalismo eurasianista"), mas a imposição de estereótipos ocidentais sobre a humanidade.

*** Eurasianismo (em seu sentido mais amplo) – termo geopolítico básico indicando:

- Do ponto de vista geográfico, todo o mundo, excluindo o setor Ocidental da civilização mundial;
- Do ponto de vista estratégico-militar, todos os países que não aprovam as políticas expansionistas dos Estados Unidos e seus parceiros da OTAN;
- Do ponto de vista cultural, a preservação e o desenvolvimento das tradições orgânicas nacionais, étnicas, religiosas e culturais.

- Do ponto de vista social, diversas formas de vida econômica e "sociedade socialmente justa".

O Eurasianismo (o seu sentido histórico estrito) é uma corrente filosófica gerada na década de 1920 entre os emigrantes russos. Os autores principais são N.S. Trubetskoy, P.N. Savitsky, N.N. Alekseev, V.G. Vernadsky, V.I.Ilyn, P.P. Suvchinski, E. Khara-Davan, Ya. Bromberg e outros. Desde os anos 1950 e 1980 este movimento foi desenvolvido por L.N. Gumilyov.

Neoeurasianismo: surgiu no final da década de 1980 (sendo o fundador o filósofo A.G. Dugin) e ampliou o alcance do conceito tradicional de eurasianismo, alinhando com novos blocos de ideias e metodologias – tradicionalismo, geopolítica, "Nova Direita", "Nova Esquerda", "Terceira Via" na economia, teoria do "direito dos povos", ecologia, filosofia ontológica, vetor escatologico, nova compreensão da missão universão da história russa, perspectiva paradigmática da história da ciência, etc.

Contra o estabelecimento da ordem mundial atlantista e a globalização estão os defensores do mundo multipolar - os eurasianistas. Os eurasianistas defendem em princípio a necessidade de preservar a existência de todos os povos da terra, a variedade florescente das culturas e tradições religiosas, o direito inquestionável dos povos à independência e a escolher o seu próprio caminho de desenvolvimento histórico. Os eurasianistas apoiam o diálogo de culturas e sistemas de valores, eles apreciam a combinação orgânica de devoção à tradição e criativas inovações culturais. Eurasianistas não são apenas os representantes dos povos que vivem no continente Eurasiano.

Desta forma, eurasianistas são todas as personalidades criativas livres que reconhecem os valores da tradição, entre eles também são representantes dessas regiões, que objetivamente constituem as bases do Atlantismo. Eurasianistas e Atlantistas se opõem um ao outro em todos os níveis. Eles defendem duas diferentes, mutualmente excludentes

imagens do mundo e seu futuro. É a oposição entre Eurasianistas e Atlantistas que define o esboço histórico do século XXI.

A visão Eurasianista do futuro do mundo

Os Eurasianistas consequentemente defendem o princípio da multipolaridade, estando contra a globalização unipolar imposta pelos Atlantistas. De acordo com a visão Eurasianista deste Novo Mundo, Estados tradicionais não se farão mais necessários. Em vez disso, haverá novas formações integradas civilizacionais ("grandes espaços"), unidas em "cinturões geoeconômicos" ("zonas geoeconômicas"). De acordo com o princípio da multipolaridade, o futuro do mundo é imaginado como relações de parceria benevolentes e equitárias entre nações e pessoas, organizado – conforme o princípio da proximidade em termos de geografia, cultura, valores e civilização – em quatro cinturões geoeconômicos (cada um consistindo por sua vez, em alguns "grandes espaços").

- Cinturão Euro-Africano,incluíndo três grandes espaços: União Europeia, Africa Árabe-Islâmica, Africa Negra;

- Cinturão Pacífico-Asiático, incluíndo Japão, as nações do sudeste asiático e Indochina, Austrália e Nova Zelândia;

- Cinturão Eurasiano continental, incluindo quatro "grandes espaços", Rússia e os países da Comunidade dos Estados Independentes (CEI), as nações Islâmicas continentais, Índia e China;

- Cinturão Americano, incluindo três "grandes espaços": America do Norte, Central e América do Sul.

Graças a tal organização do espaço mundial, conflitos mundiais, guerras sangrentas e formas extremas de confronto, ameaçando a própria existência da humanidade, tornam-se menos prováveis.

Rússia e os seus parceiros no cinturão Eurasiano continental vão estabelecer relações harmônicas não apenas com os cinturões de vizinhos (Euro-Africano e do Pacífico-Asiático), mas também com seu antípoda - o cinturão Americano, que também serão chamados para desempenhar um papel construtivo no hemisfério ocidental no contexto da estrutura multipolar.

Tal visão de futuro da humanidade é o oposto dos planos globalistas dos Atlantistas que visam criar uma Nova Ordem Mundial unipolar preparada previamente sob o controle das estruturas oligarcas do Ocidente.

A visão Eurasiana da evolução do estado

Os eurasianistas consideram o Estado-nação, em suas características atuais, como uma forma obsoleta de organização dos espaços e dos povos, típico do período histórico a partir do século XV ao XX. No lugar dos Estados-nação, novas formações políticas devem surgir, combinando em si a unificação estratégica dos grandes espaços continentais com o sistema multidimensional complexo de autonomias nacionais, culturais e econômicas. Algumas características dessa organização dos espaços e dos povos podem ser observadas tanto nos antigos impérios do passado (por exemplo, o império de Alexandre, o Grande, o Império Romano, etc) e nas novas estruturas políticas (União Europeia, CEI).

Os estados contemporâneos enfrentam hoje aos seguintes cenários:

- Auto-liquidação e integração no espaço planetário único sob a dominação dos Estados Unidos (atlantismo, a globalização);

- Oposição à globalização, tentando preservar as suas próprias estruturas administrativas (soberania formal) não obstante a globalização;

- Inserção de formações supra-estatais de natureza regional (“grandes espaços”) com base histórica, civilizacional e em comunidades estratégicas.

A terceira variante é a Eurasiana. Do ponto de vista da análise eurasianista, esta é a única forma de desenvolvimento capaz de preservar as coisas mais valorizadas e originais, que os Estados contemporâneos são chamados a proteger frente a globalização. A mera aspiração conservadora para preservar o Estado a qualquer custo está fadada ao fracasso. A orientação consciente das lideranças políticas dos Estados para se dissolver no projeto globalista é tida pelos eurasianistas como renúncia de valores cuja preservação tem sido o dever dos Estados históricos em relação a seus súditos.

O século XXI será a arena das decisões fatídicas por elites políticas contemporâneas relativas à emissão das três perspectivas possíveis.

A luta pela terceira variante do desenvolvimento se situa nas bases de uma ampla coalizão internacional de novas forças políticas, em sintonia com a visão de mundo eurasianista. Os eurasianistas consideram a Federação da Rússia e da CEI, como o núcleo de uma formação autônoma futura política - a "União Eurasiana" ("Núcleo Eurásia"), e ainda de um dos quatro cinturões geo-econômicos mundiais básicos ("Bloco Continental Eurasiano"). Ao mesmo tempo, os eurasianistas favorecem fortemente o desenvolvimento de um sistema multidimensional de autonomias. (Autonomia: do grego antigo: autogoverno - a forma de organização natural por uma comunidade, unida por algum tipo de característica orgânica, nacional, religiosa, profissional, familiar, etc. Uma característica distintiva da autonomia é a maior liberdade nas esferas não relacionadas com os interesses

estratégicos das formações geográficas políticas. A autonomia se opõe à soberania - uma característica das organizações dos povos e espaços típicos dos Estados-nação na sua forma atual. No caso da soberania, lidamos com a prioridade do direito de gestão livre e independente do território; autonomia pressupõe independência nas questões da organização da vida coletiva dos povos e regiões, não vinculados à gestão do território.)

Vemos o princípio a autonomia multidimensional como a melhor estrutura organizacional para os povos, grupos étnicos e sócio-culturais, na Federação Russa, a União Europeia, o "Cinturão continental Eurasiano" e os restantes "grandes espaços" e "cinturões geo-econômicos" ("zonas"). Todas as terras (territórios) das novas formações político-estratégicas ("grandes espaços") devem ser colocadas sob gestão direta de um centro de governo estratégico. Dentro da competência da autonomia permanecem questões ligadas a aspectos não-territoriais da gestão.

O princípio eurasianista da divisão de poderes

O princípio eurasianista de gestão política propõe dois diferentes níveis de governo: local e estratégico. A nível local, o governo é controlado através das autonomias - é claro que está sendo composto por associações de diferentes tipos (daqueles com milhões de pessoas para pequenas unidades constituídas por poucos trabalhadores). Este governo age absolutamente sem restrições e não é regulado por quaisquer autoridades superiores. O modelo para qualquer tipo de autonomia é livremente escolhido, fruto da tradição, inclinação direta e democrática da vontade das unidades orgânicas: as sociedades, grupos, organizações religiosas.

Sob a gestão das autonomias, são colocados o seguinte:

- Questões civis e administrativas;

- Esfera social;
- Serviços de educação e saúde;
- Todas as esferas da atividade econômica.

Ou seja, tudo, para além dos ramos estratégicos e as questões relativas à segurança e integridade territorial dos "grandes espaços". O nível de liberdade dos cidadãos, graças à organização da sociedade de acordo com o princípio eurasianista de autonomia, é de uma elevação sem precedentes. O indivíduo tem a oportunidade de autorrealização e desenvolvimento criativo nunca antes visto na história da humanidade. As questões de segurança estratégica, as atividades internacionais externas ao quadro do espaço continental, as questões a nível macroeconômico, o controle sobre os recursos estratégicos e de comunicação - são encontradas sob a gestão de um Centro estratégico unificado. (Centro estratégico unificado - definição convencional para todos os casos quando o controle é delegado ao governo estratégico regional dos "grandes espaços". É uma estrutura hierárquica rígida, que combina elementos militares, ramos jurídicos e administrativos. É o pólo de planejamento geopolítico e do governo dos "grandes espaços".)

O equilíbrio dos níveis estratégicos e locais de poder é estritamente defendido. Qualquer tentativa de introduzir a autonomia encontrada nas questões da competência do único centro estratégico deve ser excluída. A recíproca é verdadeira. Desta forma, os princípios eurasianistas de governo combinam organicamente direitos tradicionais e religiosos, tradições nacionais e locais levando em conta todos os diversos regimes políticos sociais moldados no curso da história e, portanto, oferecer uma sólida garantia de integridade, segurança, estabilidade e territorial.

Visão eurasianista sobre a economia

Os Atlantistas pretendem impor a todos os povos no mundo um único modelo de ordem econômica, elevando a experiência do desenvolvimento econômico da parte ocidental da civilização mundial nos séculos XIX-XX ao *status* de norma.

Somente os campos em grande escala estratégicos, ligados à necessidade de garantir a segurança geral (do complexo militar-industrial, transporte, recursos, energia e comunicações) estão sujeitos ao controle rígido. Todos os restantes setores econômicos devem se desenvolver livre e organicamente, de acordo com as condições e tradições das autonomias concretas onde a atividade econômica ocorre naturalmente.

Eurasianismo chega à conclusão de que, no campo da economia não há verdade absoluta - as receitas de liberalismo* e do marxismo** só podem ser parcialmente aplicadas, dependendo das condições reais. Na prática, a abordagem de mercado livre tem de ser combinada com o controle sobre os campos estratégicos. A redistribuição dos lucros precisa ser controlada de acordo com os objetivos nacionais e sociais da sociedade como um todo. Dessa forma, o eurasianismo está de acordo com o modelo econômico da terceira via***.

* Liberalismo - doutrina econômica que defende que apenas a liberdade máxima do mercado e privatização de todos os instrumentos econômicos criam condições favoráveis para o crescimento econômico. O liberalismo é a doutrina dogmática econômica dos Atlantistas e globalistas.

** Marxismo - doutrina econômica que defende que o controle total sobre o processo econômico por algum corpo social, a lógica do planejamento geral obrigatória e a distribuição equitativa do produto excedente entre todos os membros da sociedade (coletivismo) pode estabelecer as bases econômicas de um mundo justo. Marxismo rejeita o mercado e a propriedade privada.

*** “Terceira Via” econômica - conjunto de teorias econômicas, combinando a abordagem de mercado com uma quota definida de economia regulada com base em critérios e pricípios supra-econômicos.

A economia do eurasianismo deve ser construída sobre os seguintes princípios:

- Subordinação da economia a alguns valores civilizacionais mais espirituais;
- Princípio da integração macro-econômica e divisão do trabalho na escala dos "grandes espaços" ("união aduaneira");
- Criação de um único sistema financeiro, de transportes, energético, produtivo e informacional dentro do espaço Eurasiano;
- Diferenciando fronteiras econômicas com os países vizinhos "grandes espaços e zonas geoeconômicas";
- Controle estratégico dos ramos sistematizadores pelo centro e paralelamente máxima liberdade para atividade econômica a nível de pequenas e médias empresas;
- Combinação orgânica das formas de gestão (estrutura de mercado) com as tradições sociais, nacional e cultural das regiões (ausência de um padrão uniforme econômico em médias e grandes empresas).

A visão eurasianista sobre finanças

O Centro estratégico unificado da União Eurasiana também deve considerar a questão do controle sobre a circulação monetária como estrategicamente relevante. Nenhum único meio de pagamento deve ser usado como moeda de reserva universal. É necessário criar uma própria moeda de reserva Eurasiana, sendo o curso legal nos territórios

pertencentes à União Eurasiana. Nenhuma outra moeda será utilizada na União Eurasiana como moeda de reserva. Por outro lado, a criação de meios locais de pagamento e de troca, sendo o curso legal dentro de uma ou mais de uma autonomia vizinha deve ser incentivada em todos os sentidos. Esta medida evita a acumulação de capital para fins especulativos e fornece um estímulo à sua circulação. Além disso, aumenta o tamanho do investimento para o setor real da economia. Portanto, os recursos serão aplicados em primeiro lugar, onde podem ser produtivamente empregados.

No projeto eurasianista, a esfera financeira é vista como um instrumento de produção real e de troca, orientada para os aspectos qualitativos do desenvolvimento econômico. Ao contrário do projeto Atlantista (globalista), a esfera financeira não deve ter autonomia (financialismo*) qualquer.

> * Financialismo - o sistema econômico da sociedade capitalista em sua fase pós-industrial, sendo o resultado lógico do desenvolvimento ilimitado de princípios liberais na economia. Sua característica distintiva é que o setor real da economia torna-se subordinada a operações financeiras virtuais (bolsas de valores, mercados de títulos financeiros, investimentos de carteira, as operações com responsabilidades internacionais, operações de futuros, previsão especulativa das tendências financeiras, etc.) Financialismo se articula mediante políticas monetaristas, separando a área monetária (moeda de reserva mundial, o dinheiro eletrônico) da produção.

A visão regional do mundo multipolar supõe níveis diferentes de moeda:

- Moeda geoeconômica (dinheiro e valores em papel, sendo o curso legal dentro de uma zona geoeconômica definida, como instrumento das relações financeiras entre os centros estratégicos de um conjunto de "grandes espaços");

- Moeda do "Grande espaço" (dinheiro e valores em papel, sendo o curso legal dentro de um "grande espaço" definitivo - em particular no seio da União Eurasiana -, como instrumento das relações financeiras entre as autonomias);

- Moeda (diferentes formas de troca equivalente) ao nível das autonomias.

De acordo com este regime, deve ser organizada a emissão e instituições de créditos de financiamento (bancos), bancos regionais, os bancos dos "grandes espaços", bancos (e seus equivalentes) das autonomias.

A atitude eurasianista em relação à religião

Em devoção à herança espiritual dos antepassados, na vida religiosa significativa, os eurasianistas encontram um sinal de autêntica renovação e desenvolvimento social harmônico.

Os Atlantistas, a princípio, se recusam a ver nada além do efêmero, o temporário, o presente. Para eles não há basicamente nem passado nem futuro. A filosofia da eurasianismo, ao contrário, combina a confiança profunda e sincera no passado com uma atitude aberta para o futuro. Os eurasianistas aceitam a fidelidade às fontes religiosas, bem como a pesquisa criativa livre. O desenvolvimento espiritual para eurasianistas é a principal prioridade da vida, que não pode ser substituído por qualquer benefício econômico ou social. Na opinião dos eurasianistas, cada tradição religiosa local ou sistema de fé, mesmo os mais insignificantes, é o patrimônio de toda a humanidade. As religiões tradicionais dos povos, relacionados com diferentes heranças culturais e espirituais, merecem o maior cuidado e preocupação. As estruturas representativas da religião tradicional devem ser apoiadas pelos centros estratégicos. Grupos cismáticos, associações religiosas, seitas extremistas totalitárias, pregadores de doutrinas religiosas e

ensinamentos não tradicionais e quaisquer outras forças orientadas para a destruição devem ser ativamente combatidas.

A visão eurasianista sobre a questão nacional

Os eurasianistas acreditam que todos os povos do mundo, desde aqueles que fundaram grandes civilizações até os menores, que conservam cuidadosamente as suas tradições, são uma riqueza inestimável. A assimilação por influência externa, a perda da linguagem ou a forma tradicional de vida, a extinção física de qualquer um dos povos da Terra é uma perda irreparável para toda a humanidade. Eurasianistas chamam a abundância de povos, culturas e tradições, o "florescimento da complexidade", um sinal do desenvolvimento saudável e harmônico da civilização humana.

Os grão-russos, neste contexto, representam um caso único da fusão de três componentes étnicos (eslavo, turco e fino-úgrico) em um único povo, com uma tradição original e uma cultura rica. O próprio fato da ascensão dos grão-russos a partir da síntese de três grupos étnicos, contém um potencial de integração de valor excepcional. Por essa mesma razão a Rússia mais de uma vez se tornou o núcleo da união de muitos povos e culturas diferentes em um único conjunto civilizacional. Os eurasianistas acreditam que a Rússia está destinada a desempenhar o mesmo papel no século XXI.

Os eurasianistas não são isolacionistas, na mesma medida que eles não apoiam a assimilação a qualquer custo. A vida e o destino das nações é um processo orgânico, que não tolera qualquer interferência artificial. Questões inter-étnicas e internacionais devem se resolver de acordo com sua lógica interna. Todas as pessoas do planeta devem ter a liberdade de fazer suas próprias escolhas históricas de forma independente. Ninguém tem o direito de forçar qualquer pessoa a perder a sua singularidade, misturando no "caldeirão global", como os Atlantistas pretendem. Os direitos dos povos não são menos importantes para os eurasianistas que os direitos dos indivíduos.

Eurásia como planeta

O Eurasianismo é uma cosmovisão, uma filosofia, um projeto geopolítico, uma teoria econômica, um movimento espiritual, um núcleo em torno do qual consolida um amplo espectro de forças políticas. O eurasianismo está livre do dogmatismo, da submissão cega às autoridades e ideologias do passado. Eurasianismo é a plataforma ideal para o habitante do Novo Mundo, para os quais disputas, guerras, conflitos e mitos do passado têm apenas um interesse histórico. O princípio Eurasiano é a nova visão de mundo para as novas gerações do novo milênio. O Eurasianismo deriva sua inspiração de várias doutrinas filosóficas, políticas e espirituais, que até agora pareciam inconciliáveis e incompatíveis.

Junto com isso, o eurasianismo tem um conjunto definido de ideias básicas, a partir do qual não se pode desviar em qualquer circunstância. Um dos princípios fundamentais do eurasianismo é a oposição consistente, ativa e generalizada ao projeto globalista unipolar. Esta oposição (diferente da simples negação ou conservadorismo) tem caráter criativo. Entendemos a inevitabilidade de alguns processos históricos concretos: nosso objetivo é estar consciente deles, participando neles, levando-os para a direção que corresponde aos nossos ideais. Pode-se dizer que o eurasianismo é a filosofia da globalização multipolar, apelando para a união de todas as sociedades e os povos da terra para a construção de um mundo original e autêntico, todos os componentes de que organicamente derivam de tradições históricas e culturas locais. Historicamente, as teorias eurasianistas fizeram sua primeira aparição entre os pensadores russos no início do século XX. Mas essas ideias estavam em consonância com a busca espiritual e filosófica de todos os povos sobre a terra - pelo menos, daqueles que perceberam a natureza limitada e inadequada dos dogmas banais, o fracasso e o beco sem saída em que os clichês intelectuais estavam atados, a necessidade de escapar das habituais estruturas para novos horizontes. Hoje, podemos atribuir ao eurasianismo um

significado novo, global; podemos perceber como a nossa herança eurasianista não é apenas o trabalho da escola russa, muitas vezes identificado com o termo, mas também de um enorme estrato cultural e intelectual de todos os povos da terra, não estritamente pertencente ao quadro estreito do que até há pouco tempo (no século XX) foi considerado imutável ortodoxia (liberal, marxista e nacionalista).

Nesse sentido maior e mais amplo, o eurasianismo adquire um novo significado extraordinário. Agora não é apenas a forma da ideia nacional para a nova Rússia pós-comunista (como era considerado pelos pais-fundadores do movimento e pelos neoeurasianistas contemporâneos na primeira fase), mas um vasto programa de relevância universal planetária, de longe superior a das fronteiras da Rússia e do continente eurasiano. Da mesma forma como o conceito de "americanismo" de hoje pode ser aplicado a regiões geográficas encontradas para além das fronteiras do mesmo continente americano, "eurasianismo" significa uma escolha distinta civilizacional, cultural, filosófica, estratégico, que pode ser feito por qualquer pessoa, onde quer que ele viva e o qualquer seja a localidade de sua cultura nacional e espiritual.

A fim de proporcionar este significado de eurasianismo com o conteúdo real, ainda há muito a ser feito. E na medida em que novos e novos estratos culturais, nacionais, filosóficos e religiosos irão juntar-se em nosso projeto, o mesmo significado global do eurasianismo será ampliado, enriquecido, modificado em suas características. No entanto, essa evolução do pensamento Eurasianista não deve simplesmente ser uma questão teórica - muitos aspectos devem encontrar sua expressão e realização somente através da prática política concreta.

Na síntese eurasianista, nenhuma palavra pode ser pensada sem ação, nem ação sem palavra. O campo da batalha espiritual para o sentido e o resultado da história é o mundo inteiro. A escolha de um próprio campo pertence a todos individualmente. O tempo vai decidir o resto. No entanto, mais cedo ou mais tarde, através de grandes realizações e à custa de batalhas dramáticas, a hora da Eurásia chegará.